

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

Estilos de vida e expansão urbana: um estudo sobre os condomínios
horizontais de Piracicaba

APRESENTADO POR
TAINÁ OMETTO BEZERRA

PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO MARIANA CAVALCANTI

Rio de Janeiro, Março de 2014

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

Estilos de vida e expansão urbana: um estudo sobre os condomínios
horizontais de Piracicaba

TAINÁ OMETTO BEZERRA

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, Março de 2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Bezerra, Tainá Ometto

Estilos de vida e expansão urbana : um estudo sobre os condomínios horizontais de Piracicaba / Tainá Ometto Bezerra. – 2014.

129 f.

Dissertação (mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientadora: Mariana Cavalcanti.

Inclui bibliografia.

1. Condomínio (Habitação). 2. Espaço urbano. 3. Estilo de vida. 4. Crescimento urbano. I. Cavalcanti, Mariana. II. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 307.76

TAINÁ OMETTO BEZERRA

**ESTILOS DE VIDA E EXPANSÃO URBANA: UM ESTUDO SOBRE OS
CONDOMÍNIOS HORIZONTAIS DE PIRACICABA.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Bens Culturais e
Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do
Brasil para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

Data da defesa: 28/03/2014


ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO



Mariana Cavalcanti
Orientador (a)



Julia O'Donnell



Eugênia Motta

AGRADECIMENTOS

É impossível não iniciar esta seção agradecendo aos meus pais. Se este trabalho se concretiza é porque Elisete e José de Ribamar me encorajaram para iniciá-lo, além disso, gostaria de agradecê-los pelo inestimável apoio durante a realização desta dissertação, e por toda a sua dedicação e afeto. Gostaria de agradecer também aos meus irmãos, Maíra e Lucas que buscaram compreender minha pesquisa e se disponibilizaram a conversar sobre o meu objeto de estudo, ampliando o meu entendimento sobre a temática.

Agradeço também ao Luiz Fernando, companheiro de idas e vindas aos condomínios horizontais fechados investigados e também pelo seu apoio e paciência durante os meus momentos solitários de estudo e escrita. Certamente, o seu afeto e carinho foram de extrema importância para o conclusão deste trabalho.

Acompanhando o meu desenvolvimento e sempre disposta a escutar minhas crises e eternas dúvidas, a professora e orientadora Mariana Cavalcanti, que foi de fundamental importância graças à sua disponibilidade, leituras atentas e ótimas indicações bibliográficas, profissional esta, que admiro e possuo imenso respeito.

Agradeço ainda a todos os entrevistados para esta pesquisa, pelos quais sempre fui bem recebida e atendida com toda a disposição. A ajuda dos amigos e parentes piracicabanos também foi fundamental na articulação dos contatos para as entrevistas, agradeço: Gabriela Carmignani, Renan Novais, Valéria Martins, Nicole Martins e Flávia Beduschi. Devo agradecer também a Bruna Ribeiro e Ana Laura Alvez, amigas de profissão e vida que contribuíram para a minha análise das entrevistas com conversas sobre o meu objeto de estudo.

RESUMO

Este estudo analisa como a moradia em condomínios horizontais fechados modifica a relação dos seus moradores com a cidade onde residem, isto é, de que modo o “estilo de vida condomínios horizontais fechados” altera a maneira como os seus residentes vivenciam a cidade. O exame da dimensão simbólica das relações dos condôminos com a cidade e com o próprio espaço onde vivem foi realizado através de entrevistas com residentes de condomínios horizontais fechados da cidade de Piracicaba. Além disso, foi realizada a análise da publicidade desse tipo de residência privada, para investigar como esses locais estavam sendo vendidos à população. Outra fonte de pesquisa que contribuiu para esta análise foi notícias de jornais que divulgaram as transformações urbanas de Piracicaba ocorridas entre os anos 50 e 90 do século XX. O estudo das transformações urbanas piracicabanas é base para compreender o modelo urbanístico desenvolvido na cidade a partir da segunda metade do século passado, e para entender a alta procura efetuada pelas classes mais abastadas da cidade pelos condomínios horizontais fechados e as implicações desse modelo de moradia urbana na relação entre habitante e cidade.

Palavras-chave: condomínios horizontais fechados, Piracicaba, elites, estilo de vida, visão de mundo.

ABSTRACT

This study examines how housing in closed condominiums modifies the relation of its residents to the city where they reside, i.e., how the "lifestyle in closed condominiums" changes how its residents sense and relate the city where they live. The examination of the symbolic dimension of the relations of the shareholders with the city and with their living space itself was conducted through interviews with residents of closed condominiums in Piracicaba. Additionally, I analyzed the advertising of private residence to understand how these places were sold. News newspaper reporting the urban transformations in Piracicaba that occurred between 50 and 90 years of the twentieth century were also used for the study analyses. Studying the urban transformation in Piracicaba is important to understand the urban model developed in the city starting from the second half of the last century, and to understand the high demand for closed condominiums by the wealthier classes. Moreover, such analysis is helpful to understand the implications of this model of urban housing in the relationship between the inhabitant and its city.

Key-words: closed condominiums; Piracicaba; elite; lifestyle; worldview.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: PIRACICABA: UMA METRÓPOLE INTERIORANA?	15
1.1 Modernização urbana e o “ <i>ethos</i> cosmopolita” em Piracicaba.	17
1.2 Piracicaba – a construção de uma cidade moderna	22
1.3 Elite canavieira e as transformações urbanas da década de 1950.....	33
1.4 Piracicaba – crescimento populacional, “periferização” e condomínios horizontais fechados	39
CAPÍTULO 2: VISÕES DE MUNDO, GOSTO E ESTILO DE VIDA DA ELITE CANAVIEIRA PIRACICABANA.	50
2.1 Piracicaba rumo ao consumo visual global	55
2.2 Piracicaba: entre prédios e condomínios.....	60
CAPÍTULO 3: “ESTILO DE VIDA CONDOMÍNIOS HORIZONTAIS FECHADOS” E URBANIDADES	72
3.1 Notas metodológicas sobre a pesquisa de campo.....	72
3.2 Análise das entrevistas e a voz “nativa”	74
3.3 Passando pela portaria – o acesso aos condomínios horizontais fechados	77
3.4 Os Moradores	82
3.5 A origem residencial dos entrevistados e sua visão de mundo	85
3.6 “O padrão” de convivência: a rua e o espaço cercado	91
3.7 Segurança e violência – o discurso do medo em Piracicaba.....	99
3.8 A “comunidade” dos condomínios horizontais fechados	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	125

INTRODUÇÃO

Piracicaba, cidade média da região de Campinas, interior do estado de São Paulo, com cerca de 400.000 habitantes¹ passou por um processo de crescimento urbano significativo a partir da segunda metade do século XX. Nesta cidade foram construídos diversos condomínios horizontais fechados ao longo da primeira década dos anos 2000, elemento este que vem transformando os aspectos urbanos desse município, e reforçando a segregação social no espaço urbano, embora esses condomínios tenham sido construídos em sua maioria nas zonas periféricas da cidade.

Baseada na literatura que tem os condomínios horizontais fechados e áreas de moradia privada como objetivo central de estudo², esta pesquisa tem a intensão de analisar se a residência, em condomínios horizontais fechados, afeta a relação dos seus habitantes com a cidade, isto é, além da segregação socioespacial que esses espaços reforçam na estrutura urbana das cidades brasileiras, a ideia desta pesquisa é observar a partir do espaço privado da casa do condomínio as possíveis mudanças no modo como os seus residentes vivenciam a cidade.

Portanto, as indagações que são aqui postas são: Como entender o processo de expansão de condomínios horizontais fechados em Piracicaba? Como eles transformam a vida das pessoas que neles residem? A partir do histórico urbano piracicabano e da análise da dimensão simbólica presente nas falas de moradores de áreas residenciais privadas e horizontais e da própria observação do campo, buscamos respostas para tais questionamentos. Sendo assim, a partir da construção do histórico urbano e das relações que a elite piracicabana desenvolve com os elementos e alterações urbanísticas ocorridas na cidade tendo como ponto de partida a década de 50, esse estudo propõe problematizar as relações que os moradores de condomínios horizontais fechados desenvolvem com a cidade após a mudança para o condomínio. Nesse sentido, as alterações urbanas, as relações que a elite piracicabana possuía

¹ De acordo com os dados da População Estimada em 2013 pelo IBGE -

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=353870> – acessado em fevereiro de 2014.

² Há uma grande variedade de produções bibliográficas que abordam as questões envolvendo os condomínios horizontais fechados de maneira interdisciplinar nos estudos urbanos. Uma breve relação de alguns títulos deve incluir: Cristina Patriota de Moura. *Condomínios do Brasil Central. Expansão urbana e antropologia*. Brasília: Ed. UNB, 2012. Teresa Caldeira. *Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed 34, 2000. Setha Low. *The edge and the center: gated communities and the discourse of urban fear*. Malden: Blackwell, 2003b, p. 387-405. Luciana Teixeira de Andrade. *Condomínios fechados na região Metropolitana de Belo Horizonte*. Bordieu, Pierre. *Gostos de classes e estilos de vida*. In Pierre Bourdieu. Ortiz, R (orgs). 2 ed. São Paulo: Ática, 1994 (1976).

com o espaço urbano, o crescimento populacional e o processo de urbanização de Piracicaba são trabalhados no capítulo 1 com o intuito de oferecer os parâmetros históricos que influenciaram na urbanização piracicabana e moldaram a cidade tal qual ela se encontra hoje.

Já no capítulo 2 as visões de mundo e o estilo de vida das elites piracicabanas são investigados, a fim de os relacionarem com as transformações urbanas, ou seja, esse capítulo tem a intenção de mostrar como os modos de vida e a visão de mundo de um determinado grupo do topo da pirâmide social pode influenciar as mudanças ocorridas em uma cidade. Nesse sentido, investigamos aqui os estilos de vida das elites piracicabanas, tentando captar a sua influência na urbanização e maneira de se relacionar com a urbe. Entretanto, esse capítulo também dá continuidade ao histórico urbano da cidade dos anos 70 em diante, nele analisamos quando construções de apelo global começam a chegar à Piracicabana, incluindo os condomínios horizontais mais tardiamente.

Como fora evidenciado acima, atualmente há um número significativo de condomínios horizontais fechados em Piracicaba, como será visto ao longo desta dissertação, eles são frutos do processo urbano da cidade e de aspectos econômicos e sociais que serão analisados no decorrer do texto dissertativo. Entretanto, o estudo dos condomínios horizontais fechados não se deu apenas através da perspectiva histórica da cidade, tal investigação se deu por meio de entrevistas com os moradores e futuros residentes dessas áreas, as quais foram analisadas no capítulo 3 desta dissertação.

Dessa maneira, a pesquisa empírica qualitativa, baseada em entrevistas de profundidade, constituiu meio fundamental para a verificação das questões desta dissertação de mestrado³. A parte da pesquisa de campo realizada nas residências e locais de trabalho de residentes e futuros moradores de condomínios horizontais fechados consiste em observação direta, entrevistas e conversas informais que foram gravadas.

Quanto à seleção da amostragem do universo investigado, foram realizadas oito entrevistas em profundidade com moradores e futuros residentes de três condomínios horizontais fechados, os Terras de Piracicaba I, II e IV, por serem os primeiros condomínios de Piracicaba e do Alphaville Piracicaba, por ser um dos últimos lançamentos imobiliários desse tipo; os três condomínios são considerados de alto-padrão pelos piracicabanos em

³ Ciente da existência de possíveis variáveis, os resultados desta pesquisa são tratados como uma forma generalizada de tradução da realidade.

função do preço dos lotes e dos padrões mínimos de construção nesses locais. Os Terras de Piracicaba estão localizados no bairro, Glebas de Piracicaba, mais próximo ao centro, já o Alphaville segue o padrão dos demais empreendimentos desse porte e está localizado num bairro mais afastado da cidade, próximo à Rodovia Piracicaba-Limeira.

A escolha por esses três condomínios se deu devido a maior quantidade de moradores do “Terras” que nunca haviam residido em um condomínio horizontal fechado antes, dessa maneira, os aspectos simbólicos envolvendo as razões para a mudança e como isso afetou a sua relação com a cidade seria melhor evidenciada. Além disso, os “Terras” são os primeiros empreendimentos horizontais fechados da cidade; o que ajuda a investigação sobre as mudanças da relação com a cidade ocorridas após as mudanças para o condomínio. Em relação ao Alphaville Piracicaba, a escolha se deu em função desse condomínio ser considerado um “enclave fortificado” residencial o que o diferencia dos condomínios “Terras”, que são puramente espaços residenciais fechados. Espero, portanto, a partir desse universo de condomínios horizontais fechados onde reside parte da elite piracicabana identificar e analisar possíveis alterações das relações com a cidade provenientes da habitação nessas localidades.

Sobre os métodos e maneiras de acessar e chegar ao universo empírico investigado, utilizei indicações provenientes de uma rede de contatos que possuo em Piracicaba, porém vale destacar que alguns entrevistados foram indicações dos próprios informantes e que nem sempre obtive sucesso no contato com as diversas indicações. Todavia, apesar da dificuldade de obter respostas positivas aos meus pedidos de entrevistas para a pesquisa, os entrevistados que aceitaram participar nunca desmaiaram e me receberam com gentileza. Além do método de agendamento de entrevistas realizado de maneira informal, utilizei também uma carta de apresentação do CPDOC/FGV informando sobre os objetivos da pesquisa (com fins acadêmicos) que entreguei aos entrevistados, com a intenção de mostrar a seriedade da pesquisa, além de ser uma forma de tranquilizá-los quanto à manutenção do sigilo e privacidade das informações que foram concedidas.

Vale destacar também que a observação a cerca do cotidiano dos condomínios foi efetuada durante a ida para as entrevistas, ou seja, toda vez que eu entrava no condomínio para uma entrevista me preocupava em observar o cotidiano que estava sendo vivenciado ali, sendo assim, um pequeno exercício etnográfico sobre os rituais de entrada e saída dos condomínios, além da movimentação interna, circulação dos moradores, distribuição e

construção das casas condominiais, uso dos espaços de lazer coletivos e da própria paisagem dos locais foram realizados a fim de elaborar uma etnografia dos condomínios.

Em relação às entrevistas “em profundidade” propriamente ditas, elas foram divididas em dois momentos: a história de vida dos moradores, e a relação com os locais de moradia anteriores; na “segunda” parte as questões sobre os condomínios foram investigadas, como o momento em que decidiram residir em condomínios horizontais fechados, quem da família impulsionou a mudança, quais são os espaços de lazer utilizados, questões sobre a segurança, quantas pessoas moram na casa, quais são os aspectos positivos e negativos de se morar em um condomínio, qual a importância de se construir a sua casa, entre outras. O roteiro das entrevistas foi elaborado, portanto, de modo a captar informações sobre a relação subjetiva⁴ com a cidade e com o próprio condomínio. A parte inicial das entrevistas foi formulada, de modo a captar, mesmo que de forma sutil, algumas informações sobre a história de vida e o perfil sócio-econômico com a intenção de delinear seus perfis sociais e de entender como a cidade de Piracicaba era vista pelos informantes nos diversos momentos das suas histórias.

Portanto, partindo de conceitos teóricos da pesquisa de campo, pretende-se verificar as variadas e dinâmicas relações entre o “estilo de vida condomínios horizontais fechados”, os visões de mundos dos moradores e a sua atual relação com a cidade. Utilizamos assim, ao longo dos capítulos da dissertação o material coletado em campo, recursos instrumentais da antropologia urbana, utilizando também pesquisas historiográficas e a bibliografia sobre urbanização.

Já nas considerações finais, procuramos interrelacionar as análises dos três capítulos anteriores. A intenção desse capítulo é que as diversas formas de uma abordagem de uma mesma problemática, elaboradas durante os três capítulos, nos ofereça de maneira complementar, e sob abordagens diferentes, instrumentos para a elaboração de análises sobre os condomínios horizontais fechados piracicabanos e a maneira como eles modificam as interações dos seus habitantes com o próprio espaço urbano, suas práticas e representações. Nesse sentido como os condomínios horizontais fechados, aparecem como símbolos de status e distinção.

⁴ As relações subjetivas são analisadas nessa dissertação, a partir dos conceitos de visão de mundo e estilo de vida.

CAPÍTULO 1: PIRACICABA: UMA METRÓPOLE INTERIORANA?

“O pessoal fala muito, porque realmente foi isso aqui (o condomínio horizontal Terras de Piracicaba I) que deu início a tudo, como você pode ver isso tá em pleno vapor, e tão construindo condomínios de todos os tipos agora, em vários lugares da cidade, mas tudo a partir desse modelo do “Terras””.

Antônia Gozetto

A fala supracitada, extraída da entrevista realizada com uma moradora do condomínio horizontal fechado Terras de Piracicaba I evidencia, não apenas, a importância dada pela informante ao novo modelo de moradia urbana que foi “introduzido” no município por este condomínio horizontal fechado, mas também a valorização dos loteamentos residenciais privados pela população das classes médias e altas piracicabanas.

O *boom* da construção de condomínios horizontais fechados, e a valorização deste modelo de moradia coletiva e privada, são elementos facilmente perceptíveis através de um breve passeio pela cidade de Piracicaba. Atualmente, além da existência e construção de muitos condomínios, há muitos *outdoors* com propagandas de novos loteamentos fechados que estão sendo empreendidos na cidade, principalmente nos bairros periféricos do município. Desde modo, a partir de uma investigação antropológica realizada através de entrevistas “em profundidade” feitas com moradores e futuros residentes de condomínios horizontais fechados de Piracicaba, e de incursões de inspiração etnográfica em campo, pretende-se investigar as motivações que levaram essas pessoas a residirem em condomínios horizontais e a relação que os habitantes de áreas residenciais privadas possuem com o espaço onde vivem.

Piracicaba, a cidade onde se encontram os condomínios em análise, é considerada um município de porte médio localizado na região administrativa de Campinas, interior paulista, que desde o final da década de 1990 recebe consideráveis investimentos imobiliários, principalmente aqueles direcionados à construção de loteamentos residenciais fechados. O primeiro condomínio horizontal fechado de Piracicaba data do ano de 1998⁵, e

⁵ Como não há registros oficiais sobre o início das vendas dos lotes dos condomínios residenciais fechados, pesquisei no caderno de classificados do jornal de maior circulação da cidade, Jornal de Piracicaba, a data que o primeiro lote foi lançado para a venda. O primeiro anúncio dos terrenos do Terras de Piracicaba I data do dia 13/12/1998.

vale destacar que esse modelo de moradia urbana começou a ser mais bem explorado pelas empreiteiras e construtoras na década de 1970⁶ na cidade de São Paulo, ou seja, há uma diferença de quase 30 anos entre as construções produzidas na capital do estado e os empreendimentos piracicabanos. Porém, apesar da “demora” para a chegada dos condomínios fechados em Piracicaba, a procura por esses espaços de moradia fora avassaladora no final dos anos 90 e início dos anos 2000, como exemplo do movimento ocorrido na época, segue a fala de Rita, uma moradora do Terras de Piracicaba II, que evidencia como fora a procura pelos condomínios fechados nessa época:

“Na verdade a gente não estava pensando em mudar, tínhamos comprado uma casa novinha, era uma casa boa, só tinha uns quatro anos de casa, e aí aqui surgiu (o condomínio Terras de Piracicaba II) e a gente achou que era uma boa, e acabamos comprando” (Rita, Terras de Piracicaba II).

O detalhamento e a interpretação das entrevistas que foram realizadas serão feitas de forma mais completa no capítulo três, porém essa fala de Rita é interessante, pois mostra que a procura pelos lotes em condomínios fechados em Piracicaba aconteceu também por pessoas que não tinham a intenção de mudar de residência. Desta maneira, os condomínios fechados em Piracicaba, além de uma opção de moradia para as classes médias e altas, no início dos anos 2000, eles também foram considerados um bom negócio o que também colaborou para a alta procura na época. Porém essas e outras questões relativas às entrevistas em “profundidade” serão mais bem elaboradas no capítulo três desta dissertação.

O sucesso dos condomínios horizontais fechados é refletido no número de empreendimentos existentes em Piracicaba, foram registrados entre os anos de 2002 e 2012, 83⁷ loteamentos residenciais legais em Piracicaba; é importante ressaltar que atualmente Piracicaba possui 106.963⁸ imóveis residenciais, sendo que 18.362⁹, isto é, cerca de 17% estão localizados em loteamentos residenciais fechados. Todos os loteamentos residenciais legalizados construídos entre esses anos tornaram-se condomínios horizontais privados, que são espaços de convivência e moradia cercados e exclusivos, onde há um forte esquema de

⁶ CALDEIRA T P *Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Edusp, São Paulo, 2001.

⁷ Fonte IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba – Número de loteamentos com aprovação final no município de Piracicaba entre 2002 e 2012. - <http://www.ipplap.com.br/docs/Loteamentos%20Implantados%20com%20Aprovacao%20Final%20-%202002%20a%202014.pdf>. – visto em julho 2013.

⁸ Fonte Secretaria Municipal de Finanças de Piracicaba – Sistema Integrado de Administração Tributária.

⁹ Fonte IPPLAP - Quantidade de lotes por loteamento aprovados entre 2002 e 2012.

segurança particular e em sua grande maioria estão localizados em bairros periféricos da cidade.

Como visto acima, Piracicaba possui atualmente um número significativo de condomínios horizontais fechados, todos construídos do final dos anos 90 em diante. Essa quantidade considerável de áreas residenciais privadas e horizontais se dá devido ao sucesso e a procura dos piracicabanos por esses empreendimentos, que apesar de terem demorado a chegar à cidade foram altamente procurados pela população. Desta maneira, para compreender os motivos que levaram os piracicabanos das classes mais altas a “apostarem” e morarem nesse tipo de residência e conseqüentemente o sucesso dessas moradias privadas, é preciso entender além das próprias motivações guiadas pela visão de mundo e estilo de vida dos moradores, o histórico urbano de Piracicaba, afinal as transformações ocorridas no município também ajudam a interpretar e compreender a maneira como as pessoas se relacionam com a cidade e com os locais de moradia. Sendo assim, as próximas páginas serão dedicadas à história urbana de Piracicaba tendo como ponto de partida a década de 50, e refletindo também sobre o contexto em que as mudanças urbanas foram ocorridas. Para tal reflexão foram utilizadas produções científicas sobre a história de Piracicaba além de outras fontes históricas como jornais da época.

1.1 Modernização urbana e o “*ethos* cosmopolita” em Piracicaba.

Segundo Magnani (1996) as características urbanas de um município não são apenas expressas em equipamentos urbanos como avenidas e ruas, seus prédios e construções. A compreensão da realidade dos centros urbanos passa também pelo entendimento dos atores que vivem na cidade, isto é, o modo de vida de seus habitantes. Todavia, a história da urbanização possibilita também identificar como as transformações urbanas influenciaram e influenciam esses modos de vida. Caldeira (2001), por exemplo, utiliza-se num dos capítulos de seu livro *Crime, segregação e cidadania em São Paulo*, o histórico urbano de São Paulo do século XX para entender os padrões de segregação espacial e as transformações recentes ocorridas nessa metrópole brasileira. Nesse sentido, pretende-se identificar a partir do histórico urbano piracicabano como as transformações na cidade influenciaram os modos de vida daqueles que vivem em condomínios fechados em Piracicaba, tipo de moradia mais procurado pelas classes médias e altas da cidade atualmente. Abaixo segue a fala da moradora

Antônia que mostra a interpretação da informante sobre a procura pelos condomínios horizontais fechados pelos habitantes de Piracicaba:

“Eu acho que as pessoas se mudam, porque olham as pessoas que já moram em condomínios, muitas amigas veem a minha casa porque gostam do condomínio, principalmente o Terras. Eu tenho amiga que veem aqui e fala, nossa que legal essa convivência, e no bairro que ela mora já não tem. Então, o povo gosta de vir aqui e acaba querendo.” (Antônia, Terras de Piracicaba II).

Como evidenciado na fala supracitada, é o estilo de vida em condomínios horizontais fechados que impulsiona o desejo pela mudança, de acordo com a entrevistada. Sendo assim, não são apenas as transformações urbanas que influenciam na maneira como as pessoas vivem na cidade, as pessoas e os grupos sociais também são atores que atuam sobre a urbe e influenciam a dinâmica urbana cotidiana. Neste sentido, o estudo sobre aqueles que vivem em áreas residenciais fechadas possibilita também o entendimento sobre a própria cidade já que a compreensão sobre as razões que motivaram a escolha por esse tipo de moradia possibilita também o discernimento da dinâmica urbana piracicabana.

Desta maneira, o sucesso dos condomínios horizontais fechados entre a população das classes médias e altas piracicabanas, assim como algumas outras transformações urbanas que ocorreram na cidade ao longo da segunda metade do século XX – as quais serão vistas mais adiante – também podem estar relacionados à possível existência de um “*ethos* cosmopolita interiorano” que predomina, principalmente entre as camadas médias e altas piracicabana.

De acordo com Gilberto Velho (2010) o *ethos* cosmopolita é próprio da experiência da metrópole. Além disso, o cosmopolitismo se oporia ao localismo e ao quase pejorativo, provincianismo. Desta maneira, a ideia de metrópole cosmopolita tem como referência “âncoras indenitárias em que a plasticidade sociocultural e o multipertencimento são características essenciais que vão além do espaço geográfico em si” (VELHO, 2010 p. 6), além disso, pressupõe também circulação, trânsito e troca entre as pessoas que vivem, transitam e consomem nesses espaços. No caso de Piracicaba, não se trata de uma metrópole brasileira que concentra uma diversidade de pessoas e consequentemente estilos de vida, entretanto, é uma cidade média que teve em seu processo sócio histórico a influência de imigrantes europeus, em sua maioria, que ali chegaram ao final do século XIX, início do

século XX, para trabalharem nas lavouras de café e cana de açúcar da região. Além disso, a partir da década de 50 houve uma significativa migração de pessoas vindas de diversas regiões do Brasil para Piracicaba atraídas pelo mercado canavieiro. Sendo assim, embora Piracicaba não seja considerada uma metrópole, esta cidade é composta de uma amálgama cultural diversificada, graças à diversidade de sua população¹⁰, o que fortalece a sua plasticidade sociocultural.

Atualmente, Piracicaba é um importante polo regional, com economia diversificada, a sua população chega a quase 400.000 habitantes de acordo com o Censo de 2010¹¹, todavia este município que apesar de está próximo à capital paulista (o município fica a cerca de 170 km da capital) em meados do século XX possuía certo aspecto de “fim de linha” característica esta que principalmente a elite canavieira piracicabana tentava contornar. Os motivos para tal sentimento se davam primeiramente pelo próprio aspecto bucólico do município, e pela economia baseada na agricultura. Em segundo plano, houve alguns fatos que de certa forma reforçaram o sentimento de “fim de linha” da cidade, como por exemplo: a inauguração da estação ferroviária de Piracicaba, a qual foi promessa durante 20 anos, teve o seu funcionamento iniciado no ano de 1922 pela Cia Paulista Estradas de Ferro. Com a construção da ferrovia, Piracicaba torna-se literalmente o fim da linha, pois a *Piracicaba Paulista* era a estação terminal do ramal que apenas cruzava com a Estrada de Ferro Sorocabana a qual seguia para São Paulo.

A chegada do trem à Piracicaba fora um fato importante tanto para o município como para o Estado de São Paulo, devido à conexão e interligação entre as cidades do interior, o que possibilitou maior circulação de cargas e passageiros pelos municípios. A elite piracicabana, por exemplo, costumava circular intensamente no eixo Piracicaba – São Paulo, entretanto é importante ressaltar que pessoas oriundas de outros seguimentos sociais também faziam uso deste tipo de transporte.

Abaixo segue um trecho retirado do Jornal de Piracicaba de 1956, que demonstra através do conteúdo de insatisfação do autor, a importância da linha férrea e dos símbolos da modernidade para os piracicabanos:

¹⁰ Embora este capítulo não aborde diretamente as entrevistas que foram realizadas com moradores de condomínios horizontais fechados, vale destacar que todos os informantes são descendentes de imigrantes europeus, e alguns deles dizem também terem em seus antepassados a figura do “caboclo”.

¹¹ De acordo com os dados da População Estimada em 2013 pelo IBGE - <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=353870> – acessado em fevereiro de 2014.

“Agora que se realizam conchaves, para demonstrar que o governo deve reaparelhar as estradas de ferro, devolvendo-lhes o antigo prestígio, que vai pouco a pouco sendo absorvidos pelo surto ferroviário, muitos argumentos se alinham a favor das ferrovias, inclusive que, enquanto as estradas de rodagem, em sua movimentação, necessitam de quase tudo o que vem do exterior, as estradas de ferro gastam, apenas 6% de suas despesas em moeda estrangeira... As belas diesel-elétricas se foram para trechos mais afortunados, enquanto que as marias-fumaça retornaram aos trilhos antigos, ao caminho da roça, ao caminho de Piracicaba. Mas Piracicaba merece tratamento outro. É uma cidade com índice econômico e cultural elevado. Merece, por exemplo, um trem rápido que não vá parando de poste em poste, até São Paulo. Com carros limpos, com locomotivas sem fagulhas, sem fumaça. Um trem do século XX”¹².

Deve-se ressaltar também que não eram, apenas, os trens e a estação férrea que dotavam Piracicaba de meios de circulação e trocas sociais na época, as existências de universidades, o desenvolvimento e fortalecimento da indústria canavieira, e o próprio êxodo rural que atraiu milhares de trabalhadores ao município, são exemplos que proporcionaram ao município maior heterogeneidade, articulação e interação social ao longo do século XX.

De certa forma, o texto supracitado revela o reconhecimento da potencialidade de Piracicaba por parte da população local como município “importante” nos cenários regional e nacional, já que esta cidade é dotada de um índice econômico e cultural elevado que não condiz com a infraestrutura citadina. Sendo assim, uma cidade que possui características que a “aproximam” de uma metrópole precisa de equipamentos urbanos condizentes com a posição de “destaque” de Piracicaba.

É importante identificar que essa posição de destaque que uma parcela da população piracicabana quer associar à Piracicaba se deu em função do potencial industrial desenvolvido através dos derivados da cana-de-açúcar o que atraiu milhares de pessoas e investimentos ao município, esse desenvolvimento industrial dotou a cidade de certa centralidade regional desde a década de 1950. Todavia, os aspectos relativos ao desenvolvimento econômico piracicabano serão mais bem explorados mais adiante.

¹² Jornal de Piracicaba 20/01/1956

Porém, sendo Piracicaba uma cidade média do interior paulista, onde características como o localismo são inerentes; como associar o *ethos* cosmopolita existente nas camadas médias e a elite piracicabana com o localismo e provincianismo inerente às cidades médias, já que a literatura que problematiza questões relativas aos estilos de vida¹³ analisa o “*ethos* cosmopolita” como um modo de vida que se opõe ao localismo e provincianismo?

Julia O'Donnell (2012), em análise sobre a ocupação e urbanização do bairro de Copacabana diz que o princípio da salubridade o qual guiou a urbanização do bairro seria uma “ação civilizadora” que havia chegado ao areal e mudaria além da ocupação existente no bairro a própria sociabilidade ali encontrada. Sem a pretensão de tecer maiores comparações entre o modo de ocupação e urbanização do bairro carioca com a cidade de Piracicaba, a “ação civilizadora” que ocorreu no município através da remodelação urbana ocorrida entre as décadas 50 e 70, é exemplo de iniciativas apoiadas pela elite piracicabana e desenvolvidas pela administração municipal que tiveram também a pretensão de consolidar um tipo um “*ethos* cosmopolita” piracicabano, mas que dialogasse com as características regionais. Abaixo segue uma fala de uma entrevistada para esta pesquisa que versa sobre essa questão do *ethos* cosmopolita existente entre as classes médias e altas piracicabanas:

“Sobre Piracicaba? Bom, eu nasci aqui né, sou piracicabana então eu acho que... Pra mim é minha casa, eu acho que é uma cidade próspera, uma cidade rica. Acho que é uma cidade grande que ainda consegue ter aquele estilo de cidade do interior, consegue ser um pouco mais calma que Campinas e São Paulo. Eu acho isso porque a gente ainda consegue encontrar as pessoas, que dentro de Piracicaba você conhece quem nasce você conhece as famílias tradicionais, a história das pessoas, são coisas que numa cidade muito grande você já perde essas coisas né, o contato.” (Renata, Terras de Piracicaba II).

Embora a fala de Renata represente a Piracicaba do século XXI, ela é significativa, pois é possível identificar o discurso da centralidade regional de Piracicaba, a qual aparece como cidade rica e próspera, isto é, com plasticidade sociocultural e multipertenciamento (VELHO, 2010); mas que ainda conserva aspectos da cidade do interior como o contato mais íntimo com outros habitantes. Neste sentido, há uma associação entre características ligadas ao *ethos* cosmopolita existente na cidade e em seus habitantes, mas sem

¹³ VELHO G “Metrópole, cosmopolitismo e mediação”. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n.33 jan/jun 2010, p. 15-23, 2010.

deixar de valorizar os aspectos que são considerados, pela entrevistada, como inerentes a uma cidade do interior. Portanto, mesmo com uma diferença de 57 anos entre o editorial sobre as linhas férreas piracicabanas e a fala de Renata, os discursos se aproximam no que diz respeito ao *ethos* cosmopolita existente na população piracicabana e sua importância regional.

O trecho abaixo mostra a dimensão da centralidade regional de Piracicaba para os piracicabanos na década de 1960:

“... considerando-se o extraordinário progresso de toda a região de que tem Piracicaba como centro e também o crescimento espantoso do tráfego de veículos que, vindos de outras partes de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, e Estados do Norte, passam por Piracicaba, em busca dos Estados do Sul e vice-versa. Todo esse trânsito tem passagem quase obrigatória por nossa cidade...”¹⁴.

Sendo assim, é através deste desejo de tornar-se um polo regional que a administração pública busca o desenvolvimento de Piracicaba até os dias atuais. De certa maneira, a vontade de se transformar em uma “metrópole interiorana” (PERES, 2001) trouxe aos piracicabanos símbolos públicos metropolitanos que se sobrepuseram aos antigos símbolos da vida social e que transformaram a vida e a convivência urbana. Todavia, é importante ressaltar que as transformações ocorridas com o intuito de “metropolizar” Piracicaba não abarcaram toda a população piracicabana, que teve parte dos seus habitantes excluídos desse processo.

Para melhor entender o processo de “metropolização” de Piracicaba, a segunda parte do capítulo refere-se ao processo de urbanização/ modernização da cidade ocorrido a partir da década de 50.

1.2 Piracicaba – a construção de uma cidade moderna

A década de 50 foi o período da euforia modernista no Brasil, o I Plano de Metas - 50 anos em cinco do governo de Juscelino Kubitschek - foi o responsável pela implantação de

¹⁴ Jornal de Piracicaba 12/01/1961

diversos projetos de urbanização modernos realizados em várias cidades brasileiras. Piracicaba não ficou de fora, e o padrão nacional-desenvolvimentista tematizou a série de reformas urbanas que ocorreram na cidade durante esse período. Vale ressaltar que o desenvolvimento da indústria canavieira, também impulsionou a transformação e o remodelamento urbano da pacata cidade do interior; jornais locais da época, por exemplo, noticiavam as mudanças urbanas feitas pela administração municipal, como a pavimentação de ruas e avenidas, obras de saneamento básico, abastecimento de água e esgoto e transporte coletivo – reformas urbanas realizadas dentro dos moldes do projeto nacional-desenvolvimentista.

Todavia, as reformas urbanas não foram caracterizadas apenas pelas obras de saneamento básico, equipamentos urbanos também foram reformulados com base nos modelos urbanísticos da época. A urbanista Paula da Cruz Landim (2004) analisa a urbanização de quatro cidades do interior paulista - Bauru, Piracicaba, Rio Claro e São Carlos. Em seu estudo a pesquisadora destaca que o paradigma projectural urbano das cidades médias do interior paulista é o arquétipo da rua e da casa de acordo com os bairros jardins de São Paulo. Segundo a autora as imagens da cidade grande são claramente representadas na paisagem urbana das cidades médias, o que contribui para a homogeneização formal urbana que tende a utilizar as manifestações urbanísticas das metrópoles como modelo.

Outra característica do remodelamento urbano feito em Piracicaba neste momento é a forte influência do modelo urbanístico progressista, o qual tem como referência as cidades pensadas a partir da Carta de Atenas, este documento elaborado em 1933 durante o CIAM¹⁵, mostra a valorização da eficácia e a estética nas expressões arquitetônicas e urbanas, ademais de priorizar aspectos relativos à mobilidade urbana, além disso, a cidade modernista possui como fundamento a criação de condições para a melhor salubridade do ambiente. Em outras palavras, higiene e consequentemente a saúde são elementos centrais na construção da cidade modernista.

Segundo Françoise Choay (1965), a cidade progressista do século XX possui uma eficácia moderna, em que a estética geométrica é importante, este modelo propõe também a abolição da rua, pois esta é “estigmatizada como um vestígio da barbárie” (CHOAY, 1965, p. 21), ou seja, ela representa o encontro das multidões, o lócus das

¹⁵ CIAM: Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

reivindicações; e como a cidade progressista é racional e industrial, o modelo se opõe às cidades do final do século XIX, cujo período fora caracterizado por manifestações e reivindicações populares, principalmente na França. Neste sentido, as ruas teriam como única função o trânsito de veículos, o que também ajudaria na manutenção tranquila das massas, afinal de acordo com os modelos propostos por Le Corbusier, expoente do urbanismo progressista, a arquitetura também tem a função de evitar as manifestações da massa; além disso, o planejamento urbano das cidades seria baseado na verticalização e a vida aconteceria em prédios, numa clara divisão da cidade em funções. Vale evidenciar também o papel das indústrias nessa maneira de pensar a cidade, pois além da produção industrial em larga escala fornecer os materiais necessários para a construção deste modelo urbano, a industrialização também representou uma ruptura com o passado.

De acordo com Choay (1965), o modelo urbanístico progressista propõe a racionalização do uso dos espaços, além de sugerir uma ruptura com o passado, isto é, a proposta de construção de novas maneiras de circulação, habitação e mobilidade no ambiente acompanha a lógica da eficiência e da produção industrial. Ou seja, o modelo urbanístico progressista opera em cidades novas, cidades nascidas e expandidas em função da industrialização.

O remodelamento urbano de cunho progressista/modernista ocorrido em Piracicaba, uma cidade expandida devido à industrialização, embora tenha efetivado mudanças na mobilidade urbana e novas construções, proporcionando modificações na forma como os piracicabanos vivenciavam a cidade, nunca ocorreu de fato. Apesar das muitas transformações ocorridas no município a partir da segunda metade do século XX – que serão vistas mais adiante – o modernismo arquitetônico nunca vingou como objeto de desejo, pois a própria ideia de mudança radical, oriunda deste modelo urbano acontece mais no plano da utopia do que na realidade concreta.

De acordo com Paula Cruz Landin (2004), na primeira metade do século XX, com o início do desenvolvimento industrial, as transformações urbanas que ocorreram nas cidades brasileiras foram, apenas, arquitetônicas. Segundo a autora, não houve mudanças significativas no plano urbanístico das cidades, a não ser a remodelagem baseada nos bairros-jardins da cidade de São Paulo. Todavia, de acordo com a urbanista, após a segunda Guerra

Mundial o planejamento urbano começa a ser pensando e estruturado no país¹⁶, porém as transformações não são regras e a grande mudança na paisagem urbana nesse momento é a verticalização; no entanto, as novas construções verticais ainda estavam restritas aos centros das grandes cidades ou aos bairros elitizados.

Apartir da segunda metade do século XX, segundo Landin, a verticalização também é uma característica dos bairros de elite de Piracicaba, os arranha-céus passaram a substituir os antigos casarões existentes no centro da cidade e trouxeram a esse município do interior um ar de “modernidade”. Os edifícios construídos na época são prédios isolados e padronizados que redirecionaram a paisagem urbana, antes baseada em casarões e que após as novas construções passaram a fazer parte do imaginário coletivo da contemporaneidade. Em 1958, período de grande crescimento vertical em Piracicaba, houve a finalização do primeiro arranha-céu construído no município, localizado na Rua Moraes Barros região central da cidade, local onde o processo de remodelamento urbano se iniciou.

Em 1957, o Jornal de Piracicaba anunciava a construção de quatro arranha-céus de dez andares todos os localizados atrás da Catedral municipal, no centro da cidade. Abaixo segue um trecho sobre a construção dos prédios:

“Dentro em pouco, portanto, quatro “arranha-céus” se ostentarão em Piracicaba, comprovando a pujança econômica de nossa terra e o espírito progressista do nosso povo, espírito que vem sendo manifestado desde que Piracicaba se fundou e que desde logo se orgulhou de ser a segunda cidade da América do Sul e uma das primeiras do mundo a ser iluminada eletricamente”¹⁷

O processo de verticalização é um exemplo da adaptação dos elementos urbanos oriundos da metrópole e do próprio desenvolvimento urbano do município. Vale ressaltar que o entendimento do histórico urbano de Piracicaba é importante para identificar as tendências do mercado imobiliário da época que começava a se fortalecer, além de mostrar as evidências urbanas da construção da “metrópole interiorana”.

¹⁶ LANDIN P. C “Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista”. São Paulo, Ed. Unesp, 2004.

¹⁷ Jornal de Piracicaba, 11/10/1959

Como foi dito anteriormente, Piracicaba sofrera o explosivo crescimento vertical nas décadas de 1950 e 1960, e as grandes construções eram produtos que demonstravam o desenvolvimento e a modernização municipal. Um exemplo interessante da importância das grandes construções para os piracicabanos foi a opinião da imprensa local a respeito da possível ampliação da filial piracicabana do Banco Comercial do Estado de São Paulo, o qual segundo o Jornal de Piracicaba do ano de 1960, era a melhor filial do interior. De acordo com a notícia veiculada pelo jornal, a população ficou alvoroçada quando soube que o Banco havia comprado o prédio contíguo à sua agência, pois havia a possibilidade da cidade ganhar outro grande prédio, porém o povo se “frustrou” quando soube que a verdadeira intenção do Banco era, apenas, juntar as duas fachadas e conservar os dois pavimentos que já possuía.

Nesse momento de substituição dos antigos casarões destinados à moradia da elite que residira no centro de Piracicaba pelos arranha-céus, a cidade vivenciava um período de considerável crescimento econômico. Segundo Terzi (2001), O período entre os anos 1950 e 1970 fora marcado pelas altas taxas de crescimento econômico devido, primeiramente, ao projeto desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, o qual foi apoiado pela elite canavieira local que tentava inserir Piracicaba na onda modernizadora pela qual o país vivia naquele momento; posteriormente pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento e pelo Proálcool em 1975. Desta maneira, embora Piracicaba tenha passado por um momento de estagnação econômica durante as décadas de 1980 e 1990, a cidade foi conduzida e administrada por um desejo de desenvolvimento e modernização oriundo da elite e da administração local, afinal o progresso era visto como a principal força reguladora da vida coletiva (PERES, 2001) na época; e desde meados da década de 1950 até os dias atuais a cidade procura se afirmar como uma “metrópole interiorana” (PERES, 2001).

No entanto, a ideia de “metrópole interiorana” também possui como pressuposto a noção de transformação, a capacidade de acompanhar as mudanças existentes nos diferentes períodos da história. Através dos trechos de jornais citados acima é possível observar que Piracicaba sob olhos dos governantes da época, embora seja uma cidade do interior paulista, possui importância econômica e cultural suficientes para progredir, possuindo assim a capacidade necessária para conseguir acompanhar as mudanças no seu espaço e do seu tempo.

A ideia de “metrópole interiorana” revela a busca do município para tornar-se um polo regional, uma cidade que mesmo marcada pelo provincianismo consegue adaptar-se as

exigências e transformar-se numa cidade moderna, mas sem perder o seu localismo. Outro elemento interessante de ser observado é o “fetiche” que a metrópole exerceu nas cidades médias, não bastava ser próxima da cidade de referência, era necessário também parecer-se com a metrópole.

Segue abaixo trecho retirado do Jornal de Piracicaba que exemplifica a busca dos piracicabanos em construir a sua cidade moderna, a “metrópole interiorana”:

“Somente o futuro vai mostrar a importância da bela via pública que acaba de ser entregue à Piracicaba, que cada vez mais pode orgulhar-se de mais um epíteto honroso qual seja o de ser a “cidade das avenidas”, que a administração de Luciano Guidotti lhe conquistou”¹⁸.

O trecho acima se refere à inauguração da Avenida Centenário, a qual foi uma das largas e compridas vias públicas que foram construídas naquele período na tentativa de “modernizar” a cidade e também de acompanhar a fase da industrialização brasileira, em que a indústria automobilística se tornou a grande coqueluche (TERCI, 2001). A expressão “cidade das avenidas” remete ao ideário urbanístico moderno que priorizava a construção de grandes e largas avenidas e ruas, em função dos indicativos de higiene, visibilidade e mobilidade que essas vias proporcionaram, além de ser outro equipamento público que se moldava pela urbanização das metrópoles.

Devido à nova paisagem urbana, com ruas e avenidas largas e pavimentadas que estava se construindo em Piracicaba, novos meios de transportes públicos e coletivos mais condizentes com o momento moderno que a cidade vivia foram trazidos ao município. De acordo com a historiadora Eliana Tadeu Terceiro (2001), entre as décadas de 1950 e 1960, a administração pública local trocou os meios de transporte coletivo piracicabano três vezes: inicialmente foram os bondes, depois os trólebus e finalmente o ônibus. Em 1957, o prefeito da cidade na época, o Comendador Luciano Guidotti, trouxe à Piracicaba o trólebus - uma espécie de ônibus elétrico. Guidotti tinha a intenção de suprir as necessidades da população e também de dotar a cidade de “ares modernos”.

Além de intervenções nas vias públicas e na mobilidade urbana, também foram inaugurados cinemas na cidade, como o Cine Palácio, aberto em 1954, com capacidade para 1.065 pessoas e cujo prédio era dotado de um moderno sistema de ar condicionado, além de

¹⁸ Jornal de Piracicaba, 27/10/1957

modernos equipamentos de projeção os quais foram considerados um verdadeiro arrojo. Este e outros cinemas que chegaram à cidade na época são mais exemplos das mudanças que a “modernização” urbana estava trazendo para os piracicabanos, isto é, novas opções de lazer e convivência na cidade.

Outra reforma que pretendia fornecer à Piracicaba novos e modernos equipamentos urbanos foi a remodelação da Praça Central, cujo projeto estava previsto para ser iniciado em 1953, porém as obras começaram somente em 1956. De acordo com a imprensa local a reforma pretendia ampliar o logradouro da Praça, adquirir uma fonte luminosa cujo lago seria revestido de pastilhas de porcelana e instalar uma concha acústica aos fundos que seria “uma das maiores e mais belas do Estado” ¹⁹. Porém, para a concretização dessa reforma foi preciso desapropriar e demolir o prédio da antiga Farmácia Normal localizada nas imediações da Praça Central. Abaixo segue uma imagem da Praça Central, já reformada:



Figura 1: Praça Central piracicabana, final da década de 1960

Fonte: <http://fotospiracicaba.blogspot.com.br>

A construção de grandes avenidas, arranha-céus e cinemas e os novos meios de transporte público, de certo modo, representavam a ânsia por modernização e o desejo de transformar a pacata cidade do interior em um município de referência pela força de sua economia e sua população. Entretanto, é importante ressaltar que a adaptação de elementos urbanos metropolitanos à realidade piracicabana transformou a mobilidade e a dinâmica urbana do município.

¹⁹ Jornal de Piracicaba, 27/03/1955

Os espaços habitacionais da cidade, por exemplo, foram sendo remodelados utilizando como modelo o bairro moderno da cidade de São Paulo, o Jardim América. Neste período as construções de edifícios aumentaram cerca de 30%²⁰, que juntamente com as construções das avenidas e a reforma das praças conferiram à cidade ar renovado. Essas transformações alimentadas pelo desenvolvimento econômico proporcionaram à Piracicaba em 1958, o primeiro lugar no Concurso dos Municípios mais progressistas do Brasil, o qual premiou também duas capitais como vencedoras: Curitiba e Porto Alegre.

Os parágrafos acima evidenciaram algumas transformações urbanas ocorridas em Piracicaba, no que consiste à circulação, lazer, moradia e trabalho. É possível observar através delas que a maneira de vivenciar e consumir a cidade se transformou com as mudanças e as “novidades” que estavam chegando ao município. É possível identificar também, através das demolições no centro da cidade e no remodelamento da Praça Central, por exemplo, as implicações que essas alterações traziam nos padrões de sociabilidade, que passaram a ser estabelecidos nos cinemas, por exemplo.

O texto abaixo, publicado no Jornal de Piracicaba pelo poeta João da Rua (pseudônimo) revela, além da insatisfação de parcela da população com as mudanças pela qual a cidade estava passando, os versos mostram o olhar “do outro” sobre as alterações que estavam acontecendo no município, outra maneira de conceber as mudanças que estavam ocorrendo, a qual revelava um quadro de tensões sociais, principalmente no que tange a mobilidade urbana. Um exemplo de como as pessoas estavam lidando com as reformas, é a relação dos habitantes com as calçadas; devido às alterações urbanas, as ruas deixaram de ser continuidade das casas, bares e restaurantes, o que modificou a mobilidade dos transeuntes, configurando um novo desenho de mobilidade urbana, além disso, o registro de João da Rua revela a precariedade das obras o que provocava possíveis acidentes.

“Gente a quem não falta nada

Gente boa, gente rica,

Que não arrota torresmo,

Por fazer deixa a calçada...

²⁰ PERES M T M “Piracicaba imagens da modernidade na década de 1950”. *O desenvolvimento de Piracicaba. História e perspectivas*. Piracicaba, Ed. Unimep, 2001.

E se alguém com isso implica,

Exclama, fula e zangada:

Vamos deixar assim mesmo,

Para ver como é que fica...

Desde que eu viva contente,

Com o pé-de-meia bem cheio,

O resto que se fomenta

E torça o pé no passeio!...”

Outro evento que trouxe marcas para a imagem e a construção da Piracicaba moderna fora a queda do Edifício Luiz de Queiroz em 06 de novembro de 1964. A grande aventura moderna²¹ piracicabana fora iniciada no ano de 1958 com a formulação da Companhia de Melhoramentos Urbanísticos Comurba, cuja finalidade era a construção de um prédio de 12 andares com cinema, centro comercial, clube, escritórios, apartamentos e garagem, localiazado na Praça Central. Este empreendimento possuía duas funções: ocupar com uma construção nova e moderna a ampla área da Praça José Bonifácio ou Praça Central onde havia antigos prédios demolidos, o outro motivo era atender aos anseios da elite piracicabana de homenagear o maior benfeitor da cidade de Piracicaba, Luiz de Queiroz, através da construção de um monumento em sua memória. Abaixo segue imagem do edifício quase finalizado, cuja arquitetura remete ao edifício Copan, localizado no centro da cidade de São Paulo.

²¹ TERC E T Piracicaba a aventura desenvolvimentista (1950-1970). Piracicaba, Ed.Unimep, 2001.



Figura 2: Edifício Luiz de Queiroz, 1964

Fonte: Jornal de Piracicaba, 1964

Segundo Eliana Tadeu Terci (2001), o edifício Luiz de Queiroz era uma construção majestosa, o maior monumento moderno do interior paulista o qual seria uma espécie de “sala de visitas” ao centro urbano da “metrópole interiorana”. Porém, uma mudança no projeto do prédio que inicialmente teria 12 andares, e fora expandido para 15; acarretando o aumento da área construída em 7.000m², o que resultou no desabamento de parte do edifício que teve 46 vítimas fatais em novembro de 1964.

Os destroços do prédio demoram seis anos para serem recolhidos, porém as dúvidas sobre as causas do acidente permanecem até hoje entre os piracicabanos. Abaixo segue um pequeno trecho do Jornal de Piracicaba sobre o sentimento dos habitantes da cidade em relação ao evento:

“Não foi apenas um edifício que caiu. Não foi somente a irreparável perda de preciosas vidas que até hoje lamentamos. O próprio orgulho da cidade foi ferido, e a cicatriz está exposta, como que sangrando ainda, sob a fórmula de entulhos amontoados e de lajes penduradas ameaçadoramente. A face da “Noiva da Colina” está desfigurada por um egar horrendo, paralisada que se acha pela interdição ao trânsito que é a morte do nosso centro urbano...”²²

O desastre do Edifício Luiz de Queiroz deixou marcas profundas para a imagem do município moderno cultuado pelas elites e pela imprensa local, afinal o edifício representava também o “*ethos* cosmopolita” presente na sociedade piracicabana o qual, como

²² Jornal de Piracicaba 08/10/1966

visto acima, era representado através das transformações urbanísticas. O sonho e a construção da “metrópole interiorana” sofreram um forte abalo após este evento, pois o edifício representava a prosperidade e modernização piracicabana (TERCI, 2001). A queda desse prédio foi tão marcante para a população, que alguns entrevistados citaram esse episódio quando indagados sobre a história urbana do município, abaixo segue a fala da entrevistada Renata sobre o Edifício “Comurba” e a influência desse fato na cidade:

“Eu acho que é importante para você, que está falando de condomínio, foi à queda do ‘Comurba’. Porque eu me lembrei disso agora, porque assim, em Piracicaba demorou muito para desenvolver a construção civil, os prédios, as pessoas ficavam com medo, então atrasou muito a cidade, talvez até Piracicaba tenha começado com os condomínios tarde, porque os prédios começaram tarde, hoje a cidade está crescendo para caramba. Ele caiu em 70-72, acho, ou em 70 e 75, onde ele caiu não construiu mais nada de prédio, ele estaria localizado onde é hoje a fonte acústica, na Praça José Bonifácio/Praça Central.” (Renata, Terras de Piracicaba II).

Renata está correta, mais adiante será visto através de notícias de jornais como a queda do Luiz de Queiroz afetou de fato a construção civil na cidade até o final da década de 70, pois a produção de prédios na cidade fora fortemente comprometida pela tragédia. Todavia, o padrão de urbanização de Piracicaba não deixou de se espelhar nos equipamentos urbanos oriundos da metrópole, e com o crescimento e desenvolvimento econômico da cidade, Piracicaba passa a se assemelhar aos grandes municípios, inclusive com os seus problemas.

Esta parte do capítulo fora dedicada à associação entre o “*ethos* cosmopolita” existente nas elites canavieiras com as transformações urbanas ocorridas no final da década de 50 e como isso era evidenciado na imprensa local. Além disso, fora abordado como essas transformações e os novos equipamentos urbanos que chegaram à cidade mudaram a maneira como os habitantes de Piracicaba vivenciavam o seu município na década de 50. A segunda parte deste capítulo continuará sendo dedicada ao remodelamento urbano piracicabano ocorrido na década de 50, porém o foco será a composição da “metrópole interiorana”, associando as reformas urbanas aos desejos e hábitos da elite canavieira piracicabana, que como visto acima tiveram influência sobre as reformas urbanísticas que ocorreram na cidade durante o período.

1.3 Elite canavieira e as transformações urbanas da década de 1950

Julia O'Donnell em seu livro *A invenção de Copacabana* (2012) revela como os novos hábitos e desejos da elite *ciliense* transformaram não apenas o bairro de Copacabana na cidade do Rio de Janeiro, mas também moldaram um novo estilo de vida dos habitantes do bairro, que passaram a prezar pela vida à beira-mar. A autora reflete sobre o desenvolvimento de um ideal praiano-civilizatório que com o passar dos anos foi sendo incorporado ao estilo de vida dos moradores da capital fluminense, o que transformou a urbanização da cidade do Rio de Janeiro. Este estudo é um exemplo de como o ideal e o estilo de vida de determinados grupos pertencentes ao topo da pirâmide social podem influenciar a urbanização de uma cidade e a maneira como ela é vivida e pensada. Desta maneira, essa parte do capítulo é dedicada ao entendimento das possíveis influências que os hábitos, estilos de vida²³ e visão de mundo da elite canavieira piracicabana tiveram sobre as transformações urbanas ocorridas naquele período.

Nos anos 50 a economia piracicabana estava baseada na indústria canavieira. Desde a segunda década do século XX a economia da cana-de-açúcar é fortalecida e marca o município (TERCI e PERES, 2010), ou seja, fazendas destinadas ao plantio da cana e a produção de açúcar e álcool e nas usinas de Piracicaba e região foram na década de 50 a base econômica da cidade. Entretanto, como consequência da forte economia canavieira e ascensão dos grupos usineiros como a elite dominante em Piracicaba, a concentração fundiária, e a monocultura da cana-de-açúcar transformaram a paisagem rural piracicabana e consequentemente o ambiente urbano da cidade. Segundo a historiadora Eliana Tadeu Terci (2001), o crescimento da população urbana ocorrido em Piracicaba entre as décadas de 1930 e 70, fora consequência da extinção do colonato²⁴, mais do que a concentração fundiária. Sendo assim, além do crescimento econômico proporcionado pela indústria canavieira, Piracicaba passava por um período de transformações urbanas, rurais e das relações dos seus habitantes com a própria cidade, como visto anteriormente.

²³ Uma melhor qualificação e análise a respeito das categorias, estilo de vida e visão de mundo será feita no próximo capítulo.

²⁴ Relação de trabalho entre o colono e proprietário da fazenda, em que o trabalhador era vinculado à terra.

Nas páginas precedentes fora visto que o remodelamento urbano piracicabano seguiu o modelo urbanístico dos bairros jardins da capital paulista na década de 50. Desta maneira, as manifestações urbanas relativas à urbanização da capital eram replicadas em Piracicaba como um espelho, dadas as devidas proporções. Abaixo seguem algumas imagens de Piracicaba e São Paulo que mostram as similaridades entre as avenidas e prédios construídos em ambas as cidades na década de 1950.



Figura 3: Palácio Nove de Julho,
1950 - São Paulo
Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br>



Figura 4: Praça José Bonifácio,
1950 - Piracicaba
Fonte: <http://www.coisasantigas.wordpress.com.br>

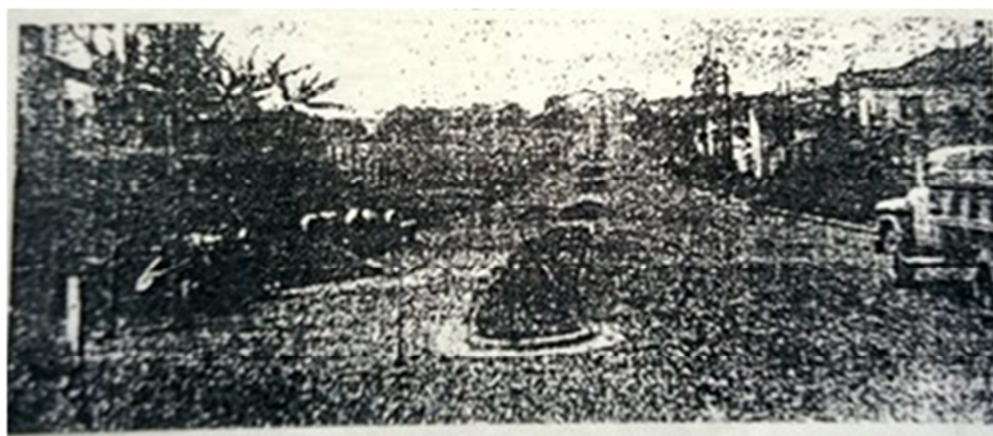


Figura 5: Avenida Centenário, 1950 - Piracicaba
Fonte: Jornal de Piracicaba



Figura 6: Jardins do Museu do Ipiranga,
1950 - São Paulo
Fontes: <http://www.saopauloantiga.com.br>

Através dessas imagens é possível perceber que Piracicaba adotara nessa época determinados padrões urbanísticos vindos da capital paulista. A foto da Avenida Centenário que se assemelha à imagem dos jardins do Museu do Ipiranga, por exemplo, remete ao movimento *City Beautiful*, o qual tinha como premissas o embelezamento e a grandeza monumental das cidades. No caso de Piracicaba a monumentalidade não era a principal razão das reformas, a cidade buscava a aproximação dos “símbolos” urbanos da capital paulista devido à tendência urbanística da época e também para se “modernizar” e ter maior “aparência” de metrópole, como se pode observar através da semelhança entre a imagem que mostra a Praça Central de Piracicaba e a Praça do Palácio Nove de Júlio, em São Paulo.

Essas semelhanças segundo o estudo da urbanista Paula da Cruz Landim (2004), a qual diz que “o paradigma projectural urbano adotado é um arquétipo da rua e da casa características do bairro-jardim paulistano, arborizado e com edificações isoladas no lote” (2004, p. 20), ou seja, o que ocorreu em cidades médias do interior paulista, como Piracicaba, fora uma reprodução dos espaços da classe dominante, em dimensões reduzidas, o que reforçou os arquétipos sociais e os modelos de dominação (LANDIM, 2004).

Desta maneira, pode-se observar que o modelo urbanístico adotado e consagrado pela elite canavieira e pelo poder público piracicabano da época além de reproduzir as ações urbanísticas da capital desconsiderando as características locais²⁵, contribuiu para reproduzir através do espaço urbano modelos de dominação e de desintegração social.

²⁵ De acordo com Landim (2004) o padrão urbanístico simplificado que fora adotado em Piracicaba, não refletiu sobre as particularidades de uso dos espaços, clima e forma das diferentes áreas urbanas.

Segundo a socióloga Sharon Zukin (2000) a paisagem urbana é uma construção material, mas é também uma representação simbólica das relações sociais e espaciais, a paisagem coloca os indivíduos em relação aos grupos sociais e aos recursos materiais. Desta maneira, segundo a socióloga é possível entender os projetos urbanísticos como paisagens de poder, “essas paisagens são um texto visível das relações sociais, separando e estratificando atividades e grupos sociais, incorporando e reforçando as diferenças” (ZUKIN, 2000 p. 106). Todavia, a autora analisa no ensaio *Paisagens de século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano* que as transformações da paisagem ocorridas em função da reestruturação urbana foram efetivadas em função do novo caráter econômico das metrópoles, ou seja, a transformação da diversão e cultura em mercadoria²⁶ e a composição daqueles que possuem o capital financeiro, cultural e político são os elementos que irão constituir as transformações e reestruturações urbanas.

No caso das transformações ocorridas na cidade de Piracicaba na segunda metade do século XX, é possível observar uma reestruturação urbana baseada no desejo da classe política e econômica local em modernizar a cidade, ou seja, transformá-la na “metrópole interiorana”. Muitas das tensões ocorridas no espaço, decorrentes da “coerência estruturada”²⁷, isto é, os conflitos entre os desprovidos de poder e as paisagens impostas pelos donos do poder - a tensão estrutural entre a paisagem e o vernicular²⁸ - já ocorriam durante as mudanças urbanas na década de 1950 em Piracicaba. A diferença daquele momento para o exposto por Zukin reside no fato de que não foram às redefinições puramente econômicas que motivaram as transformações, mas um desejo da elite canavieira local em modernizar a cidade imprimindo-lhe elementos urbanos que a “transformassem” em um polo econômico, político e cultural do estado de São Paulo, aproximando-a de Campinas e da capital estadual.

Porém, é interessante observar que a reprodução das semelhanças não existia somente nas intervenções urbanas. A elite piracicabana também busca “imitar” de certa forma os outros símbolos de status da elite paulistana. Abaixo segue uma nota da coluna social divulgada pela Folha da Manhã no dia 30/08/1959 sobre a inauguração da cantina do Clube

²⁶ Para uma abordagem mais enfática sobre o tema ver ZUKIN S “Paisagem do século XXI: notas sobre a mudança social no espaço urbano. In: *O espaço da diferença* ARANTES A. (orgs) Campinas, SP. Ed. Papirus, 2000

²⁷ HARVEY D. apud ZUKIN S “Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social no espaço urbano”. In *O espaço da diferença* ARANTES A. (orgs) Campinas, SP. Ed. Papirus, 2000.

²⁸ Segundo ZUNKIN (2000) o *vernicular* são os conflitos existentes entre os desprovidos de poder com a paisagem imposta pelos donos do poder. Ou seja, há sempre uma tensão entre as construções, os modelos urbanos das instituições poderosas e as criações dos sem-poder.

Ítalo-Brasileiro de Piracicaba em que membros do Clube Ítalo-Brasileiro de São Paulo, além de personalidades das sociedades piracicabanas e paulistanas estavam presentes.



Figura 7: Nota sobre inauguração em Piracicaba

Fonte: Jornal Folha da Manhã 30/08/1959

“Dia último, O Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de Piracicaba promoveu uma reunião em seus salões, seguida de movimentado baile assinalando a inauguração de sua cantina. Estiveram presentes no acontecimento o Sr. Alfredo de Biasi, agente consular de Campinas, prof. Eduardo Bizarri, presidente do Instituto Ítalo- Brasileiro de São Paulo, Sra. Olga Navarro, Sr e Sra. Giocomo Nava, e famílias da sociedade piracicabana, além dos seguintes casais: Valter Ramos Jardim, Mario Dedini, Miguel Bisogni, Rubens Sousa Carvalho...”²⁹

A reportagem relata o sucesso da abertura da Cantina do Clube Ítalo-Brasileiro de Piracicaba, conta quais foram as personalidades presentes no evento, além de relatar a importância da abertura de um novo espaço no centro cultural que costuma reunir personagens da vida social piracicabana e que realiza uma “ponte” com as sociedades campineira e paulistana. O fato de este evento ter sido veiculado por um jornal da capital paulista e de ser a inauguração de um restaurante num “espaço cultural” que também existe na cidade de São Paulo demonstra a proximidade ou a intenção da elite piracicabana em se aproximar da cosmopolita alta sociedade paulistana.

Todavia, Piracicaba não era assunto, apenas, da Coluna Social do jornal a Folha da Manhã, em análise de algumas reportagens³⁰ veiculadas nesse jornal durante a

²⁹ Jornal de Piracicaba 30/08/1959

³⁰ Realizei uma análise de algumas reportagens veiculadas pelo Jornal Folha da Manhã, já que não é objetivo do estudo analisar todas as notícias veiculadas.

década de 1950 é possível perceber o destaque para o crescimento da cidade. Notas sobre o aumento das construções civis, progresso na produção de açúcar, formaturas em cursos oferecidos pelo Senai e Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), além das notas sobre acontecimentos culturais, como por exemplo, a audição de piano realizada por uma piracicabana de oito anos que interpretou Mozart, eram veiculadas pelo jornal da capital paulista. O interessante desta análise é notar a prevalência de aspectos que mostram o capital econômico e cultural dos piracicabanos; e de todas as reportagens analisadas neste período, apenas duas dissertavam sobre aspectos econômicos e ambientais, por exemplo, elas relatavam a alta mortandade de peixes ocorrida no Rio Piracicaba devido ao alto índice de produtos tóxicos lançados no rio pelas usinas de açúcar e álcool.

As notícias de jornais que veiculam uma imagem de uma cidade próspera e que a aproximam do *habitus* da sociedade paulistana, além das transformações urbanas ocorridas na época para dotar a pacata cidade do interior de “ares modernos”, demonstram uma ruptura da elite piracicabana que busca caracterizar o município de modo que este se distinguisse das cidades vizinhas do interior paulista. Ou seja, a aproximação que as camadas mais altas da sociedade piracicabana buscavam realizar com a sociedade paulistana era uma forma de estabelecer uma “distinção” da elite canavieira já consolidada na cidade, além de ser uma maneira de demonstrar a importância regional do município de Piracicaba³¹.

Neste sentido, embora o próprio desenvolvimento e reconhecimento da importância da indústria da cana-de-açúcar tanto para o estado de São Paulo como para o país, a elite canavieira portadora do capital político e econômico da região desenvolveram estratégias para se aproximar e se consolidar como uma elite que possui também capital cultural que se aproxime do estilo de vida do grupo social cosmopolita da capital paulista. Desta maneira, as marcas de classe³² da sociedade paulistana começaram a ser incorporadas pela elite interiorana de Piracicaba que começa a aderir a um *establishment* cultural da capital paulista.

³¹ De acordo com Pierre Bourdieu (1976), o gosto e o estilo de vida são reveladores de uma hierarquização e separação entre os grupos com posses de capital ou recursos valorizados no mundo social. Neste sentido, como a elite canavieira piracicabana buscava se aproximar e se assemelhar às características da sociedade paulistana, a tentativa de “imitar” ou “transpor” elementos identificados como pertencentes a esse grupo social elitizado para a cidade de Piracicaba e para as relações sociais da própria elite piracicabana, demonstra como a sociedade de Piracicaba buscava se distinguir das demais parcelas da população através da aproximação dos *habitus* da sociedade paulistana.

³² Apud PULICI C M “O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção social em São Paulo”. 2010

Entretanto, é importante ressaltar que embora esta parte do estudo procure fazer uma análise da influência no estilo de vida da elite piracicabana e nas transformações urbanas ocorridas na década de 50, não há intensão de enrijecer o processo analítico sobre “as elites” já que mesmo membros pertencentes a este grupo social, quando reunidos em um grupo, resultam num conjunto heterogêneo, com diferentes lugares e características, assim, como a própria definição de elite é bastante complexa e variável no mundo de hoje. Além disso, o intuito do estudo não é mapear os costumes, características e marcas sociais que identificam um processo de distinção, mas de averiguar até que ponto a visão de mundo e estilo de vida da elite piracicabana influenciam nas transformações urbanas.

Um bom exemplo da influência da elite canavieira na urbanização de Piracicaba na época fora a sociedade estabelecida para formar a Companhia de Melhoramentos Urbanísticos - Comurba, responsável pela construção do edifício Luiz de Queiroz, o qual era presidida por Raul Coury, empresário e usineiro piracicabano na época da construção do prédio. Além disso, o movimento para criação da Comurba teve apoio de jornalistas, do prefeito da época, Luciano Guidotti e do Lions Club e Rotary Club, famosas associações de empresários na cidade. Desta maneira, através das articulações que foram efetuadas para a construção do edifício Luiz de Queiroz é possível visualizar e exemplificar a grande fluência da elite canavieira na transformação urbana da época.

Nesta parte do capítulo fora analisado a influência dos modos de vida da elite canavieira na transformação urbana de Piracicaba e como o discurso da construção da “metrópole interiorana” estava presente na urbanização, mas também nas notícias que eram veiculadas sobre a cidade de Piracicaba e sobre os piracicabanos. A terceira parte do capítulo será dedicada à urbanização piracicabana da década de 70 até os anos 90.

1.4 Piracicaba – crescimento populacional, “periferização” e condomínios horizontais fechados

Entre os anos 1970 e 1990, Piracicaba também fora impactada pelo Milagre Econômico do governo militar e pelo projeto de desconcentração industrial, cujo intuito era o desenvolvimento industrial em diversos municípios do interior, além da geração de empregos, crescimento econômico e urbanização. Entretanto, é importante ressaltar que o Milagre

Econômico fora um projeto de crescimento focado no setor de bens de consumo, ou seja, na produção nacional de produtos e bens de consumo duráveis. Já o I Plano de Metas, teve como objetivo dar suporte a essa indústria, o qual implicou na modernização da agricultura canavieira e ampliação dos complexos industriais.

De acordo com a historiadora Eliana Tadeu Terci (2001), o II Plano de Metas, no caso do interior paulista, visou à atração de indústrias para a região; neste momento inicia-se certa disputa entre as cidades interioranas para atrair as indústrias e os investimentos. Na perspectiva de atrair o maior número de fábricas, Piracicaba inaugurou o seu primeiro Distrito Industrial em 1972, além de fornecer abonos fiscais, aumentando a possibilidade de atração de empresas. Estes processos somados ao projeto de interiorização industrial aumentaram o êxodo de trabalhadores vindos principalmente de outras regiões do estado de São Paulo para Piracicaba. É interessante observar que o crescimento populacional fora fator determinante da alta taxa de urbanização do período, que entre os anos de 60 e 70 foi de 83,8%³³.

Embora o Distrito Industrial tenha contribuído para o desenvolvimento econômico da cidade devido a vinda das fábricas da Philips e Caterpillar na época, a chegada dessas empresas também atraiu milhares de trabalhadores especializados que, por terem maior renda, pressionaram o valor dos aluguéis e dos imóveis para cima, “expulsando” os antigos inquilinos devido à valorização dos imóveis de determinados bairros que passaram a ser ocupados por uma nova classe média.

Segundo, a historiadora Eliana Tadeu Terci (2005), o Programa Proálcool criado em 1975 pelo Governo Federal também teve forte influência sobre a economia e a urbanização da cidade de Piracicaba. Embora, o objetivo principal do programa fosse a produção e comercialização do álcool, o programa também tinha como metas a geração de empregos no campo e a contenção do êxodo rural, por exemplo. Entre as décadas de 70 e 80 houve, de fato, uma razoável expansão do emprego devido à contratação de mão de obra especializada em função da dinamização e crescimento das atividades do setor empresarial, o qual também contribuiu para o aumento do número de contratações de pessoal não qualificado.

³³ BILAC, M B. Piracicaba – acervo de publicações especializadas e dossiê de informações regionais. *Relatório de pesquisa*. Piracicaba: NPDR/UNIMEP, 1993.

Impulsionado pelo processo de expansão industrial e urbanização, o setor de comércio de serviços também se desenvolveu a partir dos anos 70. Neste período houve grande crescimento de médios e pequenos proprietários de lojas, restaurantes e colégios particulares, por exemplo; para evidenciar o crescimento do setor de comércio, entre os anos de 1975 e 1980 houve crescimento de 32%³⁴ na quantidade de estabelecimentos comerciais destinados à venda de vestuário e calçados em Piracicaba.

É importante ressaltar também que a nova classe média piracicabana, composta por: trabalhadores especializados empregados nas recém-chegadas indústrias, profissionais liberais e do setor terciário está, de maneira geral, integrada nos padrões de consumo de massa moderno. Essas pessoas passaram a residir nas casas e nos poucos prédios existentes na região central de Piracicaba e também nos bairros de classe média e alta, como a Vila Rezende e a Nova Piracicaba localizada na outra margem do Rio Piracicaba.

Embora, a desconcentração industrial, os Planos de Metas e o Proálcool tenham refletido de maneira positiva economicamente, e apesar da existência de uma classe média crescente no município de Piracicaba, não houve planejamento urbano suficiente para acolher todos os trabalhadores que chegaram à cidade. A infraestrutura urbana não era suficiente para atender à toda população e não havia demanda de emprego para absorver toda a oferta de mão de obra disponível em Piracicaba na época. Além disso, a mecanização e modernização da agricultura acentuaram a proletarização do trabalhador rural, e a utilização da mão de obra sazonal consolidou o emprego do trabalhador temporário na agricultura de cana-de-açúcar³⁵.

Além da incapacidade das indústrias em absorverem toda a oferta de mão de obra, as lousas de cana-de-açúcar contratavam o trabalhador sazonal que passa a residir em Piracicaba para trabalhar na colheita da cana que na época era predominantemente manual (TERCI, 2005). Porém, além da falta de emprego para todos e os trabalhadores piracicabanos e recém-chegados, aqueles que chegavam ao município para trabalharem na lavoura de cana ocupavam os bairros periféricos e locais de risco, pois não conseguiam arcar com os altos custos do centro da cidade. Sendo assim, parte da população fora marginalizada, e teve como

³⁴ Fonte: IBGE - Censo Industrial, 1980. *Apud* TERCI, E T Desconcentração Industrial. Impactos socioeconômicos no interior paulista (1970-1990). Piracicaba. Ed. Unimep, 2005.

³⁵ MARTINS L A T P GALLO Z (2001) A qualidade do crescimento econômico: uma reflexão sobre o caso de Piracicaba. *O desenvolvimento de Piracicaba: história e perspectivas.*, Piracicaba, p. 127 -168, 2001.

única alternativa de moradia ocupar as áreas verdes da então zona rural piracicabana e habitá-las de forma totalmente precária.

Em 1979, segundo o IBGE, Piracicaba possuía 23 favelas com aproximadamente 10 mil habitantes, a população piracicabana na época era de 152.505³⁶ habitantes. Já em 1993, a cidade possuía 53 favelas, com cerca de 22 mil pessoas (quase 10% da população total do município na época).

No livro *Desconcentração Industrial: Impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970-1990)*, a historiadora Eliana Tadeu Terzi afirma que na década de 80, a questão da moradia foi a principal questão social da cidade de Piracicaba. Na época a prefeitura local criou o Programa de Habitação Popular e incentivou o Programa de Financiamento de Lotes Urbanos (PROFILURB); o objetivo dos programas era favorecer a posse de terras para famílias com até cinco salários mínimos. O programa previa a construção de três conjuntos habitacionais com 2500 lotes, com toda a infraestrutura necessária. Inicialmente foram lançados 1376 lotes para venda, a procura foi tão grande que em pouco tempo eles foram todos vendidos. Porém, os sucessivos atrasos nas entregas das obras, devido a problemas da empresa construtora, fizeram com que a prefeitura assumisse a construção, e por causa da demora, as famílias começaram a ocupar os locais, mesmo antes do término das obras. Não havia água, nem rede de esgoto nas localidades.

Por consequência da pressão realizada pela Associação dos Favelados de Piracicaba, a prefeitura na época resolveu colaborar com os moradores agilizando a documentação necessária junto ao Sistema de Financiamento Habitacional e no processo de transferência dos lotes. Porém, a insatisfação popular diante do Perfilurb persistia devido ao projeto de remoção que iria retirar a população daquela área e realocar em local muito distante.

As décadas de 70 e 80 foram marcadas pela tensão entre os movimentos populares e o poder público no que diz respeito à habitação popular. Nesta época, a Associação dos Favelados de Piracicaba, fundada em 1982, implementou projetos de urbanização e construção de casas a fim de resistir ao programa de desalojamento de favelas proposto do poder público municipal. Essa entidade começou, então, a construir casas populares nas

³⁶ Fonte: Acervo de publicações Especializadas e Dossiê de Informações Regionais.

próprias favelas piracicabanas, que estão localizadas em sua totalidade, na região periférica do município.

Todavia, a favelização é uma realidade que persiste até os dias atuais em Piracicaba, e atualmente houve o agravamento dessa questão devido ao aumento populacional. Da década de 80 em diante, a população piracicabana praticamente dobrou, atualmente a cidade possui 364.751³⁷ habitantes e cerca de 97.7%³⁸ dessa população vive em área urbana.

As características da urbanização, do desenvolvimento econômico e uso do solo citadas acima fizeram com que a cidade de Piracicaba passasse por um processo de expansão do seu perímetro urbano, o que favoreceu o espraiamento da malha viária e a consequente especulação imobiliária de determinadas áreas do município. Essa dinâmica de expansão territorial fez com que Piracicaba hoje, apresente uma grande quantidade de vazios urbanos. De acordo com Revisão do Plano Diretor de Piracicaba realizada pelo Instituto Polis em 2003, alguns desses territórios vazios não possuem uso e os outros apresentam produção de cana e pastagem como utilização principal. Devido a essa fragmentação urbana, a cidade também possui bairros distantes da região central, uns apresentam toda a infraestrutura urbana: transporte coletivo, saneamento básico e proximidade com equipamentos urbanos de lazer, educação e cultura; porém, existem bairros onde não há nenhuma infraestrutura o que compromete a qualidade de vida dos moradores.

Segundo o estudo realizado, a alta incidência de vazios urbanos potencializa a dinâmica de segregação sócio territorial; a especulação imobiliária induz a população, em geral de baixa renda, para regiões cada vez mais afastadas e distantes do centro urbano. Em função do crescimento descontínuo da cidade, a qual é permeada por vazios, ocorre do processo de desintegração entre os bairros periféricos e as áreas centrais da cidade. A partir da década de 70 como citado acima, a própria administração pública busca destinar à população de baixa renda os bairros mais afastados do centro urbano, o que provoca a separação e a segregação entre as classes sociais, além de afetar o direito à moradia e à parte da população residente nessas áreas.

A análise elaborada por Teresa Caldeira (2001) sobre a cidade de São Paulo também aborda a questão da segregação espacial neste mesmo período. Segundo a

³⁷ Dados IBGE – Censo 2010

³⁸ Dados IBGE – Censo 2010

pesquisadora a população paulistana não só estava separada e segregada por grandes distâncias, mas também por tipos de habitação e qualidade de vida urbana totalmente diferente (2001, p. 227). O mesmo padrão de segregação ocorrido em São Paulo se repetiu em Piracicaba e em outras cidades do interior em suas devidas proporções; assim como em São Paulo, os Distritos Industriais piracicabanos também foram construídos e as indústrias instaladas na periferia. Porém, todo o comércio e os serviços, permaneceram nas regiões centrais, não apenas no antigo centro, mas nas regiões de moradia das classes média e alta piracicabana.

É interessante observar também que segundo os dados do Censo de 2000 as regiões que apresentaram maior crescimento demográfico são as regiões Sul e Oeste da cidade de Piracicaba, justamente onde se encontram a maior concentração de favelas e onde os chefes de família possuem renda de até três salários mínimos. Já na região central que apesar de ser a zona com maior densidade populacional da cidade, verifica-se um crescimento populacional negativo se compararmos os dados nos Censo de 1991 e 2000, sinalizando assim a tendência de esvaziamento de moradias da região central.

Entre os anos 1991 e 2000 a taxa de crescimento da população piracicabana foi de 2,6%³⁹, porém neste período também houve o crescimento dos bairros mais afastados do centro. A taxa de crescimento demográfico no período foi de 18,9%, todavia os bairros do centro tiveram a sua população reduzida em 10,7%⁴⁰ (de 14.400 para 12.986 habitantes), o que demonstra um processo de despovoamento desse trecho e expansão da cidade em direção aos seus limites geográficos. Esse processo deveu-se à baixa oferta de novas unidades residenciais no Centro e a expansão da ocupação dos imóveis relacionadas às atividades de comércio e prestação de serviço, o que transformou inúmeras edificações anteriormente residenciais, em unidades comerciais. Já entre nos anos 2000 e 2010 também houve aumento da população piracicabana, porém a taxa de crescimento fora menor do que na década anterior. Abaixo seguem os dados sobre a evolução da população piracicabana nas últimas décadas:

³⁹ Dados IBGE – Censo de 2000.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13_1.shtm&uf=35 – visto em setembro 2013.

⁴⁰ Fonte: Revisão do Plano Diretor de Piracicaba – Censo IBGE 2000 / Semulplan / Prefeitura do Município de Piracicaba / Instituto Polis

Tabela 1: Evolução da população total do Município de Piracicaba

Pop.Total	Pop.Total	Taxa de crescimento	Pop.Total	Taxa de crescimento	Pop.Total	Taxa de crescimento
1980	1991		2000		2010	
210.568	278.715	2,6	329.158	1,9	364.571	0,9

Fonte - IBGE: Censos 1980, 1991, 2000, 2010

Abaixo segue o mapa da densidade demográfica por bairro na cidade de Piracicaba:

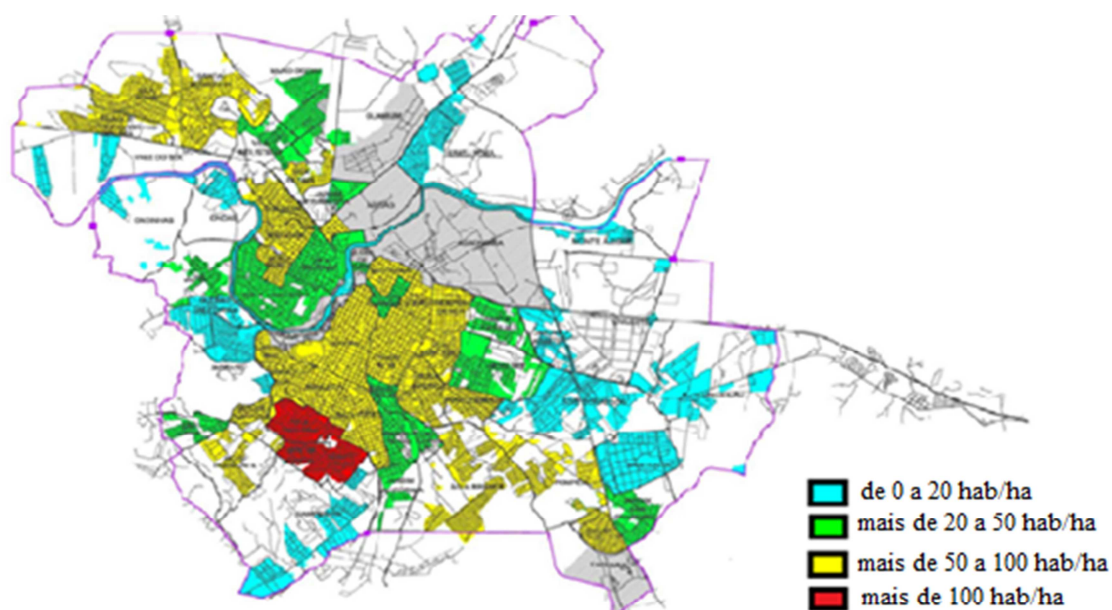


Figura 8: Mapa da densidade demográfica por bairro em Piracicaba
Fonte: IBGE Censo 2000/ SEMULPLAN

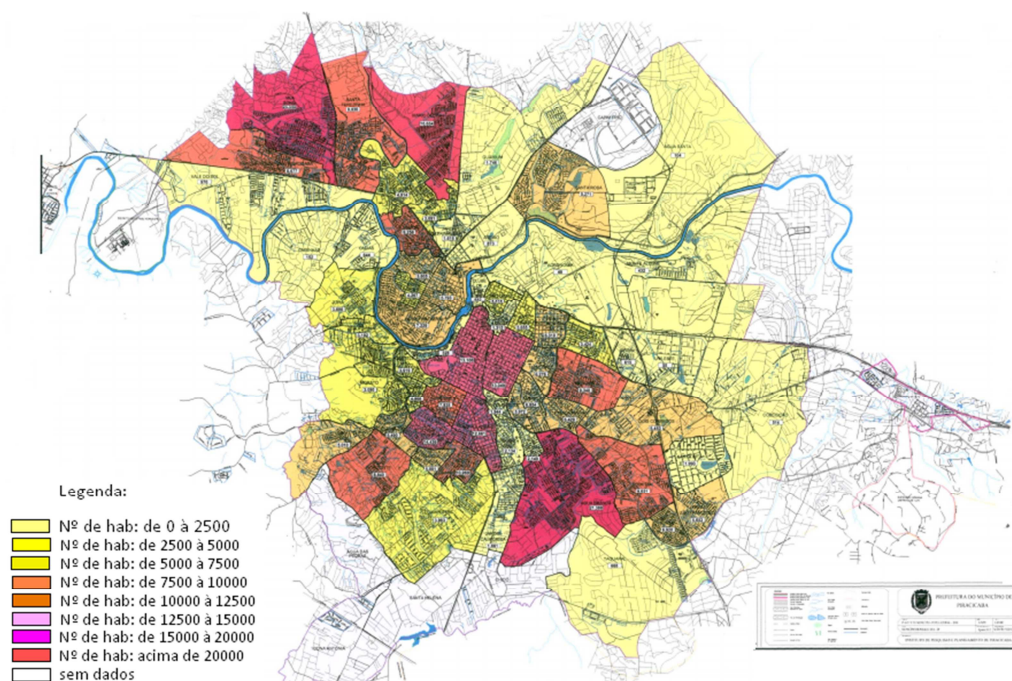


Figura 9: Mapa da densidade demográfica por bairro em Piracicaba
Fonte: IBGE Censo 2010/ IPLAPP

Comparando os dados revelados pelos dois mapas percebe-se que houve um aumento populacional principalmente nos bairros periféricos da região norte de Piracicaba entre os anos 2000 e 2010, sendo que a população do centro praticamente não sofreu alteração, já os bairros como Água Branca e Pompéia, localizados na região Sul da cidade tiveram aumento populacional considerável. Os bairros como a Vila Rezende e Nova Piracicaba não tiveram aumento significativo da população, já o bairro Glebas Califórnia, bairro onde está localizado o condomínio horizontal fechado Terras de Piracicaba, tivera um pequeno aumento populacional entre 2000 e 2010.

A análise comparativa entre os dois mapas onde mostra a evolução da densidade populacional de Piracicaba nos últimos 20 anos, indica que os bairros centrais e alguns bairros residenciais como Vila Rezende e Nova Piracicaba praticamente não tiveram crescimento de suas populações. Porém, o oposto ocorre em alguns bairros do perímetro urbano piracicabano, o bairro Água Branca, por exemplo, teve crescimento considerável de sua população na primeira década do século XXI. É interessante observar também, como dito anteriormente que no bairro Glebas Califórnia também houve aumento populacional; esse dado está de acordo com as informações reveladas pelos entrevistados residentes do condomínio Terras de Piracicaba os quais dizem que antes da construção do empreendimento não havia nada

naquele bairro. Este local era inclusive mais associado a uma chácara do que a um bairro propriamente dito. Abaixo segue relato da moradora Antônia sobre o bairro Glebas Califórnia:

“Quando eu comprei (o lote do condomínio) essa avenida não era movimentada assim. Quando eu comprei, não era assim, era bem afastado, hoje, meu Deus! Aqui é outro bairro, eu esqueci o nome, como que chama, é Jardim alguma coisa... ai não sei. Mas fiquei preocupada na época porque o caminho da ponte para cá até chegar esse pedaço aqui, não tinha movimento. Hoje, meu Deus, mas quando eu mudei, eu não me lembro se já estava..., não, já estava um pouco melhor e começou a ficar mais movimentado...”. (Antônia, Terras de Piracicaba I).

Através do relato da entrevistada e dos dados acima apresentados, é possível verificar que a construção dos condomínios Terras de Piracicaba naquele bairro contribuiu para o aumento populacional e para a urbanização do local que ainda era pouco habitado antes da chegada dos condomínios do supermercado Carrefour, o qual foi inaugurado na mesma época em que os lotes Terras de Piracicaba I e II estavam sendo lançados para a comercialização.

Ao longo desse capítulo vimos que Piracicaba passou de um município estritamente agrícola para uma cidade industrial de médio porte que atraí pessoas, empresas e serviços, foi abordada também a evolução populacional do município e verificado que a urbanização da cidade atualmente está direcionada ao seu perímetro. Nas páginas anteriores foi visto também que o município não conseguiu desenvolver equipamentos públicos que atendessem toda a população no mesmo ritmo do crescimento econômico e populacional, e que o espraiamento da população que vive nas periferias é consequência das políticas de habitação que foram “empurrando” a população pobre para as zonas mais distantes do município, além disso, o melhoramento estrutural de algumas localidades foram medidas ineficazes, devido à especulação imobiliária que aumenta o custo de vida nessas regiões. Como nem todos os habitantes conseguem manter-se nos bairros após o aumento do preço da moradia, ocorre à ocupação de outras regiões da cidade que não possuem infraestrutura urbana. Além disso, o transporte coletivo público em Piracicaba, que como visto nas páginas anteriores, apesar de ser uma preocupação da administração local, é outra marca da segregação, pois o transporte coletivo público não acompanha o crescimento da cidade, isto é, não há um transporte eficiente para todos os bairros do município, o que torna o mesmo

precário em vários locais da periferia, ou seja, os ônibus urbanos não conseguem integrar a cidade e a melhor alternativa para a circulação e mobilidade urbana é o automóvel particular.

Entretanto, é importante ressaltar que atualmente a “periferização”, isto é, a urbanização dos bairros periféricos do município não é consequência apenas do espraiamento da cidade. Na atualidade a cidade cresce no seu perímetro urbano, pois os bairros antes considerados de “periferia” estão sendo “alvos” da especulação imobiliária, ocasionada também pela construção dos condomínios horizontais que eleva o valor dos imóveis nos bairros, embora esses empreendimentos também melhorem infraestrutura dos locais.

Como vimos, Piracicaba passou por várias transformações urbanas ao longo do século XX, e apesar de todos os problemas urbanos, segregação e desigualdade gritante, a cidade conseguiu configurar-se como um polo regional; vimos ao decorrer do capítulo que o crescimento e o desenvolvimento econômico transformaram o município em um polo agroindustrial importante para o estado de São Paulo. Porém, vimos também que o crescimento econômico trouxe problemas sociais e transformações urbanas que mudaram o dia-a-dia da população piracicabana.

Piracicaba é atualmente uma cidade diferente do que foi há 20 anos, é uma cidade média diversificada em que o padrão de segregação centro-periferia não é suficiente para descrever a desigualdade social. O município passou por diversos processos ao longo do século XX e início do século XXI, como a industrialização realizada em função dos dois PNDs, o aumento considerável da população devido ao êxodo rural, o crescimento da área urbana e urbanizada e também o deslocamento de parte das classes médias e alta para fora da região central.

Piracicaba, no final dos anos 90 e na primeira década nos anos 2000 é uma cidade média, cuja periferia cresceu consideravelmente, o antigo Centro está em processo de decadência e atualmente está cada vez mais restrito às atividades comerciais, todavia alguns bairros que circundam o centro urbano continuam a serem espaços das elites, embora essas estejam em processo de abandono dessas regiões, mudando-se para condomínios residências fechados, mais distantes das áreas centrais em locais com menos infraestrutura.

Como observado na fala de Antônia no início deste capítulo, o primeiro condomínio horizontal fechado pode ter realmente dado início ao novo modo de circulação e

apropriação do espaço urbano, entretanto esse modo é mais individualizado e evidencia a segregação social já tão marcada na sociedade piracicabana. E para dar continuidade à compreensão sobre a forma como um grupo social específico pode influenciar na maneira como uma cidade é vivida e pensada, o próximo capítulo desta dissertação é dedicado à compreensão do estilo de vida e visão de mundo da elite canavieira, grupo social que como visto anteriormente influenciou as transformações urbanas piracicabanas na segunda metade do século XX. Além disso, o advento dos condomínios horizontais fechados no final dos anos 90 é abordado focando nos fatores que influenciaram na construção tardia dessas moradias privadas de uso coletivo e a maneira que elas foram comercializadas.

CAPÍTULO 2: VISÕES DE MUNDO, GOSTO E ESTILO DE VIDA DA ELITE CANAVIEIRA PIRACICABANA.

Como este capítulo possui a intenção de analisar a consolidação da elite canavieira piracicabana e como esta influenciou e continua influenciando as transformações urbanas na cidade de Piracicaba, a compreensão sobre os símbolos, visão de mundo e estilo de vida deste grupo social se faz necessária. Para esta análise foram utilizados os conceitos de visão de mundo, *ethos* e estilo de vida do antropólogo Glifford Geertz e do sociólogo Pierre Bourdieu. Entretanto, é importante ressaltar que este trabalho não busca realizar uma análise sistemática sobre as dimensões simbólicas das hierarquias sociais, a ideia é utilizar como referência autores que pensaram sobre as categorias que envolvem os valores e os comportamentos sociais⁴¹.

Segundo o antropólogo Clifford Geertz em seu texto a *Ethos, visão de mundo e a análise dos símbolos sagrados* a visão de mundo revela-se através da subjetividade, “do mundo interior dos sentimentos e desejos”⁴² e das condutas dos membros de um grupo, ou seja, tudo o que um grupo preza ou odeia é retratado através de sua visão de mundo. Desta maneira, todos os elementos subjetivos que fazem com que os membros de um grupo valorizem ou menosprezem algo são reflexos de sua visão de mundo e que irão ser expressos na qualidade total de sua vida (GEERTZ, 1973), isto é, serão manifestados através do seu *ethos*. Portanto, através da visão de mundo e da noção de *ethos*, Geertz traça um arcabouço analítico para pensar e analisar o estudo dos valores e os processos essenciais envolvidos na regulação normativa do comportamento. Todavia, segundo o autor as categorias: visão de mundo, *ethos* e religião resultam num conjunto de valores que juntos possuem uma “aparência de objetividade”, essa objetividade é expressa externamente como, estilo de vida.

A categoria estilo de vida para Pierre Bourdieu é um critério de classificação social (BORDIEU, 1974), segundo o autor as classes sociais encontram-se separadas por categorias socioculturais, e por estilos de vida diferentes. Segundo o sociólogo a qualidade da bebida consumida, o anseio por fotografias e obras de arte refletem os gostos valorizados

⁴¹ É importante esclarecer também que as elites canavieiras são analisadas aqui como grupo social consolidado que interferiu nas transformações urbanas naquele período.

⁴² GEERTZ, “Ethos, visão de mundo e análise dos símbolos sagrados” In A interpretação das culturas. 1973, p. 98.

pelos diversos grupos sociais e que também reproduzem e refletem as divergências e oposições entre as classes. Desta maneira, Bourdieu demonstrou através de análise da sociedade francesa principalmente, que a produção de consumidores culturais e seus gostos está mais associada aos sistemas de disposição característicos das diferentes classes, do que através da naturalização de determinadas condições sociais específicas. Ou seja, os gostos de classe estão associados à maneira como as diversas classes diferenciam-se entre si.

A sociologia do gosto de inspiração bourdiesiana sugere vínculos entre os *habitus* de classe e os estilos de vida, além disso, segundo Pierre Bourdieu as práticas culturais constituem dimensão essencial na formação e conformação das classes⁴³. Bourdieu demonstrou através de análises estatísticas em seu livro *A Distinção. Crítica social do julgamento* (2007), que o gosto de classe seria aquilo que “define” e traduz a posição social que os indivíduos ocupam na sociedade. Desta maneira o gosto, o consumo cultural e o estilo de vida, por exemplo, são formas que segundo o sociólogo são “marcadores” de distinção social. Sendo assim, o autor tenta mostrar as condições nas quais são produzidos consumidores de bens culturais e seus gostos através das esferas econômicas e culturais as quais os indivíduos estão submetidos e como eles estão ligados ao sistema de disposições característicos das diferentes classes.

Partindo da perspectiva bourdiana que os indivíduos de uma determinada classe social apresentam gostos e estilos de vida vinculados e submetidos às disposições características da sua classe social, a elite canavieira piracicabana apresenta características cosmopolitas e elitizadas pelo fato de ser elite. Todavia, esta elite que se fortalecera e possuía capital econômico na cidade a partir da década de 1940 do século passado, era uma elite agrária constituída em sua grande maioria de descendentes de imigrantes⁴⁴ que conseguiram prosperar no mercado canavieiro principalmente. Desta maneira, é possível afirmar que esse grupo não pertencera à elite tradicional⁴⁵, entretanto já na década de 1950 e 1960 era essa parcela da população que já dominava o cenário econômico e político da região.

⁴³ Apud JOPPKE, C “The cultural dimensions of class struggle: on the social theory of Pierre Bourdieu” Berkeley Journal of Sociology, n.31, 1986. In: PULICI C M “O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção social em São Paulo”. 2010.

⁴⁴ Para mais informações para a história da elite piracicabana ver: TERCI E.T e PERES “Ascensão da agroindústria canavieira paulista: o caso de Piracicaba no início do século XX”. *Organizações Rurais e Agroindustriais*, Lavras, v. 12, p-445-456, 2010.

⁴⁵ As elites são aqui classificadas em categorias através do estudo de LIMA (2008): I) Elite de origem antiga apedada à tradição: famílias que estão no topo da pirâmide social há várias gerações; II) Elite de origem antiga modernizada; III) Elite emergente: novos-ricos.

Como visto anteriormente também, a cidade de Piracicaba em meados dos 1950 começava a despontar com polo regional dado seu crescimento vinculado ao desenvolvimento da indústria açucareira, além disso, a administração pública local e própria da elite canavieira trabalhavam para essa consolidação. Neste sentido, o grupo canavieiro que trabalhava para a imagem de Piracicaba como uma cidade moderna também precisa assimilar práticas e características das classes sociais mais altas dos grandes centros de maior proximidade com o município; desta maneira o espelho para padrões de comportamento e estilo de vida reproduzidos pelos membros dos grupos privilegiados piracicabanos era a elite paulistana.

Neste sentido, dada a necessidade de consolidar Piracicaba como um polo regional devido a sua importância econômica, a elite canavieira da cidade também busca se consolidar enquanto elite social interiorana. Embora o capital econômico desta classe já estivesse sólido devido à trajetória e importância conquistada graças ao desenvolvimento da indústria canavieira da região, os membros desta elite ainda precisavam se consolidar enquanto elite dotada também de capital cultural e social. Neste sentido, notícias que divulgavam atrações culturais e personalidades piracicabanas ligadas ao universo cultural eram veiculadas com certa frequência entre os anos 1960 e 1970, em jornais de grande circulação como a Folha de São Paulo e a Folha da Manhã, por exemplo.

Entre os anos 1973 e 1974 houve cerca de seis notícias veiculadas pelo Jornal Folha de São Paulo que destacavam acontecimentos envolvendo a Academia Piracicabana de Letras, eventos como a nomeação de escritores às cadeiras da academia, noite de autógrafos e lançamento de livros⁴⁶ tiveram destaque no caderno regional do jornal a Folha de São Paulo. Desta maneira, a forma como a cidade de Piracicaba era noticiada em alguns veículos da imprensa nacional era utilizada como recurso de destaque para o capital cultural desenvolvido pelos habitantes da cidade e usado pela elite local, dado o caráter erudito de alguns eventos divulgados e utilizados para promover maior sociabilidade e incluir Piracicaba em “rotas culturais” de maior prestígio.

⁴⁶ Folha de São Paulo 30/09/1973 – “Silvio Ferraz Arruda lança o livro *Frases Celebres e Notáveis* em promoção na livraria Nobel e Academia Piracicabana de Letras”

Folha de São Paulo 9/02/1974 – “Escritora mineira Maria Apocalypese tomou posse da 87ª cadeira da Academia Piracicaba de Letras”

Folha de São Paulo 7/01/1974 – “Autógrafos”: “Na casa de Artes de Piracicaba (ex-Pinacoteca Municipal), a III Sessão Magna e a III Tarde de autógrafos da Academia Piracicabana de Letras”.

Folha de São Paulo 31/07/1974 – “Homenagem a escritor abre festa na cidade”: Lançamento do livro “Histórias da fundação de Piracicaba”, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Folha de São Paulo 22/12/1974 “Acadêmicos em reunião”

Sendo assim, este tipo de notícia veiculada pode expressar simbólica e materialmente posições de prestígio social de determinados grupos existentes na sociedade piracicabana, havendo assim uma lógica de distinção⁴⁷ operando através do destaque dado a esse tipo de notícia em um jornal de grande circulação como a Folha de São Paulo.

Neste sentido, pode-se perceber que possuir, apenas, o capital econômico não era o suficiente para que um determinado grupo fosse incluído no universo das “elites”. No caso da elite canavieira piracicabana havia a necessidade da afirmação e divulgação da incorporação de características cosmopolistas pelos próprios membros do grupo, como pela cidade onde viviam, já que esta deveria ser símbolo do cosmopolitismo interiorano “protagonizado” por esta elite. Embora o cosmopolitismo seja considerado uma característica inerente aos grupos da elite, os parágrafos supracitados possuem a intenção de mostrar como se deu a construção da lógica da distinção pela elite interiorana que tentava se consolidar enquanto grupo social privilegiado detentor de capital econômico, cultural, social e simbólico. Desta maneira, o destaque dado à notícias de cunho cultural que divulgavam eventos das versões piracicabanas da Academia Brasileira de Letras e a Pinacoteca Municipal (Academia Piracicabana de Letras e Pinacoteca Municipal de Piracicaba) representa uma forma da elite canavieira se consolidar enquanto detentora e apreciadora da cultura erudita⁴⁸, além de dotar a cidade de um status social e cultural diferenciado e associado também ao cosmopolitismo cultural.

Através da análise das notícias de jornal supracitadas nota-se que além da própria divulgação dos acontecimentos e das pessoas envolvidas em eventos glamurosos de Piracicaba, há também um discurso do patrimônio⁴⁹, o qual segundo José Reginaldo Santos Gonçalves (2002) expressam uma visão de mundo e um ponto de vista sobre a sociedade. Além disso, segundo o autor o “patrimônio cultural” não existe como tal para um grupo social ou nação se não há tal classificação no discurso. Desta maneira, a existência das notícias que celebram e divulgam os acontecimentos sociais e culturais piracicabanos também é uma forma de afirmar e posicionar a cidade de Piracicaba como local de desenvolvimento, preservação e apreciação de patrimônios culturais.

⁴⁷ Tal como observada por Bourdieu (2002)

⁴⁸ De acordo com as notícias analisadas, veiculadas pelo jornal a Folha de São Paulo, em que há citação de eventos nesses espaços culturais, há também a divulgação das personalidades que estavam presentes nessas ocasiões, fato este que consolida o caráter exclusivo desses acontecimentos.

⁴⁹ Para entendimento mais completo sobre o discurso do patrimônio ver GONÇALVES J R S “Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso” In: *Cidade: história e desafios*. LUPPI L (org). Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002

Todavia, é importante considerar que a construção da cidade moderna pressupõe também a existência de patrimônio cultural consolidado e edificado; e a elite canavieira piracicabana a qual possuía a intenção de modernização da sua cidade tinha consciência que para tornar o seu ambiente urbano de fato moderno e de certa forma “condizente” com a sua importância econômica era necessário expressar essa força nas formas urbanas, nos discursos de valorização desses espaços e também na “monumentalidade cultural” existente na cidade que passava a ser “explorada” para a projeção da elite piracicabana como elite cosmopolita consolidada⁵⁰.

Essa elite canavieira que, como visto anteriormente, não era oriunda de uma elite tradicional que “herdou” costumes tradicionais vinculados às classes privilegiadas, para se afirmar enquanto grupo social poderoso que vive numa cidade “moderna” precisou incorporar o estilo de vida e o *habitus* associados à elite principalmente paulistana, por ser este o grupo social de “referência” devido à proximidade e ao seu status⁵¹. Entretanto, é importante esclarecer que este estudo não busca classificar e nem enrijecer o processo análico sobre as “elites”⁵².

É importante destacar também que as imagens da Piracicaba moderna começaram a ser veiculadas tanto pela imprensa local e nacional já na década de 1950 quando mudanças viárias, demolições e construções de novos edifícios ocorreram no centro da cidade. Embora as notícias da década de 1950 estivessem associadas às construções e transformações urbanas desencadeadas pelos órgãos públicos com apoio da elite canavieira local, os usineiros e industriais piracicabanos sempre tiveram destaque da imprensa como visto anteriormente.

⁵⁰ A ideia implícita neste termo não possui a intenção de demonstrar que as elites e as classes sociais privilegiadas não sofrem mudanças de comportamentos, gostos e estilo de vida. A classificação aqui dotada refere-se a estratificação social apontada através do gosto e estilo de vida pensadas e definidas por Pierre Bourdieu (1979).

⁵¹ É importante evidenciar também que dentro do cenário econômico brasileiro da década de 1970, a competição por investimentos existentes entre as cidades do interior paulista era considerável, e elementos como equipamentos culturais e urbanização são características que também atraíam investimentos. Para um maior enfoque sobre industrialização do interior paulista ver TERC I E T “Desconstrução industrial. Impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970-1990).

⁵² Todavia, é importante esclarecer que a elite canavieira piracicabana, está inscrita na chamada “elite antiga modernizada” que pela própria tradição familiar dos grupos canavieiros piracicabanos teriam renovado seus repertórios sociais e culturais de acordo com as transformações oriundas da modernidade. Porém, vale salientar que os entrevistados para essa pesquisa não pertencem a essa elite, apesar de fazerem parte dos estratos mais abastados piracicabanos, a maioria dos entrevistados são classificados como “elite emergente” (GUIMARÃES, 2010). Esse termo é aqui empregado pensando no fenômeno complexo e multifacetado de rápida ascensão social, comumente encontrado em países de história recente que vem passando por um processo rápido de desenvolvimento e crescimento econômico.

Nas páginas anteriores vimos como membros da elite canavieira piracicabana eram destacados na imprensa nacional e local e como as características associadas ao gosto, estilo de vida e *habitus* apareciam nas notícias veiculadas por jornais de grande circulação, e a partir delas vimos como se deu a “consolidação” dos industriais canavieiros como uma elite interiorana e como este grupo influenciou nas transformações urbanas ocorridas no período.

As próximas páginas serão dedicadas às transformações urbanas ocorridas no final da década de 1970.

2.1 Piracicaba rumo ao consumo visual global

De acordo com Sharon Zukin (2000), o processo de construção de uma paisagem pós-moderna depende da fragmentação econômica das antigas solidariedades urbanas e de uma reintegração baseadas em novas formas de apropriação cultural do espaço. Este movimento, pode ser denominado como consumo visual global e um dos elementos fundamentais desse processo é à redefinição de um sentido de um determinado lugar utilizando ou não construções de apelo global⁵³. Neste sentido, embora Piracicaba ainda não tenha passado por um processo de descentralização densa que redefine o mercado imobiliário local conferindo assim um novo sentido de lugar para algumas regiões e bairros do município, como define Zukin (2000), afinal a cidade ainda não passou por um processo de transformação onde um bairro anteriormente operário cuja circulação e movimentação estavam atreladas a uma fábrica atualmente falida e nos dias atuais este bairro é um centro de entretenimento e consumo, como é o caso do bairro da Vila Madalena em São Paulo, utilizado como exemplo por Zukin (2000); a cidade de Piracicaba está passando por esse processo, porém ele ainda não foi consolidado.

A industrialização piracicabana é recente e a sua economia ainda não passou por um processo radical de transformação, a cidade embora ainda possua uma economia mais diversificada do que há 40 anos, ainda possui forte vínculo com o setor canavieiro. Desta maneira, o consumo visual global que está em curso em Piracicaba e as transformações que serão vistas nas próximas páginas fazem parte da chegada de símbolos globais de consumo e

⁵³ A ideia de construções de apelo global aqui utilizada refere-se à construções padrão, com traços arquitetônicos e urbanísticos comuns. Podem ser lojas de redes comerciais, ou construções que presupõem formas padronizadas.

produção que também operam uma nova dinâmica urbana piracicabana, porém eles ainda não foram suficientes para resignificar uma determinada região da cidade.

Como visto anteriormente, o período entre os anos 1950 e 1970 foi marcado pela industrialização e urbanização aceleradas. Em Piracicaba, como visto no capítulo anterior, nas décadas de 50, 60 e 70 acontecimentos como construções de arranha-céus, o novo modelo de mobilidade urbana baseada em grandes e largas avenidas, diversas reformas ocorridas no centro da cidade e a chegada de um moderno cinema, são exemplos, de mudanças urbanas que de certa maneira também tiveram a intenção de “trocar o velho pelo novo”.

A partir da década de 1970, devido ao contínuo desenvolvimento econômico da cidade e da região, outro cinema fora inaugurado e novos e “modernos” supermercados foram chegando à Piracicaba por exemplo. É interessante observar que as reformas urbanas, neste período deixam de ser novidade na cidade e de causar os estranhamentos de outrora. A cidade está num outro momento, Piracicaba já não é de fato a pacata cidade do interior, e as consequências das alterações na vida urbana advindas do crescimento econômico urbano são nítidas como, por exemplo, a poluição do rio Piracicaba e o surgimento das favelas, como analisado pela historiadora Eliana Tadeu Terzi (2005).

Em meados dos anos 70, a cidade começa a receber as primeiras lojas de redes de supermercados, *shopping center*, aeroclube, fábricas de marcas internacionais como a Caterpillar, além dos próprios condomínios horizontais fechados mais tardiamente, os quais começam a dotar a cidade, em uma escala menor que nas metrópoles brasileiras, de “capacidades locais de produção e difusão de imagens positivas capazes de garantir a inserção da cidade no mercado global” (OLIVEIRA, 2000 p. 209).

A chegada das primeiras redes de supermercados à cidade durante a década de 1970, por exemplo, modificou o comércio local e a forma como as pessoas consumiam na cidade, aos poucos os pequenos mercados, as mercearias e quitandas localizadas nos bairros foram fechando as portas e as compras de alimentos passaram a ser concentradas nos supermercados de rede. Além disso, a chegada de empresas internacionais de grande porte como, a já mencionada, Caterpillar que teve a segunda fábrica no Brasil inaugurada em 1976 em Piracicaba também projetaram a cidade internacionalmente; uma notícia da Folha de São

Paulo de 12 de junho de 1976 publicou a vinda de diretores da empresa à fábrica no interior⁵⁴, fato este que proporcionou à cidade o início de um status internacional.

Outros acontecimentos ocorridos durante a década de 1980 também mostram como a cidade foi adquirindo características cada vez mais “modernas” que poderiam incluí-la num cenário global, como por exemplo, a notícia veiculada em dia 6 de junho de 1980 sobre a construção de um novo aeroporto na cidade⁵⁵, além da chegada de um simulador de voo que fora instalado no então aeroclube municipal⁵⁶. Claro que essas notícias também mostram o desenvolvimento da cidade e o seu crescimento econômico, todavia esse sentimento de “modernização idealizada”⁵⁷ das elites brasileiras de maneira geral mostra que os investimentos econômicos e simbólicos são desejos das elites nacionais as quais querem estar inseridas no circuito global⁵⁸.

É importante ressaltar também que tanto as fábricas Caterpillar como a Phillips foram instaladas no Distrito Industrial Unileste, área construída e destinada somente às indústrias e aos de serviços conexos. Todavia, para alguns autores⁵⁹ a sua implantação era uma maneira de atrair novas empresas sem se preocupar com o retorno que as atividades empresariais trariam ao município. Além disso, uma outra crítica dessa política econômica e urbana é a falta de avaliação sobre a capacidade do município de suportar o crescimento industrial provocado; um exemplo das consequências dessa política foi a especulação imobiliária, que “expulsou” os antigos moradores de determinadas regiões da cidade devido à vinda de profissionais especializados empregados nas indústrias.

Sobre os distritos industriais de Piracicaba, é interessante observar que a sua construção intensificou o processo de espraiamento da cidade que juntamente com a

⁵⁴ Folha de São Paulo, 12/06/1976 – “Visita à fábrica no interior”

⁵⁵ Folha de São Paulo, 12/06/1980 “Aeroporto”

⁵⁶ Folha de São Paulo, 02/07/1980 “Piracicaba – simulador de voo”.

⁵⁷ OLIVERIA M N “Avenida Paulista: a produção de uma paisagem de poder” In: *O espaço da diferença*, ARANTES A (org) – Campinas, SP; Papirus, 2000.

⁵⁸ Esse movimento não é particular de Piracicaba, as elites brasileiras historicamente utilizam elementos e reformas urbanas a fim de mostrarem o seu potencial econômico, sua riqueza, e sua cultura, como por exemplo, as reformas empreendidas por Pereira Passos no Rio de Janeiro no início do século XX. Além disso, Oliveira (2000), diz que existe uma “obsessão do descompasso” entre as elites brasileiras, “as quais tem a ideia de que os problemas do país originar-se-iam não da nossa inserção particular em um sistema global hierarquizado, assimétrico e desigual, mas da distância econômica, cultural e cada vez mais tecnológica, que insistiríamos em manter, e que nos separaria da ‘modernidade’ dos países capitalistas avançados” (OLIVEIRA, 2000, p. 213).

⁵⁹ MARTINS L “Modernização, atores sociais e gestão local: um estudo de Piracicaba”, São Paulo. Tese de Mestrado. São Paulo PUC-SP, 1994 *Apud*: TERCI E T “Desconstrução industrial. Impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970-1990)”. Piracicaba.Ed. Unimep, 2005.

especulação imobiliária “jogou” a população para zonas mais periféricas do município, produzindo assim uma cidade espalhada onde existem pequenos “centros” em várias partes da urbes. Porém, vale ressaltar que as políticas públicas de mobilidade, educação, lazer e moradia não acompanharam o espraiamento da cidade como visto no capítulo anterior constituindo assim uma cidade degradada e com divisões claras entre as zonas mais ricas e as pobres .

Em relação às transformações ocorridas no centro da cidade e as suas consequências, vale destacar que após a queda do Edifício Luiz de Queiroz em 1964 que matou cerca de 46 funcionários que trabalhavam na obra e da falta de resultados das investigações sobre o ocorrido que duraram seis anos e não chegaram a uma conclusão sobre a causa e queda, a imagem da Praça José Bonifácio antes associada ao desenvolvimento da cidade foi se transformando com o passar dos anos. Os investimentos⁶⁰ no “embelazamento” e modernização do centro da cidade diminuíram significativamente, e as obras na região se restringiram às pequenas melhorias nas ruas e vias do centro. Além disso, após a queda do edifício, a região central foi se degradando aos poucos, ela já não era mais o espaço de convivência e sociabilidade que fora outrora, os cinemas⁶¹ fecharam; aos poucos outros bairros da cidade tornaram-se locais de residência da elite piracicabana⁶², como a Nova Piracicaba, Vila Rezende e Bairro Alto; desta maneira o centro passa a perder a sua faceta de bairro residencial⁶³.

Uma construção com características de “consumo visual global”⁶⁴ que chegou à Piracicaba e colaborou para a mudança do perfil de sociabilidade exercido por outros tipos de

⁶⁰ É interessante observar que até os dias atuais a Praça José Bonifácio ou Praça Central sofre várias intervenções constantes

⁶¹ Em 1960 Piracicaba contava com 11 cinemas sendo 7 no centro da cidade. Atualmente existem cinco salas de cinema no Shopping Center Piracicaba.

⁶² Apesar do crescimento de outros bairros piracicabanos e do caráter comercial que a região central de Piracicaba foi assumindo, o Centro ainda abriga prédios e casas residenciais, porém o ritmo das construções nessa região para essa finalidade diminuiu consideravelmente. Vale destacar que alguns entrevistados informaram que durante a sua infância e juventude habitaram residências no centro da cidade e suas imediações, porém depois do casamento, eles trocaram o centro por casas no bairro da Vila Rezende ou apartamentos e posteriormente, após a chegada dos filhos ocorreu a mudança para o condomínio.

⁶³ Atualmente o centro de Piracicaba não é um bairro residencial, porém não é uma região puramente comercial. Após a queda do edifício Luiz de Queiroz e da intensificação das atividades comerciais no bairro ele perdera a sua faceta residencial, embora ainda existam prédios residenciais e casas no centro; desta maneira, o processo de fortalecimento comercial do local aconteceu e ainda está em curso, porém não foi tão expressivo como acontecera em São Paulo.

⁶⁴ Embora a cidade esteja passando por esse processo de consumo visual global, algumas construções que chegaram à cidade tinham esse apelo “global”, apesar de não terem consolidado um processo de regnificação do local.

instrumentos urbanos, como as praças, fora a inauguração do Shopping Center Piracicaba, a qual foi noticiada pela Folha de São Paulo em maio de 1987. Neste mesmo mês o jornal fizera uma reportagem sobre uma série de centros de compras que estavam sendo inaugurados no interior do estado de São Paulo e trouxe uma reflexão sobre as mudanças que esses novos empreendimentos causaram nos locais da sociabilidade nas cidades do interior⁶⁵ e nos hábitos dos moradores e frequentadores desses equipamentos urbanos. É interessante observar que a década de 1980 foi um período de muitas construções na cidade de Piracicaba, isto é, novos empreendimentos como *shoppings*⁶⁶ *centers* e também prédios comerciais e residenciais. Além de centros de compras e prédios, a construção de hotéis também foi foco de empresários da construção civil que viam no interior paulista um grande polo de investimentos⁶⁷. Neste sentido, na década de 1980, Piracicaba já recebia os seus primeiros enclaves não residenciais fortificados e a estética política dessas propriedades privadas para uso coletivo começa a tornar-se comum na cidade dos anos 80 em diante.

Esta parte do capítulo teve como objetivo pontuar as construções piracicabanas que são caracterizadas como “símbolos globais” e como elas estão operando rumo ao “consumo visual global” piracicabano, afinal apesar nas novas construções e das transformações urbanas terem promovido mudanças na sociabilidade existente na cidade e alterações na circulação, elas não resignificaram uma determinada região da cidade, elas foram inclusive mais ativas na própria expansão urbana do que na redefinição de um sentido de um lugar. Além disso, foram pontuadas as mudanças na sociabilidade que elas trouxeram, afinal é importante identificar o momento em que a cidade começa a possuir tais símbolos e como isso modifica as relações dentro da cidade; foi visto também que no final da década de 80 os primeiros enclaves fortificados, que igualmente são símbolos de um padrão de urbanização global chegaram à Piracicaba.

As próximas páginas serão dedicadas aos novos empreendimentos imobiliários residenciais que estavam “nascendo” na cidade de Piracicaba no final da década de 1980,

⁶⁵ Folha de São Paulo – 13/05/1987 – “Shoppings ditam novos hábitos para cidades do interior”.

⁶⁶ Folha de São Paulo de 29/12/1987 – “*Chap Chap aposta na onda dos shoppings*”. O jornal destaca a “onda” de construção de shoppings centers no interior do estado de São Paulo e fala sobre o tipo de construção no interior, a qual necessita de grandes terrenos, pois os prédios são planos e com grande estacionamento, seguindo o modelo norte-americano de um centro de compras. A reportagem também destaca a sociedade com o Grupo Dedini para a construção do empreendimento.

⁶⁷ Folha de São Paulo – 27/11/1989 – “*Chap Chap aposta na construção de hotéis no interior de São Paulo*”.

durante os anos 1990 e no início do século XXI e ao fenômeno dos condomínios horizontais fechados, que também são construções urbanas globais⁶⁸.

2.2 Piracicaba: entre prédios e condomínios

As páginas anteriores foram dedicadas a algumas incorporações inauguradas em Piracicaba ao longo da segunda metade do século XX que possuíam um apelo visual global⁶⁹ e que transformaram a paisagem urbana, como o aeroporto, a chegada do simulador de voo, o *shopping center*, redes de supermercado e hotéis, os quais chegaram na cidade graças ao seu crescimento e fortalecimento industrial, porém foi observado que o consumo visual global piracicabano está em curso. Acompanhando esse processo que se desenrola em Piracicaba, as construções residenciais, os “tipos” de residência domésticas, e a maneira como elas estão distribuídas pela cidade também fazem parte deste apelo visual global. Desta maneira, as próximas páginas serão dedicadas às construções residenciais que foram empreendidas em Piracicaba entre o final da década de 80 e final dos anos 90.

Uma reportagem da Folha de São Paulo sobre o alto valor dos aluguéis em Piracicaba de 1992⁷⁰ diz que a cidade possuía neste ano cerca de 103⁷¹ prédios residenciais, além disso a reportagem destaca o fato de que até 1970 Piracicaba oferecia poucas opções de moradia vertical, segundo um entrevistado dessa reportagem “o piracicabano não havia se acostumado a morar em prédio”. Entretanto, durante a década de 1980 foram construídos muitos empreendimentos verticais na cidade, a reportagem supracitada relata a situação de uma família de quatro pessoas que decidiu morar numa quitinete enquanto esperava o apartamento ficar pronto devido aos altos aluguéis de casas na cidade. Embora, a reportagem não expresse de maneira direta a quantidade de prédios sendo construída na cidade, o fato de uma família preferir comprar um apartamento ao invés de alugar, devido ao custo, mostra que havia uma oferta considerável de construções verticais no final da década de 80 e início da

⁶⁸ O fenômeno dos condomínios horizontais fechados não é algo novo e não é exclusivo das cidades brasileiras. Eles são objetos dos estudos urbanos a algum tempo e segundo Moura (2012) o primeiro estudo mais sistemático sobre o tema é de Blakely e Snider (1997), em que os autores fazem uma tipologia das *gated communities* norte-americanas.

⁶⁹ Os equipamentos urbanos inaugurados não tinham apenas um apelo visual, mas eles também representam a busca pelo crescimento econômico baseado no desenvolvimento industrial, ou seja, a cidade também precisava de infraestrutura para atrair investimentos e indústrias.

⁷⁰ Folha de São Paulo 13/01/1992 – Quatro moram em quitinete

⁷¹ Este foi o único registro que encontrado sobre a quantidade de prédios existentes em Piracicaba no início da década de 1990. Atualmente cerca de 3,5% da população reside em prédios segundo os dados do Censo 2010 – IBGE.

década de 90 em Piracicaba. Vale ressaltar que a entrevistada e moradora do Terras de Piracicaba II Maria Lurdes, também relata uma alta quantidade de prédios sendo construídos na cidade naquele momento:

“Tainá: Tinha muita construção de prédios na época (década de 80):”

“Maria de Lurdes: Muita, muita construção, então a oferta era boa, a gente tinha uma oferta boa de apartamento, tanto que a gente tinha pouco dinheiro, então a gente fazia que conta? Eu vou gastar um mais, porque vou ter que pagar condomínio, mas ele vai me oferecer segurança, a água já está incluída, já na casa eu teria que ter uma diarista para conservar, né....”

De acordo com Maria de Lurdes havia muitos prédios sendo construídos em Piracicaba, e com relação ao crescimento desses empreendimentos verticais cabe uma observação a respeito de uma reportagem veiculada pelo Jornal de Piracicaba sobre a queda do Edifício Luiz de Queiroz a qual paralisou o desenvolvimento vertical da cidade por pelo menos 10 anos. De acordo com essa reportagem, a queda do que fora o edifício mais arrojado do interior paulista na década de 50 acabou por sepultar outros projetos e modificou a paisagem urbana da cidade; cerca de cinco outras construções de prédios no centro do município foram paradas, pois os proprietários desistiram da construção após a queda. A reportagem ainda avalia que a retomada da construção vertical em Piracicaba só aconteceu na década de 1970 e que a retirada dos escombros em 1971 ajudou a amenizar a imagem da tragédia⁷².

Desta maneira, a queda do edifício Luiz de Queiroz, o impacto desse acontecimento e a própria demora na retirada dos escombros explica a fala registrada na reportagem supracitada do Jornal Folha de São Paulo, em que o entrevistado diz que o piracicabano não havia se acostumado a morar em prédio ainda na década de 1990. Embora a construção de empreendimentos verticais na cidade tenha retomado nos anos 70, a população piracicabana começou a procurar a moradia em prédios somente nos anos 80 quando havia mais edifícios sendo construídos na cidade e mesmo assim havia certa resistência por parte da população em optar pela moradia vertical.

Entretanto, é importante ressaltar que a construção vertical nesse momento em Piracicaba se concentrou principalmente nas imediações do centro e foram destinadas às

⁷² Jornal de Piracicaba – 06/11/2005 – “Comurba: a queda do prédio mudou a imagem urbana da cidade”

classes médias e altas da cidade. Em relação à população pobre do município, como visto no capítulo anterior, havia em 1993 cerca de 53 núcleos de favelas em Piracicaba com cerca de 22 mil pessoas localizadas na periferia da cidade, porém foi na década de 80 que a situação da habitação em Piracicaba ficara crítica devido à crise do Proálcool e a desaceleração econômica. Além disso, é importante destacar também que até a década de 1970, segundo Terci (2005) Piracicaba recebia cerca de 1000 migrantes por ano, todavia a cidade não oferecia infraestrutura para acolher essa população e a demanda por emprego se tornou maior que a oferta, resultando assim na marginalização da população de baixa qualificação.

Desta maneira, observa-se que na década de 90 havia uma dicotomia entre o centro rico e a periferia pobre em Piracicaba mesmo com as políticas públicas de habitação que foram realizadas e vistas no capítulo anterior. No entanto é importante destacar que o Proálcool exacerbou uma tendência de “expulsão” dos pequenos proprietários da zona rural para as periferias pobres das cidades médias, como Piracicaba. Segundo Picchia (1982), o testemunho gritante deste exôdo é a existência de escolas abandonadas e sem alunos na zona rural da cidade, enquanto na zona urbana faltavam prédios para o atendimento escolar regular.

Porém, como visto no capítulo anterior a dicotomia centro rico e periferia pobre não traduz totalmente a realidade da segregação sócioespacial em Piracicaba já que este município possui uma característica de espraiamento proporcionada pelo crescimento que os distritos industriais, Unileste e Uninorte causaram na cidade, isto é, os distritos industriais leveram infraestrutura para os bairros localizados no seu entorno, pois a sua localização no momento do planejamento era a zona rural da cidade. Além disso, Piracicaba não possui um “corte definido” entre a sua zona rural e zona urbana, o que acentua o seu espraiamento urbano. Embora este “corte” não seja claro na cidade, a distinção entre as áreas mais centrais e a periferia é evidente, a própria construção de prédios no município é uma evidência dessa característica urbana; a partir da segunda metade da década de 1980 quando a construção de prédios volta a crescer em Piracicaba os empreendimentos estão concentrados nas imediações do centro da cidade.

O movimento pela compra de apartamentos em Piracicaba seguiu a lógica descrita por Caldeira (2000) sobre os novos empreendimentos verticais na cidade de São Paulo. No início dos anos 1990 houve uma queda na quantidade de novas incorporações em São Paulo devido à alta inflação e às poucas opções de financiamento, o que acarretou na “elitização” da produção de apartamentos, ou seja, a produção de prédios mais sofisticados destinados às

classes mais altas. Já em 1996 com o fim da inflação decorrente do sucesso do Plano Real, assim como as novas oportunidades de crédito imobiliário possibilitaram o crescimento do mercado imobiliário em São Paulo. Abaixo segue um anúncio de 1999⁷³ veiculado pelo Jornal de Piracicaba sobre um condomínio horizontal recém-construído em Piracicaba, nele é possível notar as facilidades para o crédito imobiliário que ainda existiam, além das baixas mensalidades, havia também a possibilidade de utilização do FGTS e do financiamento imobiliário fornecido pela Caixa Econômica Federal. Apesar de o anúncio ser referente a um condomínio horizontal fechado, havia também vários prédios sendo construídos em Piracicaba nesse período.

A ÚNICA COM
64m²
DE ÁREA CONSTRUÍDA

COM O PADRÃO
DE QUALIDADE
IVAN MONTEBELO

**2 DORMS.
(GRANDES)**

ABRIGO COBERTO

Bertolin II
R. UCHOA, BAIRRO PERDIZES
Pav. 2, GRUPO
QUINTAL

PRESTAÇÃO
Após a entrega da obra
R\$ 272,00

**SEM PARCELAS
DURANTE
A OBRA**

**Use seu
FGTS**

Segura Garantia de Entrega da Obra:
SASSE CAIXA
SEGUROS

CONSTRUTORA
IVAN MONTEBELO
Trav. Pedro Basso, 77

CAIXA
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Plantão de Vendas:
417-1700
417-1790

Figura 10: Publicidade de casa em condomínio horizontal fechado

Fonte: Jornal de Piracicaba, 2/10/1999

⁷³ Vale esclarecer que nos anos 1999 já havia algumas construções de condomínios fechados destinados às classes médias, menos favorecidas em Piracicaba. O anúncio do condomínio Bertolin II, é um exemplo da disseminação do estilo de vida condomínios horizontais fechados para outras classes sociais, além disso, como este tipo de moradia chegou à Piracicaba cerca de 30 anos após a inauguração da primeira versão dos enclaves fortificados residenciais de São Paulo, houve a construção de versões de condomínios fechados para diversos públicos em Piracicaba. Porém, este exemplo, é utilizado aqui para mostrar as facilidades de crédito imobiliário que ainda existiam em 1999.

No livro *Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*, Teresa Caldeira disserta sobre os caminhos da urbanização paulistana entre as décadas de 40 a 90 do século passado e como as transformações urbana estão associadas ao aumento do crime e do medo na capital paulista; em um dos capítulos do livro a autora discorre sobre os primeiros conjuntos habitacionais de prédios murados construídos nos bairros do Morumbi e Vila Andrade na cidade de São Paulo, empreendimentos que foram produzidos na década de 70 em bairros que até então não possuíam a infraestrutura existente no centro da cidade, além disso, após a construção dos conjuntos de prédios a autora diz que o bairro do Morumbi exibe um quadro de impressionante desigualdade social dado que os diversos empreendimentos construídos para as classes mais altas contrastam com as várias favelas da região. Neste livro também, a autora faz uma análise sobre a forte valorização da categoria residencial dos enclaves fortificados realizada pelas classes altas de São Paulo. Esses empreendimentos começaram a ser comercializados no final na década de 1970, sendo que o primeiro deles foi o Alphaville localizado em Barueri na grande São Paulo. Entretanto, a autora traça uma forte diferença entre os edifícios de apartamentos da década de 70 e os condomínios horizontais fechados dos anos 80 e 90, de acordo com a autora os prédios de apartamentos integravam a rede urbana já os condomínios tendiam a ignorá-la, pois são distantes, murados, possuem uma vasta área de equipamentos de uso coletivo, além do grande aparato de segurança privada. Desta maneira de acordo com Caldeira, os condomínios horizontais classificados como enclaves fortificados inauguram um novo padrão de segregação sócio-espacial em São Paulo.

Já em Piracicaba os condomínios horizontais fechados começam a ser comercializados no final da década de 90. O anúncio supracitado refere-se à incorporação de um condomínio horizontal fechado em Piracicaba, todavia o empreendimento anunciado acima não fora o primeiro a ser construído na cidade como visto no capítulo anterior. Além disso, observa-se que o empreendimento anunciado é um condomínio com casas modestas e iguais, diferente do primeiro condomínio horizontal fechado da cidade, o Terras de Piracicaba, cujos lotes são vendidos e a construção da casa fica a cargo no proprietário do terreno, o qual deve seguir especificações como tamanho mínimo de construção. É importante ressaltar também que a comercialização dos condomínios horizontais fechados chegou de forma tímida em Piracicaba, como visto no capítulo anterior o primeiro anúncio veiculado de maneira discreta, isto é, uma pequena nota de venda, no caderno de *Classificados* do Jornal de

Piracicaba data de dezembro de 1998, o empreendimento na época ainda era uma aposta⁷⁴ de sucesso imobiliário. Porém, não demorou muito para a população das classes mais altas perceberem a chegada de um novo empreendimento de moradia à cidade, e os lotes dos Terras de Piracicaba I e II começaram a ter muita procura e venda.

A partir de 1999 vários outros condomínios horizontais são comercializados na cidade e destinados às classes médias e altas em locais até então afastados do centro da cidade; o anúncio do condomínio horizontal acima, por exemplo, está localizado no bairro de Perdizes cuja distância do centro do município é cerca de 9 km. É interessante notar que este anúncio do condomínio horizontal fechado Bertolin II, além de oferecer as “vantagens” do empreendimento como a facilidade ao crédito, a segurança e a área de lazer, itens como água, luz, esgoto e asfalto são “comercializados” no mesmo “patamar” que os outros itens, ou seja, este condomínio na época estava sendo construído num local onde havia pouca infra-estrutura básica, como saneamento.

Nesse período estavam sendo construídos outros empreendimentos horizontais fechados em Piracicaba com características e públicos diversos. Abaixo seguem outros anúncios de condomínios horizontais fechados empreendidos do final da década de 90 e início dos anos 2000. Todavia, antes de iniciar a análise de alguns anúncios veiculados pelo Jornal de Piracicaba, e apesar do objetivo dessa pesquisa não ser a análise de propagandas imobiliárias em papel, apurar essa publicidade é importante, pois esse tipo de propaganda tem o objetivo de seduzir o indivíduo.

Segundo Teresa Caldeira (2000) para atingir o efeito da sedução, os anúncios publicitários têm que utilizar e compartilhar um repertório comum às pessoas às quais eles são dirigidos. Sendo assim, publicidade imobiliária é uma boa fonte para a análise de estilos de vida e desejos das pessoas interessadas. Desta maneira, a partir deles é possível observar como o discurso imobiliário da época e o padrão de urbanização estavam sendo veiculados e direcionados.

⁷⁴ Detalhes sobre o começo da comercialização dos lotes no condomínio horizontal Terras de Piracicaba serão vistos no próximo capítulo, o qual é dedicado às entrevistas com moradores dessas áreas residenciais fechadas.



Figura 11: Publicidade de condomínio horizontal fechado

Fonte: Jornal de Piracicaba 5/12/1999

Neste anúncio do Residencial Altos de Piracicaba, por exemplo, é possível visualizar a área destinada ao empreendimento que aparentemente é grande, além disso, assim como na propaganda do residencial Bertolin II há um foco na infra-estrutura a qual será construída no local e nas facilidades de financiamento e pagamento das prestações, além da localização do residencial. É possível observar também que este empreendimento está destinado às pessoas da classe média, com poder aquisitivo mediano, devido ao foco na possibilidade de compra da sonhada casa própria através de financiamento, crédito imobiliário e baixas prestações.

Já a publicidade abaixo, referente a um condomínio horizontal fechado localizado no bairro Nova Piracicaba, com cerca de 2,8 km de distância do centro da cidade, possui uma linguagem diferente do anúncio anterior. O foco da propaganda abaixo é o lazer e a qualidade de vida proporcionada pelo empreendimento aos seus futuros moradores; frases como “Venha morar num jardim” e “pista para ciclovia, lazer total”, ressaltam a possibilidade de uma qualidade de vida focada no lazer no “primeiro condomínio horizontal fechado de requinte de Piracicaba.” É interessante notar também que não há um foco nos aparatos de segurança do condomínio, a frase “segurança classe A” que estará presente no empreendimento além das outras “vantagens” do condomínios são representativas do *status* de se viver num local onde o lazer e a qualidade de vida com segurança são possíveis.



Figura 12: Publicidade de condomínio horizontal

Fonte: Jornal de Piracicaba, 02/03/2000

É importante ressaltar também que vários dos entrevistados para esta pesquisa disseram que o lazer proporcionado pelas suas casas condominiais que possuem aparelhos recreativos como piscinas e churrasqueiras os fizeram diminuir a frequência de ida aos clubes aos quais são associados, alguns deles abandonaram inclusive chácaras e sítios, locais de lazer dos finais de semana. Dessa maneira, os condomínios horizontais fechados configuraram uma nova circulação das classes altas piracicabanas pela cidade, afinal esses espaços “condensaram” as atividades de lazer num único local, provocando um novo tipo de relação e circulação no ambiente urbano e valorizando a “não cidade”⁷⁵.

A análise feita acima será melhor elaborada no próximo capítulo o qual será dedicado às entrevistas e à pesquisa de campo realizada para esta dissertação. Entretanto, antes de partir para a análise da mesma é importante verificar um anúncio dos condomínios

⁷⁵ Através das entrevistas com os moradores de alguns condomínios horizontais fechados de Piracicaba, pude perceber que a relação com os clubes e equipamentos públicos de lazer foi alterada. As casas condominiais oferecem equipamentos de lazer como piscina, churrasqueira, algumas delas equipadas também com pequenas academias, dessa maneira, muitas atividades de lazer ficam restritas ao ambiente doméstico. Além disso, há certa priorização das atividades dentro de casa ou condomínio, porém alguns entrevistados ainda frequentam parques públicos e clubes, porém o uso desses espaços pelos filhos já é menor.

Terras de Piracicaba de dezembro de 1999, pois além deste empreendimento ser o primeiro condomínio horizontal fechado de Piracicaba muitos dos entrevistados são atuais moradores do “bairro residencial planejado”, logo é interessante analisar como os Terras de Piracicaba estavam sendo vendidos no final da década de 90 e os valores que estavam imersos na publicidade.

Qualidade de vida, lazer e segurança
no mais completo bairro residencial planejado de Piracicaba.

TERRAS DE PIRACICABA

RESIDENCIAL 1 totalmente vendido
RESIDENCIAL 2 totalmente vendido
RESIDENCIAL 3
NOVO ACESSO
CARREFOUR

Residenciais 1 e 2 prontos e entregues. NOVO LANÇAMENTO: RESIDENCIAL 3

Tudo que você precisa para morar bem está em Terras de Piracicaba, o mais completo bairro residencial planejado de Piracicaba, próximo ao centro.

- Os Residenciais 1 e 2 estão prontos, entregues e já têm várias residências construídas e em construção.
- O Hipermercado Camelôur, em pleno funcionamento a poucos metros da portaria, é uma grande comodidade para fazer suas compras.
- A unidade do renomado Instituto Atlético de Ensino, em construção dentro do condomínio, deverá abrir suas portas no próximo ano letivo, oferecendo ensino de alta qualidade no lado de sua casa.

Lotes a partir de 300 m²

- Infra-estrutura pronta
- Portaria com segurança 24 h
- Muros com 3 m de altura
- Ronda motorizada
- Quadras esportivas
- Quadras de tênis
- Quiosque
- Centro de convivência com espaço para salão de festas, salão de jogos
- Área reservada para comércio e serviços

LOTES a partir de: R\$ 382*,00 Mensais

Corretores diariamente de plantão no local:
Av. Abel Pereira ao lado do Carrefour - Tels.: (019) 434-0007 e 434-0077.

Realização: **COMPANY**
Projeto: **Jaime Ierner planejamento urbano**
Propriedade: **MORATO Empreendimentos Imobiliários**
Marketing: **FERNANDEZ MERA**
Vendas: **LEXUS** Consultoria Imobiliária

* Preço de R\$ 382,00 por metro quadrado (m²) no Residencial 1 - lote de R\$ 1.000,00 + 1 metro de R\$ 1.421,00. O preço médio de R\$ 382,00 por metro quadrado (m²) é baseado no preço médio de R\$ 382,00 por metro quadrado (m²) no Residencial 1. Preço médio de R\$ 382,00 por metro quadrado (m²) no Residencial 1. Preço médio de R\$ 382,00 por metro quadrado (m²) no Residencial 1. Preço médio de R\$ 382,00 por metro quadrado (m²) no Residencial 1.

Figura 13: Publicidade de condomínio horizontal fechado

Jornal de Piracicaba, 18/12/1999⁷⁶

⁷⁶ Vale destacar que embora os condomínios “Terras de Piracicaba” fossem vendidos inicialmente como um bairro residencial, os cinco “Terras” são condomínios independentes com administrações próprias. Os moradores entrevistados, inclusive, os qualificam como condomínios independentes. Em minha pesquisa não identifiquei qualquer aspecto que pudesse qualificar os cinco condomínios “Terras de Piracicaba”, como um bairro residencial de fato.

Embora o objetivo deste anúncio seja a venda dos lotes é importante ressaltar que a publicidade já veicula o sucesso do empreendimento, esta propaganda é completamente diferente da pequena nota de dezembro de 1998 a qual oferecia terrenos no loteamento Terras de Piracicaba. Neste anúncio o empreendimento já possuía identidade, agora ele é “o primeiro bairro residencial planejado de Piracicaba”⁷⁷ o qual está bem localizado, próximo de escolas e supermercados, além de oferecer segurança, infraestrutura e lazer. Todavia, não há um destaque para a segurança ou o lazer, por exemplo, eles são comercializados como um “pacote de qualidade de vida”; o anúncio indiretamente constata que a vida fora dos muros de três metros dos condomínios não possibilita o lazer e a segurança total. Desta maneira, lazer, segurança e qualidade de vida tornam-se elementos de *status* os quais são diretamente associados aos condomínios fechados já que a vida na casa da rua não proporciona a segurança e o lazer desejado.

Os três anúncios analisados acima são referentes aos anos de 1999 e 2000 e são propagandas dos primeiros condomínios horizontais fechados de Piracicaba, como visto anteriormente outros empreendimentos com as mesmas características foram construídos na cidade ao longo desses 15 anos. No entanto, embora a concepção de segurança e exclusividade tenha mudado pouco, isto é, aparatos de segurança cada vez mais modernos, segregadores e ambientes cada vez mais privatizados, os novos condomínios de Piracicaba tem focado muito na questão do lazer, como é o caso da Alphaville Piracicaba.

O site⁷⁸ do empreendimento, por exemplo - o qual é muito bem elaborado, cabe a observação - a foto de capa do condomínio é um espaço com várias piscinas e espreguiçadeiras envoltas de um jardim; após uma visita ao site é possível concluir que este espaço trata-se do Alphaville Clube, local destinado às atividades esportivas e recreativas para os condômenos. Além disso, os ícones referentes ao lazer e ao meio ambiente ocupam o mesmo espaço destinado à localização, segurança e ao projeto da obra no site, ou seja, são considerados tão importantes quanto os demais quesitos que compõem o empreendimento e caracterizam o condomínio Alphaville. A questão do lazer proporcionado por este empreendimento fora inclusive citado pelos entrevistados futuros moradores do Alphaville Piracicaba que consideram as atividades proporcionadas pelo clube do Alphaville algo que

⁷⁷ Vale destacar que apesar do Terras de Piracicaba ter sido comercializado como bairro residencial planejado, os entrevistados moradores enxergam os cinco “Terras” existentes atualmente como condomínios independentes. Essa questão será melhor desenvolvida no capítulo de análise das entrevistas.

⁷⁸ Fontes: <http://www.alphaville.com.br/portal/alphavillepiracicaba/conveniencia> . Visualizado em 01/02/2014.

propicia a maior aproximação entre os moradores, algo que não acontece em outros condomínios.

Enfim, essas e outras questões envolvendo as entrevistas com os moradores dos condomínios, além da pesquisa de campo serão esclarecidas no próximo capítulo desta dissertação. Entretanto, a partir desse capítulo fora possível observar aspectos do trajeto da urbanização piracicabana, a sua modernização urbana, e como aos poucos a cidade foi adquirindo símbolos metropolitanos, a partir desse histórico verifica-se também como os condomínios fechados, objeto desse estudo, chegaram à cidade e acarretaram transformações urbanas significativas para a urbe.

O próximo capítulo, dedicado às entrevistas, é composto da análise das falas de moradores e futuros residentes desses espaços de moradia horizontal e privada, cujo objetivo é a compreensão baseada na visão de mundo e estilo de vida dos “informantes” a respeito das razões e motivos que os conduziram a viver em condomínios horizontais fechados. E a partir do entendimento das razões para esta escolha de moradia somada à história urbana de Piracicaba é possível compreender novos tipos de circulação e apropriação dos espaços da cidade, sejam eles públicos ou privados, entre as camadas médias e altas piracicabanas.

CAPÍTULO 3: “ESTILO DE VIDA CONDOMÍNIOS HORIZONTAIS FECHADOS” E URBANIDADES

3.1 Notas metodológicas sobre a pesquisa de campo

Este capítulo é dedicado à análise das entrevistas “em profundidade” realizadas com moradores e futuros residentes de condomínios horizontais. Desta maneira, foi feita uma investigação sobre os motivos que fundamentaram a mudança para o condomínio horizontal fechado, além da investigação sobre as possíveis alterações que o estilo de vida “condomínios horizontais fechados” possam ter provocado na relação dos habitantes com a cidade de Piracicaba. Este estudo foi efetuado através das entrevistas realizadas e de incursões de cunho etnográfico nos dois condomínios mais antigos de Piracicaba. As entrevistas foram realizadas entre outubro de 2012 e agosto de 2013 totalizando oito entrevistas em profundidade, sendo seis com moradores dos condomínios horizontais fechados Terras de Piracicaba I, II e IV e duas com futuros moradores do Alphaville Piracicaba. É importante ressaltar que a pesquisa restringiu o universo das entrevistas aos piracicabanos, pois a intenção é entender a trajetória da escolha de pessoas que moraram a maior parte da vida em uma cidade média a optarem por morar em condomínios horizontais fechados.

É preciso esclarecer também que em relação aos futuros moradores de condomínios fechados, não tive a preocupação de escolher pessoas que irão morar no Terras de Piracicaba I e II, pois a minha intenção era compreender o que motivou a escolha por residir num condomínio horizontal fechado, ou seja, o que influencia os habitantes de Piracicaba a se mudarem para este tipo de habitação privativa e cercada. Já a escolha pelos condomínios Terras de Piracicaba I e II para a realização da pesquisa etnográfica se deu, por serem os primeiros empreendimentos habitacionais, horizontais e murados da cidade de Piracicaba, sendo os condomínios “pioneiros”. Desta maneira, através das falas dos moradores desses locais eu pude entender como ocorreu a escolha pela moradia condominial horizontal, as relações dessas pessoas com a cidade e como isso se transforma com a ida para o condomínio.

Sendo assim, pode-se dizer que as entrevistas de maneira geral tiveram dois momentos: o primeiro foi centrado na história de vida dos entrevistados, isto é, em que bairro

nasceram; onde moraram na infância; como eram as relações com a família; vizinhos, parentes e amigos; se se relacionavam no bairro; onde estudaram; qual era a profissão dos pais e descendência; o que faziam para se divertir quando jovens; se cursaram e onde cursaram a faculdade; casamento e filhos e a profissão do entrevistado. Em um segundo momento⁷⁹, as questões sobre os condomínios foram realizadas: quando decidiu morar em condomínio; o que estava acontecendo na cidade no momento da mudança; quem da família impulsionou a mudança; a família se relaciona no condomínio; quais são os espaços de lazer utilizados na cidade e no condomínio; como é a segurança no condomínio; como funciona a administração do condomínio; o que a pessoa acha da vida no condomínio; o que ela considera de positivo e negativo na vida no condomínio; se o morador emprega outras pessoas para trabalharem em sua residência; como é a relação dos empregados no condomínio. Entretanto, é importante ressaltar que as entrevistas quando foram realizadas abordaram todos os aspectos e tópicos supracitados, entretanto a análise não fora efetuada abordando todos os temas citados e o agrupamento temático utilizado para analisar os relatos fora efetuado através de grupos de falas que foram considerados mais significativos para esta pesquisa.

Tive a preocupação no momento das entrevistas em não fazer perguntas pontuais que expressassem diretamente o que estava buscando. Pretendi “cercar” os entrevistados com questões que tangenciavam o meu foco para que as categorias nativas, as motivações e elementos que influenciaram na escolha e mudança para condomínios horizontais fechados, surgissem de forma “indireta” e espontânea.

A maioria dos entrevistados possui mais de 45 anos, entrevistei apenas, uma senhorita na faixa dos 27 anos. Minha intenção em focar em entrevistados nesta faixa etária se deu em função da história de vida dessas pessoas, todos os entrevistados com mais 45 anos vivenciaram momentos de significativas transformações urbanas de Piracicaba que moldaram a cidade tal qual ela se encontra hoje. Essa reconstrução histórica, advinda da fala das pessoas é importante para a compreensão dos processos de transformação urbana que podem ou não ter influenciado na circulação e relação das pessoas com a cidade como visto anteriormente.

Através da história de vida relatada pelos entrevistados, minha intenção era compreender a circulação que as pessoas tiveram na cidade ao longo dos anos e como isso estava relacionado com as transformações urbanas, isto é, de que forma as pessoas estavam se

⁷⁹ É importante ressaltar que durante as entrevistas os “momentos” que citei acima não seguiam uma forma linear, cada entrevistado associou e falou sobre os temas de maneiras diferentes.

movimentando na urbes e o que influenciou a escolha pelas moradias em que viveram. Portanto, entender as motivações e desejos de moradia das pessoas que vivem e consomem no espaço urbano é uma maneira de compreender as transformações que a cidade sofreu ao longo das últimas décadas e é nesta perspectiva que esta pesquisa atua.

Motivações e desejos podem ser reveladores da visão de mundo dos membros de um determinado grupo social. De acordo com o antropólogo Glifford Geertz (1973), a visão de mundo é o aspecto cognitivo, é o quadro que elabora as coisas, é a expressão autêntica de como as coisas são na simples realidade. Ou seja, aquilo que um povo preza, teme, odia são retratados em sua visão de mundo e expressos na qualidade total de sua vida.

No caso da pesquisa aqui apresentada sobre o que motivou os piracicabanos a se mudarem para condomínios horizontais fechados a interpretação da visão de mundo e do estilo de vida dos “nativos” é essencial para a compreensão do objeto em si; ou seja, a procura pelos elementos e características que são “emocionalmente aceitáveis por ser a expressão autêntica de como as coisas são” (GEERTZ, 1973, p.96) é um dos focos centrais do estudo.

Desda maneira, as próximas páginas serem dedicadas à análise e interpretação dos relatos dos entrevistados considerados mais significativos para esta pesquisa. Todavia, antes de dar prosseguimento à análise das entrevistas que foram efetuadas é preciso salientar que dada a enorme quantidade de dados obtidos através da pesquisa de campo, não será possível analisar todas as respostas obtidas e nem mesmo relacioná-las, de forma sistemática entre si. Desta maneira, foi elaborada uma seleção de depoimentos mais expressivos das relações dos moradores com os seus respectivos condomínios e com a cidade de Piracicaba.

3.2 Análise das entrevistas e a voz “nativa”

- “O Terras foi o primeiro condomínio de Piracicaba, foi uma coisa que até eu assim, eu não achava que ia dar certo, mas deu certo, deu muito certo, todo mundo quer! Condomínios tiveram uma valorização muito alta, tem hora que a gente assusta com os preços das casas.” (Antônia, Terras de Piracicaba I)

- “A grande tendência é a cidade virar um condomínio” (Ariane, Terras de Piracicaba IV/ Alphaville Piracicaba)

Tal como informam os depoimentos da “voz nativa” citados acima, a ideia de que os condomínios horizontais fechados são uma tendência de moradia urbana (muito desejada) pelas classes mais altas piracicabanas é bastante clara. De uma maneira mais formal é possível dizer que os condomínios horizontais também são realizações de projetos coletivos e individuais os quais constroem novas fronteiras simbólicas que delimitam grupos sociais (MOURA, 2012). O desejo de habitar uma área residencial murada, onde a qualidade de vida é “vendida” como elemento inerente ao estilo de vida “condomínios horizontais fechados”, características essas que se expressam como variações de um *ethos* específico (GEERTZ, 1973), são elementos que podem traduzir a maneira como a cidade é vivenciada, vista e experimentada por aqueles que nela residem.

Todavia, antes de qualquer coisa, vale dizer que como observado no capítulo anterior os entrevistados fazem parte da chamada “elite emergente”, pois apesar das pequenas diferenças, nenhum entrevistado pertence a uma família de origens tradicionais que poderiam os associar como pertencentes a uma elite mais apegada à tradição, sendo assim, pude observar que os entrevistados compartilham determinadas condições que os colocam no mesmo nível social abrangente⁸⁰.

Antes de iniciar a análise propriamente dita das entrevistas realizadas, procurei situar algumas características de moradia dos entrevistados. Os oito entrevistados possuem imóveis próprios nos condomínios horizontais investigados e todos, com exceção de Paulo⁸¹, moram há mais de sete anos nos condomínios horizontais. A maioria das casas possuem no mínimo dois andares, aquelas que não têm o segundo pavimento, são contempladas com um andar térreo bastante amplo e todas, sem exceção, possuem uma área de lazer, com piscina e churrasqueira⁸². Outro elemento importante de ser observado é a inexistência de muros entre as casas dos condomínios investigados, entretanto todas as residências possuem uma garagem ampla em que era possível acomodar três carros com facilidade e um jardim externo.

⁸⁰ Como visto no capítulo anterior e que fora relatado das entrevistas, todos os entrevistados são descendentes de imigrantes europeus e tiveram infâncias simples a maioria na cidade de Piracicaba. Todavia, conseguiram prosperar principalmente através da criação de empresas ou de um bom casamento. Em relação aos condomínios horizontais em que residem, todos eles moram nos condomínios mais elitizados da cidade de Piracicaba.

⁸¹ Paulo foi o único entrevistado que ainda não mora em condomínio horizontal, ele irá residir no Alphaville Piracicaba.

⁸² Embora o objetivo da pesquisa não fosse investigar o interior das casas, nenhum membro a família com exceção do casal (pai e mãe) compartilhavam quartos e banheiros.

Em relação ao tamanho dos condomínios horizontais investigados e à quantidade de lotes existentes em cada um, a variação é grande. O condomínio Terras de Piracicaba I, possui 60 lotes sendo que cada lote possui cerca de 300m² ⁸³; já no Terras de Piracicaba II cada lote possui cerca de 260m², porém não encontrei informações precisas sobre a quantidade lotes existentes nesse condomínio; o Alphaville Piracicaba possui 344 lotes⁸⁴ sendo que cada lote tem cerca de 495m². É importante salientar que o condomínio Terras de Piracicaba I possui o maior lote entre os condomínios Terras de Piracicaba I, II, III e IV e a menor quantidade de lotes, os moradores atribuem essa característica ao fato do Terras I ser o primeiro condomínio horizontal da cidade⁸⁵, como segue na fala da entrevistada Maria de Lurdes (Terras de Piracicaba II):

“Porque o tamanho dos terrenos tanto do I quando do II eles são do mesmo tamanho e o que acontece⁸⁶, como o empreendimento ‘bombou’, o que eles fizeram? No III eles diminuíram o um pouco o tamanho do lote para fazer mais lotes e fazer mais dinheiro, o IV ‘bombou’ mais ainda e eles diminuíram mais, o espaço total é mais ou menos o mesmo, só que o I que (tem uma área total menor) é menor, agora o espaço do II, III e IV eles são mais ou menos blocos parecidos de tamanho, só que em número de habitantes o IV é maior porque o terreno é menor. No III se não me engano a demarcação é um pouquinho menor, então aqui acabou sendo o melhor porque o lote é maior e o número de casas é menor o que acaba tornando o condomínio menor, mas o III e IV também são excelentes, o IV principalmente eu acho que eles diminuíram muito, então eu acho que o IV o lote ficou um pouco menor pelo padrão dos condomínios.” (grifos meus)

É preciso esclarecer que os Terras de Piracicaba são cinco condomínios horizontais independentes, separados através de portarias e administrações diferenciadas, ou

⁸³ A entrevistada Antônia moradora do Terras de Piracicaba I, me informou as dimensões do seu lote, medida padrão dos lotes deste condomínio.

⁸⁴ Dados retirados da Ficha técnica do Alphaville Piracicaba apresentada em: <http://www.alphaville.com.br/portal/site/upload/empr/infraestrutura/52.pdf?v=Alphaville%20Piracicaba>

⁸⁵ Os cinco Terras de Piracicaba possuem características distintas, como será visto mais adiante, os lotes dos “Terras” IV e V são menores que nos demais “Terras”, conseqüentemente há mais casas construídas nos dois últimos lançamentos “Terras”. Desta maneira, pode-se observar, que há uma certa “massificação” desses empreendimentos que são produzidos para vários tipos de públicos.

⁸⁶ De acordo com as pesquisas que realizei em imobiliárias da cidade as quais vedem imóveis no Terras de Piracicaba II, notei que o tamanho do lote é menor que o oferecido pelo Terras de Piracicaba I. Enquanto os anúncios referentes ao Terras de Piracicaba I oferecem lotes de 300m², os anúncios referentes a diferentes casas no Terras de Piracicaba II oferecem lotes de 260m². Efetuei pesquisas nas seguinte imobiliárias: Frias Neto e Grupo Souza.

seja, embora eles estejam localizados um do lado do outro e possuírem praticamente o mesmo nome, eles são cinco condomínios independentes e que foram empreendidos, construídos e inaugurados em diferentes momentos. A fala da moradora Maria de Lurdes citada acima mostra de uma maneira sintética como se deu a construção e o momento em cada um dos “Terras” fora empreendido, mas ela não aborda o Terras de Piracicaba V, o qual atualmente está em fase de construção e venda. Além disso, a fala dessa moradora do Terras de Piracicaba II é significativa, pois evidencia uma certa “competição simbólica” entre os quatro condomínios, relatando assim um certo sentimento de superioridade daqueles que moram nos primeiros “Terras” em relação àqueles que moram nos Terras I, III e IV cujas construções são mais recentes e remete, de acordo com a fala da entrevistada, uma certa “popularização” da moradia em condomínios horizontais fechados.

Entretanto, diferentemente da análise efetuada por Luciana Teixeira Andrade (2006) em condomínios horizontais da cidade de Nova Lima, região metropolitana de Belo Horizonte; em Piracicaba não há um sentimento de diferenciação de estilos de vida entre os novos e os antigos moradores dos condomínios dado que esses empreendimentos tem origem mais recente⁸⁷ no município paulista. Porém, existem “categorias nativas” que buscam marcar certas diferenças entre os moradores, característica essa que será analisada mais adiante.

Começaremos a análise com um pequeno exercício etnográfico sobre a “passagem” daqueles que adentram os muros do condomínio Terras de Piracicaba II.

3.3 Passando pela portaria – o acesso aos condomínios horizontais fechados

Os condomínios horizontais fechados de Piracicaba não são diferentes de outros espaços residenciais fechados ao redor do mundo, pelo contrário ao se observar e visitar esses espaços a impressão que se tem é que eles poderiam estar localizados em qualquer parte do planeta⁸⁸. Porém, antes de adentrar o mundo intra-muros, vale uma pequena descrição sobre a visão externa dos condomínios Terras de Piracicaba I e II⁸⁹: como os cinco condomínios

⁸⁷ Como visto anteriormente o primeiro condomínio horizontal fechado da Piracicaba data o ano de 1998.

⁸⁸ Para uma abordagem sistemática sobre os “não-lugares” ver AUGÉ “Não-lugares. Introdução a uma antropologia da super modernidade” (1994).

⁸⁹ Embora esse pesquisa não seja específica sobre os condomínios Terras de Piracicaba, a maioria dos entrevistados reside neste condomínio e como ele foi o primeiro condomínio horizontal fechado de Piracicaba, a análise etnografia focou este condomínio, inclusive pela facilidade do acesso.

“Terras de Piracicaba” estão localizados um ao lado do outro, o acesso se dá através de uma única via que se divide em cinco, através de uma rotatória, após um pequeno comércio de lojinhas, padarias e um prédio de escritórios (Terras Center Office), cujo principal público alvo são os moradores dos “Terras”.

Os “Terras” estão localizados num terreno com uma pequena elevação, declive este que acontece após a portaria dos condomínios. Esta característica torna possível a visualização da maioria das casas por um observador que se encontra do lado de fora dos muros. A partir desta observação, o muro que circunda os condomínios parece uma espécie de portal, pois a impressão é a de que após a muralha aberta há a possibilidade para a construção de residências cujas características não são comuns às casas “da rua”⁹⁰, o porte das casas que existem nestes condomínios difere da grande maioria das residências que existem no bairro onde ele está situado, essa característica se reproduz em outros condomínios horizontais da cidade.

Como relatado acima, esses locais de moradia privada possuem uma grande muralha que separa a área interna da área externa do condomínio, também possuem uma portaria com locais diferenciados para a identificação de visitantes e moradores quando esses estão de carro, sendo assim, os condôminos também precisam “se identificar” através de um cartão pessoal. Todavia, para o acesso de carro ao espaço “privado” dos condomínios realizado por visitantes, o processo de identificação é mais complexo, há a necessidade de verificação da carteira de identidade do visitante pelo porteiro, o esclarecimento total da casa onde se vai visitar e a entrada só é permitida se o morador autorizá-la, além disso, todo o contato entre visitante e porteiro é feito através de interfone com os portões de acesso fechados.

Sendo assim, da mesma maneira como fora observado por Moura (2012) há um ritual de passagem para o acesso ao condomínio tanto para os moradores como para os visitantes, embora o ritual realizado para os visitantes seja mais complexo e feito com “ares de desconfiança”. A existência de um processo de identificação para os moradores em que determinados momentos forma uma fila de carros para a entrada também é um marcador de distinção, o qual é totalmente validado por aqueles que vivem nos condomínios, pois consideram positivo e necessária a identificação constante inclusive daqueles que ali moram.

⁹⁰ Devido à grande frequência de diferenciação entre “a casa da rua” e a “casa do condomínio” feita pelos entrevistados, eu classifico essas duas referências como categorias de análise distintas entre si.

Considero a identificação dos residentes também um rito de passagem que marca diferenças, pois além dos moradores validarem o processo, os próprios condôminos identificam que a passagem pela portaria é a entrada para um “mundo marcado pela tranquilidade”, como expressado pela entrevistada Antônia:

“O Danilo sai, chega de madrugada e assim, a chave está do lado de fora, eu nunca tranquei o carro desde que eu mudei, na verdade eu nunca tranquei nada. Então, eu falo para eles, eu nunca moraria na rua, assim em casa que fica na rua....Isso é uma coisa que faz a diferença (a portaria), de chegar e ter uma portaria, então eu fiquei muito tranquila nesse ponto.” (Antônia, Terras de Piracicaba I. grifos meus)

Na fala da entrevistada fica clara a validação em relação à vigilância exercida pela portaria e pelos membros da equipe de segurança do local, além da diferença que a existência dos portões e dos muros fazem na sensação de “tranquilidade” sentida pelos moradores. Ou seja, o processo da portaria é necessário, pois além de “afastar” aqueles que não pertencem ao espaço, ele também confirma aqueles que são pertencentes ao mesmo.

Embora o acesso de carro para os visitantes fosse mais demorado, burocrático e vigilante, a entrada do visitante a pé era mais tranquila. As vezes que entrei nos condomínios a pé não houve a necessidade de checar documentos e ficar ao lado de fora do condomínio esperando a confirmação do morador, a portaria já liberava a minha entrada no interior dos condomínios e eu, apenas, esperava a confirmação para seguir até a residência. Talvez o fato de eu ser mulher, jovem e estar sozinha não representasse uma possível “ameaça” à tranquilidade do local e minimizasse o processo de identificação.

Todavia, quando eu perguntava aos entrevistados sobre o processo de identificação das pessoas que trabalhavam nas residências e dos prestadores de serviço tudo tornava-se muito mais complexo. No caso do condomínio Terras de Piracicaba II, as entrevistadas disseram que há um processo de cadastramento dos empregados da residência e toda vez que eles chegam e saem do condomínio há a necessidade de verificação do cartão com o cadastro tanto na entrada quando na saída.

Embora seja comum que cada residência possua o seu jardineiro e piscineiro, é muito comum nesses locais, trabalhadores fazerem o serviço de jardinagem e cuidarem das piscinas de várias casas do condomínio, essas pessoas tornam-se conhecidas nesses espaços, porém o processo de identificação na portaria é o mesmo feito para os demais empregados,

sendo que, neste caso a portaria informa às residências que os contratam da chegada do trabalhador e pedem permissão para a sua entrada. Em relação a esses trabalhadores, obtive o seguinte relato de uma entrevistada moradora do Terras de Piracicaba II, a qual diz que apesar de serem pessoas de confiança, o processo de identificação ocorre normalmente:

“É, todo mundo conhece, mas mesmo assim é passada a identificação, e então ligam dizendo que o moço da piscina chegou se pode ir, se pode entrar” (Rita, Terras de Piracicaba II. Grifos meus)

Em relação aos prestadores de serviço, o processo de identificação é ainda mais rigoroso, pois além de todo o “ritual” na portaria a moradora do Terras de Piracicaba II, Renata, informa que no caso de uma entrega as pessoas que realizam a ronda no condomínio acompanham o entregador até a residência que fez a encomenda e retornam junto com ele até a portaria. Já no caso dos trabalhadores que se ocupam das construções das residências, a entrevistada Antônia diz ter preferido morar no Terras de Piracicaba I, pois ali já havia “estrutura” condominial suficiente para “evitar” possíveis problemas:

“Ah, já tinha portaria, a segurança, mesmo esse sendo menor, com menos casas. Teve uma época que oito horas da manhã tinha pedreiro entrando, e ainda tem, no quatro tem bastante porque ainda tem terreno para vender. Então, tem certas horas que fica uma fila na portaria, mas aqui não. E tem fila, porque o condomínio é muito grande, muita gente construindo e demora para identificar todo mundo, também tem as empregadas para entrar, tem que identificar cada uma, então acaba demorando. E aqui é rapidinho, porque são menos empregadas, então você acaba conhecendo mais, eu gosto mais dessa parte de ser menor, eu acho mais legal” (Antônia, Terras de Piracicaba I).

Portanto, embora todos os entrevistados considerem necessário o processo de identificação há também certo incômodo em relação aos transtornos logísticos causados. Porém, a fala de Antônia é clara, apesar dos transtornos, o processo é necessário, e como ele é incômodo a solução é morar em um condomínio horizontal fechado menor onde essas etapas são amenizadas devido a menor quantidade de residências. Outro exemplo, de um processo de identificação de trabalhadores da construção civil bastante rigoroso, fora o relatado pela entrevistada Ariane, atualmente moradora do Terras de Piracicaba IV e futura residente do Alphaville Piracicaba; segundo a entrevistada é necessário que os trabalhadores das construções apresentem atestado de antecedentes criminais para poderem trabalhar numa

determinada obra do condomínio. Setha M. Low (2001) num artigo sobre as *gated communities* norte-americanas diz que “o medo do crime e violência pode ser um discurso utilizado para ‘naturalizar’ práticas de exclusão social e física, bem como uma declaração explicativa para uma ação ou decisão” (tradução minha, p. 52); da mesma forma acontece no Alphaville Piracicaba que justifica o pedido da declaração de antecedentes criminais aos trabalhadores das obras como uma medida de “prevenção”, o discurso é aceito pelos moradores dos condomínios que o reproduzem com naturalidade.

As falas das entrevistadas e o breve relato etnográfico sobre o “ritual de passagem” para o mundo intramuros são necessários, pois além de evidenciarem certa “naturalização” de processos que marcam a segregação sócio-espacial estabelecida pelos muros, a portaria e os procedimentos de identificação, eles também evidenciam a busca por tranquilidade e proteção. Teresa Caldeira (2000) identifica os enclaves fortificados residenciais existentes na região metropolitana de São Paulo, como símbolos de segregação sócio-espacial onde os aparatos de segurança e a própria localização dos mesmos são marcadores de distinção e status. No caso de Piracicaba os condomínios também são marcadores de status daqueles que neles vivem, porém os aspectos relacionados ao “estilo de vida condomínios horizontais fechados”, como por exemplo, a possibilidade de deixar a porta aberta durante a noite e a tranquilidade em relação à entrada do filho que chega de madrugada, são alguns aspectos evidenciados pelos entrevistados e que marcam a busca por um estilo de vida e um *ethos* urbano baseado na vida condominial, os quais são características marcantes do estilo de vida condomínios horizontais fechados e as quais não são reveladas pela questão do status de residir em uma área privada e murada⁹¹.

Nas páginas anteriores o acesso aos condomínios horizontais fechados fora analisado através de um breve exercício etnográfico e análise de algumas falas dos entrevistados. Nas páginas que se seguem irei abordar o perfil daqueles que moram e usam os espaços dos condomínios horizontais fechados em Piracicaba.

⁹¹ É importante esclarecer que a própria busca por um “estilo de vida condomínios horizontais fechados” também é um marcador de status, todavia a intenção é mostrar que segundo as falas dos entrevistados, a categoria “status social” não apareceu nas entrevistas como um elemento de diferenciação entre a casa da rua e a casa do condomínio, a grande diferença fora marcada através do aspecto “tranquilidade” proporcionada pelo monitoramento constante das pessoas que acessam esses espaços, aspecto este que me pareceu naturalizado pelos entrevistados.

3.4 Os Moradores

O perfil dos entrevistados, moradores e futuros residentes de alguns condomínios de Piracicaba, é bastante parecido com o que foi relatado em outras pesquisas sobre áreas residenciais fechadas realizadas em outras regiões do Brasil (ANDRADE, 2003; MOURA, 2003). São pessoas de nível educacional alto, apenas uma entrevistada para esta pesquisa não possui nível superior; todos são brancos e apenas, uma entrevistada é solteira, mas em vias de casar-se; todas as famílias entrevistadas tinham cerca de quatro a cinco membros; e a faixa etária dos moradores variou entre 27 e 57 anos de idade⁹². Em relação à profissão dos entrevistados, quatro são empresários, há uma bancária, há uma gerente comercial de uma empresa de grande porte, uma dona-de-casa e uma pedagoga.

Entre os entrevistados, todos residem permanentemente nos condomínios há cerca de pelo menos oito anos, com exceção de Paulo que irá residir no Alphaville Piracicaba assim que a construção de sua casa for concluída. Como visto anteriormente, as casas são grandes com mais de 250m² e não são pré-fabricadas nem geminadas, o que permite uma grande variação de estilos arquitetônicos. Além disso, todas as casas são imóveis próprios, mesmo Paulo que está construindo, atualmente possui outros imóveis próprios. Os oito entrevistados possuem carros individuais e afirmam (e alguns problematizam) a necessidade de veículo próprio quando se mora em condomínio horizontal fechado, a questão da necessidade do carro particular como principal meio de transporte urbano e as modificações que ele desenvolve na relação dos entrevistados com a cidade será vista mais adiante.

Um aspecto que também se combina com mudanças no relacionamento entre habitante e município, são os relatos dados por alguns entrevistados os quais disseram que depois da mudança para o condomínio e o crescimento dos filhos, eles venderam o título de sócio de clubes de Piracicaba frequentados pelos membros de camadas médias e altas da cidade. Além disso, alguns entrevistados que haviam residido em apartamentos antes da mudança para o condomínio horizontal também disseram possuir um pequeno sítio ou chácara

⁹² A ideia inicial que fora apresentada no projeto de pesquisa era trabalhar com entrevistas de moradores com 45 anos ou mais, entretanto no decorrer na análise percebi que a ampliação do campo incluindo pessoas mais jovens também era necessária dada a quantidade de pessoas entre 20 e 30 anos que estão adquirindo terrenos e construindo casas nos diversos condomínios horizontais fechados de Piracicaba.

em Piracicaba ou em alguma cidade próxima até alguns meses depois da mudança, como é o caso de Maria de Lurdes:

“Morava em apartamento e tinha uma chácara, a gente tinha um sítio, então chegava o final de semana pegávamos as crianças e íamos embora pro sítio, porque durante a semana ainda eles iam para escola, mas no final de semana era um inferno, porque tinha que preparar as coisas para ir pro sítio. Depois que mudamos para o condomínio, tudo ficou mais fácil, pois tenho tudo aqui dentro” (Maria de Lurdes, Terras de Piracicaba II)

Além da Maria de Lurdes, o entrevistado Paulo, também relata um movimento interessante que notou na cidade envolvendo condomínios, chácaras e clubes:

“Há vinte anos tinham muitos clubes na cidade, e a vida de clube, hoje eles estão restritos a dois, e muita gente migrou para chácaras, condomínios e condomínios de chácaras... O pessoal indo para condomínios esvaziaram o clube e começaram a ter vidas mais isoladas, trazendo normalmente os amigos para dentro da sua casa no condomínio e tudo mais...” (Paulo, Alphaville Piracicaba)

As duas falas supracitadas são significativas, pois evidenciam as mudanças de circulação urbana de famílias que decidiram morar num condomínio horizontal fechado, desta maneira, se antes eles tinham um sítio e eram sócios de um determinado clube, após a mudança para a casa do condomínio que possui um espaço de lazer privativo e residencial, a necessidade de outro espaço de lazer, que embora trouxesse mais momentos e possibilidades de socialização, passa a ser desconsiderada e em alguns casos como relatam os entrevistados é também desprezada, pois a função social do clube e da chácara foi transferida para o ambiente residencial.

A mudança do apartamento para o condomínio horizontal e as alterações de circulação pelos espaços que eram anteriormente comuns também pode ser relacionada com aquilo que Gilberto Velho (1973) ⁹³ chamou de mobilidade residencial, afinal os espaços dos condomínios verticais deixaram de ser interessantes e a possibilidade de habitar em um local que engloba o conforto e privacidade da casa, com opções de lazer e segurança passou a ser

⁹³ “O fato é que a mobilidade residencial desempenha um papel fundamental para a constituição de uma imagem de sociedade, em que as pessoas circulam entre os diferentes estratos socialmente localizados” (VELHO, 1973 p.98)

uma aspiração residencial, representando um “*up*” na vida de quem conseguiu morar em condomínios horizontais. Dessa maneira, não há mais a necessidade de frequentar o sítio ou clube, pois a casa do condomínio horizontal possui a piscina e a churrasqueira do clube, a tranquilidade e o espaço do sítio e a segurança do prédio. Sendo assim, a praticidade do condomínio horizontal também é vista como componente dessa aspiração residencial, a qual coloca esse tipo de habitação no “topo” da estratificação dos locais (VELHO, 1973) de moradia. Outra fala da entrevistada Maria de Lurdes também mostra essa questão: “Aqui (Terras de Piracicaba II) você tem a privacidade de uma casa e a segurança de um prédio... e para mim que trabalho é uma tranquilidade”.

Como havia abordado anteriormente, embora o “status social” não apareça de forma explícita nas falas dos moradores como um componente de distinção, ele está presente nas possibilidades de convivência e socialização familiar que os próprios residentes identificam em suas casas condominiais que agregam o espaço do sítio, o conforto, a liberdade da casa, a tranquilidade e segurança de um prédio, o que não poderia acontecer na casa da rua, no apartamento ou na chácara segundo os entrevistados. Para eles a principal característica positiva do condomínio é essa “junção” de experiências que ele proporciona, configurando assim um estilo de vida “condomínios horizontais fechados”. Desta maneira, a diferenciação social desses locais não está baseada, apenas, na privacidade, segurança e monitoramento, mas na experiência de conforto e praticidade que os condomínios proporcionam, por isso eles são considerados pelos entrevistados o “topo” da estratificação dos locais de moradia.

Todavia, para mostrar que os condomínios horizontais hoje estão no último patamar da estratificação dos locais de moradia por aqueles que neles residem e como esse movimento de moradia também vai de encontro com as transformações urbanas da cidade de Piracicaba; as páginas seguintes serão dedicadas à origem residencial dos entrevistados.

Com relação às pessoas entrevistadas para essa pesquisa, três delas haviam morado anteriormente em prédios e gostariam de residir em casas, porém não queriam morar em residências em contato direto com a rua; os demais entrevistados nunca haviam residido em condomínios verticais e abominavam a ideia de morar em prédios. Na sequência segue a análise sobre as origens residenciais dos entrevistados e a sua visão de mundo.

3.5 A origem residencial dos entrevistados e sua visão de mundo

As entrevistas que foram efetuadas, embora tivessem como tema central a vida nos condomínios e os motivos que levaram à mudança para residencial horizontal privado, também exploram a história de vida dos entrevistados e a maneira como eles circulam pela cidade. Desta maneira, através dos relatos dos moradores foi possível analisar os diversos históricos residenciais, além das suas preferências de moradia.

Osmair e Antônia (53 anos) formam um casal, Osmair é empresário do ramo comercial e Antônia é dona-de-casa, eles vivem no condomínio Terras de Piracicaba I desde 1999 e tem dois filhos que também residem na mesma casa. Tanto Osmair quanto Antônia relatam que antes de optarem pelo condomínio eles nunca haviam morado em prédios e que não gostariam de neles habitar. Quando perguntei sobre onde haviam residido antes do Terras de Piracicaba, obtive o seguinte depoimento de Antônia:

“Quando a gente casou, eu aluguei uma casa bem próxima do Jerônimo Galo (escola pública no bairro da Vila Rezende), aí reformamos a casa inteira e fomos morar nessa casa, mas eu fiquei com medo, eu reformei a casa inteira, mas era muito lá em baixo e eu fiquei com medo, porque eu tava acostumada com mais gente, lugares mais movimentados, e ali não tinha nada, era uma parte do bairro que era novo. Isso era em 1986, então naquela época, ali era meio estranho, então tive medo, tive muito medo, e vendemos a casa, por minha causa. Aí nós alugamos uma casa no bairro onde minha mãe morou durante um ano e meio, era um bairro de casas populares, mas eram casas boas, grandes, eu mudei e morei por dois anos e pouco nessa casa. Depois eu comprei uma casa perto do Hospital do Plantadores de Cana que fica perto da Igreja Matriz Imaculada (Vila Rezende). Morei dois anos e meio ali, e depois começamos a procurar uma casa maior, compramos uma casa na Nova Piracicaba, mais próxima do Liceu (escola particular) ali eu morei oito anos, eu adorava a casa, aí começamos a procurar uma casa com piscina, mas não encontrávamos no bairro e foi aí que surgiu esse terreno no ‘Terras’ I”

É interessante observar que a entrevistada circulou pelos mesmos bairros durante a sua vida, na Vila Rezende e na Nova Piracicaba (bairros vizinhos), e que no momento que resolveu comprar o terreno no condomínio ficou preocupada como segue no relato abaixo:

“Na época eu fiquei preocupada, pois era realmente novo (o condomínio), eu tinha um pouco de receio também porque, eu nasci na Vila Rezende, e aqui não é mais Vila Rezende. Aqui é outro bairro, esqueci o nome, como chama, é Jardim alguma coisa⁹⁴... Mas fiquei assustada na época, pois do caminho da ponte para cá, até chegar esse pedaço, não tinha muito movimento.”

Ao longo dos anos Antônio e Osmair foram buscando a casa mais adequada para sua família de acordo com o seu estilo de vida e sua visão de mundo, como por exemplo, Antônio relata que sempre gostou de casas grandes, porém, os bairros onde há uma alta concentração de casas desse padrão não a agradava, pois ou eram pouco movimentados, ou não tinha uma casa que ela gostasse. Nesse sentido, embora o terreno no condomínio inicialmente parecesse arriscado e fora do local onde eles estavam acostumados, era uma solução para a construção da casa que eles desejavam. Desta maneira, podemos perceber que a visão de mundo desses entrevistados sobre local de moradia está pautada no bairro familiar com uma dinâmica urbana já conhecida. É importante destacar também que os bairros da Vila Rezende e Nova Piracicaba são vizinhos sendo que o último é extensão do primeiro, porém por ser um bairro novo como o próprio nome diz e basicamente residencial, característica esta que o difere bastante da Vila Rezende, bairro antigo da cidade o qual já possui um comércio consolidado e bastantes referências de serviços, muitas pessoas tem medo de lá residir optando por outros bairros, prédios e condomínios, embora existam casas espaçosas e novas nesse bairro.

A entrevistada, Renata (44 anos), que também já havia morado no Nova Piracicaba, relatou que achava o bairro perigoso. Abaixo segue relato sobre este bairro:

“Na casa que eu morava na Nova Piracicaba, era uma casa muito grande, mas eu achava o bairro muito perigoso. Aqui em Piracicaba nós tínhamos muito essa ideia, eu acho que até hoje (sobre o bairro)...”

Em seu depoimento ela diz ter morado em diversas casas em Piracicaba, mas gostava muito do bairro da Vila Rezende, pois o considerava um bairro tradicional da cidade. Renata, pedagoga, que residiu alguns anos em São Paulo, relata ter vivenciado dois assaltos na capital paulista, o primeiro em seu prédio e o segundo na escola onde trabalhava em São

⁹⁴ É interessante observar que uma moradora que lá reside a cerca 13 anos não sabe o nome do bairro onde o condomínio está localizado. É possível perceber através dessa fala que os condomínios Terras de Piracicaba já são a referência de localização, substituindo a referência do próprio bairro em si.

Paulo. Quando Renata, seu marido e seus filhos retornaram à Piracicaba, moraram inicialmente no bairro Nova Piracicaba, depois devido ao medo do bairro, mudaram-se para um prédio nas imediações do centro da cidade, e depois o seu sogro comprou dois terrenos no Terras de Piracicaba II e lá eles começaram a construir a casa da maneira que gostariam. Entretanto, é importante salientar que até o momento da construção da casa no Terras de Piracicaba, Renata relata não saber direito o que queria como moradia, e diz ter residido em vários imóveis em Piracicaba até a ida para o condomínio, porém na fala da entrevistada fica claro que o bairro Nova Piracicaba realmente não era uma opção.

Porém, Renata relata que durante a construção de sua casa no Terras de Piracicaba II (obra que demorou quatros anos para ser concluída) morou num condomínio menor em Piracicaba onde as casas eram todas iguais, mas a entrevistada afirma que no início não gostou da ideia de morar em condomínio: “Eu não gostei, achava muito afastado, não tinha nada, era tudo longe, eu falava, Meu Deus do céu! Me sentia mal de ter que ir morar num lugar muito longe com uma casa aqui a outra lá”. Renata, diz que só se acostumou com a ideia depois que percebeu que todos os terrenos foram vendidos rapidamente e já havia muitas casas no Terras de Piracicaba II após cerca de três anos de venda, além disso ela relata que uma cunhada já morava no “Terras III” e passou a achar o lugar bonito e começou a “não achar tão ruim assim”.

A fala de Renata revela certo sentimento de receio em relação aos novos empreendimentos que estavam chegando à cidade, e que embora este modelo de moradia já fosse “consolidado” em outras cidades maiores, este conceito que chegou de maneira tímida em Piracicaba era visto com desconfiança pela população, pois esse tipo de moradia e a convivência que ele proporcionava ainda não era clara para as pessoas. A ideia de residir num local “afastado” era estranha aos piracicabanos, porém a possibilidade de construir “a casa dos sonhos” impulsionava o “desafio do condomínio”, como relata Renata neste trecho:

“Eu tinha ideia de vir para cá, porque era uma casa que nós estávamos construindo de acordo com nossa ideia, como a gente queria como a gente achava necessário para a nossa família, uma casa grande”.

Em relação à possibilidade de construção das casas de maneira particular nos condomínios horizontais, Moura (2012) identifica uma visão de mundo compartilhada sobre esse aspecto, segundo a antropóloga a construção das residências seria uma visão de mundo

“paradisiaca” calcada na moradia como forma de representação concreta, ou seja, através das residências os moradores realizam sonhos. Em Piracicaba, as moradias também são uma forma de representação concreta dessa visão de mundo, porém de acordo com as entrevistas que foram realizadas para essa pesquisa, a casa dos sonhos só pode ser concretizada após a mudança para o espaço murado dos condomínios.

Ariane, 27 anos, é jornalista e empresária do ramo de calçados que atualmente mora no Terras de Piracicaba IV com os pais e a irmã, e também relata a questão do sonho na construção da residência em condomínios fechados. Ariane irá casar-se em 2014, e está construindo sua futura residência junto com o noivo no Alphaville Piracicaba. Porém, como revela a entrevistada, a opção pela moradia em espaços privados com residências horizontais é algo generalizado pela população piracicabana de um certo segmento social. Obtive o seguinte relato da entrevistada sobre a questão mencionada anteriormente:

“Condomínios fechados são qualidade de vida, é uma tendência entre as pessoas de um determinado segmento social.”

Ou seja, Ariane por ser a entrevistada mais jovem desta pesquisa identifica como a única possibilidade de qualidade de vida nas cidades da atualidade a moradia em condomínios fechados. Todavia, antes de seguir com a análise mais detalhada do relato acima é importante ressaltar que Ariane reside no Terras de Piracicaba IV a cerca de nove anos e a escolha por este condomínio se deu pela proximidade com o bairro Castelinho onde moram alguns familiares e onde a sua família sempre residira. Ela também afirma que a possibilidade da construção independente da casa também fora algo importante principalmente pela questão da área de lazer, segundo a entrevistada no momento da construção a área externa da casa, onde está localizada a piscina e churrasqueira, foi valorizada.

Segundo Ariane, a qualidade de vida tão valorizada pelas pessoas de certo grupo social, está pautada na privatização e individualização do espaço de convivência, afinal a valorização da área de lazer exclusiva localizada numa residência dentro de um espaço também “privativo” evidencia a importância do particular e do exclusivo. Além disso, Ariane relata que muitas casas de rua em bairros mais elitizados da cidade estão para “vender” ou “alugar” e que essa negociação não está acontecendo de maneira fácil. A entrevistada também conta sobre a opção de moradia feita por alguns amigos que irão casar-se em breve: “os casais

de amigos que irão casar também estão optando por morar em prédios ou condomínios fechados, ninguém mais quer morar em casa na rua”.

De acordo com esses relatos da entrevistada Ariane, percebe-se certa negação da “casa na rua” e conseqüentemente da própria convivência que o espaço público da rua proporciona. Residir em casas que estão diretamente na rua parece não ser uma opção para aqueles que pretendem construir uma residência ou iniciar uma vida a dois, afinal a possibilidade de construção num condomínio horizontal fechado é a “cereja do bolo” dos locais de estratificação de moradia, como fora colocado anteriormente. Outro exemplo do movimento de estratificação de moradia que ocorre em Piracicaba é a corrida pela compra dos lotes nos diversos condomínios e loteamentos que estão sendo lançados na cidade, de acordo com Ariane, o seu noivo “passou a noite” em frente ao estande de vendas para conseguir comprar um lote no Alphaville Piracicaba. Ou seja, atualmente existe de fato uma corrida pelos lotes ainda na fase de lançamento, pois após a construção de algumas casas há uma alta considerável nos preços, portanto além dos condomínios serem uma opção de moradia valorizada pela população das classes altas piracicabanas, a compra de lotes nesses locais também é considerada um bom negócio.

Sobre a entrevista com Ariane, é importante destacar também que ela reside no Terras de Piracicaba IV a nove anos, ou seja, ela reside neste condomínio desde os 18 anos e acompanhou o movimento de procura intensa por esses espaços de moradia pelos piracicabanos. Embora ela não more nesse local desde a infância e relate que não possui vínculos de amizade no condomínio, ela diz também que gosta do estilo de vida presente em seu condomínio e considera a melhor opção de moradia atualmente em Piracicaba, afinal ela irá mudar-se de um condomínio para outro; portanto, pode-se considerar Ariane uma “nativa” de verdade, a qual mora desde a juventude nesses espaços privados e que naturaliza com facilidade o estilo de vida “condomínios horizontais fechados”. Ariane também diz que alguns casais de amigos também estão optando pela residência “entremuros”, e, além disso, a moradora relata no início da entrevista, a sua visão a respeito dos condomínios horizontais fechados em Piracicaba: “A grande tendência é a cidade virar um condomínio fechado”; em relação a todos esses aspectos, embora esse não seja o objeto desta pesquisa, é possível identificar o provável nascimento de uma “geração condomínios horizontais fechados” em Piracicaba, composta por pessoas que nasceram e que moraram a maior parte da vida em locais de residência privada e cuja convivência com a rua está cada vez menor.

Já Paulo, empresário que possui uma consultoria em agro-inteligência e natural de Piracicaba, tem 54 anos e por incentivo do filho, noivo de Ariane, também decidiu adquirir um lote no Alphaville Piracicaba. Ele nunca morou em qualquer tipo de condomínio e relata achar um absurdo ver as pessoas pagando taxas condominiais. Segundo o entrevistado ele morou em duas residências no mesmo bairro Jardim Flamboyant, depois que se casou, ele relata também que ficou cerca de sete anos construindo a residência em que mora atualmente.

Quando Paulo foi questionado sobre o que acha de positivo e negativo na vida no condomínio obteve o seguinte relato:

“Hoje a gente tá morando num bairro que é não bairro de classe alta, e a minha casa tem 14m de frente, e eu tenho mais 300m mais ou menos de construção, é grande, e ali o que acontece é que as casas são todas menores do que a minha. E por eu ter um espaço grande me incomoda, todo mundo estaciona no meu “lugarzinho” às vezes, não é sempre, mas você tem a necessidade de quando vai gente para sua casa de estacionar o carro e o vizinho para com o carro dele em frente a minha casa. Aí é difícil você falar – o cara tira daí o carro que eu tô com visita -, é meio desagradável, e eu acho que isso deve deixar de existir no condomínio, as casas são maiores, os carros vão ficar na frente de suas próprias casas, vai ser um convívio melhor com esse espaço, você tem o seu espaço”

De algum modo, devido a proporção da sua casa, Paulo sente-se inadequado no seu bairro atual e acredita que vivendo onde as residências possuem certo padrão de construção ele não terá os problemas que possui atualmente em seu bairro. Além disso, nessa fala de Paulo fica clara a estratificação do local de moradia, afinal a casa que demorou sete anos para ficar pronta e embora seja grande, não contempla as necessidades atuais da família. De acordo com Paulo eles querem morar num local onde a convivência com os vizinhos seja melhor e esse lugar deve ser reconhecido como um local em que pessoas das classes sociais mais altas residem, ou seja, de certo modo o bairro atual não estava contemplando o padrão de convivência que Paulo e a sua família gostariam. E apesar dele reconhecer que problemas de convivência também devam existir no condomínio, principalmente no que diz respeito às reuniões, ele acredita que isso é normal e que ele conseguirá se acostumar.

O fato de poderem construir a sua própria residência também é importante para Paulo, pois a casa poderá ser construída de acordo com a necessidade e gosto de sua família. Porém, Paulo já construiu quatro casas em diversos locais da cidade, a sua residência atual

fora uma construção independente, logo o ato de construir é algo mais banal para ele, isto é, não está na instância do sonho como apareceu nas outras entrevistas. Abaixo segue relato do entrevistado sobre isso:

“A nossa casa que a gente fez, foi ela (a esposa) quem fez, ela gosta disso, mas ela não tem formação, é muito mais na prática, então ela construiu a nossa casa, depois veio o comércio, e nós começamos a comprar terrenos. Depois resolvemos fazer uma casinha, fizemos uma casinha e vendemos, comprava (terrenos) 10mX25m dividia e fazia duas casas e, vendemos. Nós vendemos três casas e temos duas de aluguel, e agora apareceu essa oportunidade dela mesma ir atrás da construção, ela quem cuida”

Paulo e sua família fazem da venda de casas e terrenos um bom negócio, embora essa seja uma atividade de renda “extra” para a família. Entretanto a fala supracitada mostra que os assuntos relativos à casa, inclusive à sua construção, são executados pela esposa de Paulo, evidenciando os papéis distintos de cada membro da família⁹⁵.

Esse subitem do capítulo foi dedicado à relação dos entrevistados com os locais de moradia onde viveram; a ligação dos condomínios com suas casas condominiais e o padrão de construção nos condomínios horizontais. A próxima parte do capítulo aborda os aspectos relativos à convivência intramuros.

3.6 “O padrão” de convivência: a rua e o espaço cercado

Paulo, que ainda não mora em condomínio, quando indagado sobre as possibilidades de relacionamento, de amizades intramuros, relata que a convivência é um ponto positivo, principalmente, pois segundo ele, há um incentivo proporcionado pelo Clube do Alphaville à socialização e convivência entre os moradores, embora como visto acima ele relate que talvez haverá problemas com vizinhos. Já para a entrevistada Rita, 50 anos, empresária, moradora do Terras de Piracicaba II e mãe de três filhos, a convivência no condomínio é um problema, abaixo segue o relato da moradora sobre esse assunto:

“A convivência em si, tem pontos negativos, tem sempre aquele vizinho que não gosta de barulho, aquele outro que implica com o cachorro, mas isso eu acho que tem em qualquer

⁹⁵ Sobre esse aspecto cabe uma observação sobre a natureza dos entrevistados. Todos eles são indicações de amigos e parentes que moram em Piracicaba, todas as vezes que eu pedi indicações para possíveis entrevistas, os contatos eram sempre do sexo feminino. Com exceção de Osmair e Paulo que são pais de dois amigos, não obtive indicações para entrevistar homens.

lugar, não é mérito do condomínio, porque no condomínio a linha é mais direta, quando querem reclamar eles ligam para o síndico, e quando você tem uma casa na rua não, ou você vai lá e resolve o problema ou não faz nada”.

Segundo a moradora a convivência torna-se complicada devido à própria proximidade entre as casas apresentarem fronteiras simbólicas entre os vizinhos que não conseguem solucionar um problema sem mediação. Afinal, fica claro na fala de Rita que os problemas não são resolvidos diretamente com os moradores, é necessária a mediação do síndico ou de algum responsável. Neste sentido os “protocolos de convivência” e a maneira como os conflitos são administrados prejudicam a convivência entre os moradores.

Em sua fala, Rita faz referência ao modo como os problemas são resolvidos na “casa da rua”, pode-se interpretar que nas residências localizadas diretamente na rua os conflitos entre vizinhos, embora também existam, são melhores administrados. Rita revela também em outro depoimento que antes de morar no condomínio Terras de Piracicaba II, ela também morava numa casa no bairro Nova Piracicaba; abaixo segue o relato sobre a residência anterior de Rita:

“Então, eu tinha meus filhos pequenos, eu morava na Nova Piracicaba, e lá eu até trazia os coleguinhas, a casa era grande, a rua era sossegada, mas ao mesmo tempo uma rua sossegada é ‘uma faca de dois gumes’, a gente tinha que ficar junto porque era um quarteirão sem saída, não tinha muito movimento de carro e ao mesmo tempo podia vir alguém, fazer alguma coisa e a gente nem via, e os portões todos fechados”.

Esta fala da Rita é significativa, pois revela um novo modo de convivência que os piracicabanos desenvolveram com a cidade, pois em outro momento da entrevista, Rita relata que sempre havia morado em casas na rua e não existia esse medo de ter um “contato direto” com o espaço público. Embora a entrevistada revele que nenhum membro de sua família tenha sofrido algum tipo de violência, para Rita o medo do possível crime violento evidenciava a vulnerabilidade do bairro através da sua baixa movimentação. Neste sentido, a interpretação de Jacobs (1961) sobre o medo de lugares pouco movimentados também se aplica ao bairro Nova Piracicaba, embora esse seja um bairro puramente residencial de classe média e alta da cidade.

Em relação aos locais de moradia durante a infância, obtive o seguinte relato de Rita:

“Eu sempre morei no centro, a minha infância toda eu morei no centro, ali perto da escola industrial, morei ali na frente do industrial, e quando eu tinha uns 5-6 anos nós mudamos para o quarteirão da frente, mas é tudo uma coisa de infância da minha fase, a gente brincava na rua, coisa que hoje em dia se não fossem os condomínios as crianças não conheceriam, mas eu sempre morei no centro.”

Por meio dessa fala de Rita é possível identificar as transformações nos diversos usos do espaço público em diferentes períodos na cidade de Piracicaba, Rita que hoje está com 50 anos, diz que durante a década de 1960 ainda era possível utilizar a rua como o espaço de lazer, porém de acordo com a entrevistada atualmente este convívio já não é mais possível, mas os condomínios conseguem suprir essa necessidade, segundo a moradora. O interessante é observar que apesar da valorização da segregação e do particular que os condomínios horizontais fechados proporcionam e da validade dessas questões para os moradores, através da fala de Rita é possível identificar também a importância do contato e da convivência que a rua proporciona, embora no caso dos condomínios fechados esse convívio não seja de fato verdadeiro, pois a atmosfera desses locais não se assemelha à experiência da rua⁹⁶, do espaço público.

Maria de Lurdes, 48 anos, gerente comercial, moradora do Terras de Piracicaba II e mãe de três filhos, relata também considerar as semelhanças das experiências da rua próxima à experiência “da rua” do condomínio: “Aqui no condomínio, os meus filhos acabam tendo a mesma infância que eu tive, então eles iam jogar bola, o meio de transporte deles era a bicicleta, eu sentia uma segurança também ‘lá fora’, porque eu sabia que eles não estavam na rua.”⁹⁷

Ou seja, para Maria de Lurdes a experiência da “rua” do condomínio se aproxima da vivência da rua de fato pela liberdade que esta proporciona. Mas, essa imagem da “rua” condominial se constrói, pois o condomínio horizontal seria o oposto aos condomínios verticais que de certa maneira, representam o confinamento dos filhos. Nesse sentido, o condomínio horizontal fechado por ser um local de casas privadas, porém com um grande espaço de uso coletivo, proporciona - para as entrevistadas - mais liberdade e maior “contato” com o “meio externo”. Essa ideia fica clara na seguinte fala de Maria de Lurdes: “No

⁹⁶ A classificação de rua utilizada é a elaborada por Magnani (1993) que propõe que a rua é o lugar e o suporte da sociabilidade.

⁹⁷ Moura (2012) diz que esse sentimento também estava presente nos moradores dos condomínios horizontais fechados de Goiânia investigados por ela.

apartamento, na época já tinham os jogos eletrônicos, mas moleque tem que gastar energia, e nem eu quero o meu filho trancado num apartamento jogando videogame e ‘jogando computador’, então eu não estou falando que aqui (no Terras de Piracicaba II), mas aqui você convive, tem quadra que é comum, e como o espaço é maior você acaba tendo um convívio melhor”.

Já Rita, a outra moradora do Terras de Piracicaba II, deu o seguinte depoimento quando questionada sobre a convivência com “a rua” que os condomínios possibilitam:

“Com certeza (os condomínios tornam possível a convivência com a rua), porque embora seja assim, uma coisa limitada, porque você não convive com pessoas de vários níveis sócio-econômicos principalmente, e no condomínio, normalmente mesmo que não queria, ele forma uma comunidade com muita coisa em comum, então não tem essa diferença, então as crianças sentem o prazer de brincar na rua, de ter mais liberdade, mas não adquirem aquele conhecimento que a gente tinha de ter entre os amigos pessoas de várias classes, de vários níveis sócio culturais, então isso perde um pouquinho, e não tem em nenhum momento isso, o garoto vai para a escola que também é homogênea, então eles não têm mais essa oportunidade de conviver, eu acho que hoje os grupos são bem separados.”

Sobre a infância que os seus três filhos tiveram no condomínio Terras de Piracicaba II, obtive o seguinte depoimento:

“Eu achei que para eles (os filhos) ia ser bom (viver em condomínio), até na adolescência de conviver aqui. E a gente teve sorte porque muita gente com filhos na idade dos nossos vieram também, tinha muita criança que mudou para cá, e então foi bom, eles tiveram assim uma infância bem legal, eu acho.”

É interessante observar que esses dois depoimentos se complementam e se contradizem, pois Rita considera a sociabilidade proporcionada pela rua importante para a formação e crescimento do indivíduo, principalmente pelo contato possibilitado com o “diferente”. De acordo com Rita, embora os condomínios tornem possível o contato com a “rua” mais seguro, eles não proporcionam a experiência com o espaço público de uma maneira total, pois falta o elemento de heterogeneidade, que na visão desta entrevistada é uma das principais características da via pública. Entretanto, Rita considera que o convívio proporcionado pelo condomínio, apesar de restrito, é melhor do que o da residência da rua em que os filhos não saiam de casa, além disso, embora não haja heterogeneidade social no

condomínio ela acredita que os filhos tenham tido uma infância plena, pois eles conviveram com muitas crianças⁹⁸.

Em outro momento da entrevista, Maria de Lurdes, também relata ter sido importante para os três filhos a convivência no condomínio: “Ele (a criança, o filho) quer explorar, conhecer, colocar a energia que ele tem para fora, então se ele tem essa facilidade, você acaba tendo um convívio melhor. Então, eu costumo dizer que o que eles aproveitaram do espaço desse condomínio, nunca mais na vida eles vão esquecer”.

Porém, antes de Maria de Lurdes morar no Terras de Piracicaba II, ela relata que morou num condomínio vertical devido as facilidades que um prédio oferece, mas em seu depoimento revela que teve problemas de convivência no local devido ao compartilhamento da área de lazer do prédio em determinados horários, como mostra o relato a seguir:

“Aí quando as crianças nasceram, nasceu um e logo em seguida nasceu o outro, você começa a ter uns determinados problemas no prédio, porque o quintal, aquela área de lazer era o quintal de todo mundo, então tinha hora que aquilo virava uma panela de pressão!”

Contudo, Maria de Lurdes relatou que teve mais experiências de moradia em casas de bairro do que do em prédios, aliás, ela revela que a mudança para o edifício onde moraram antes de se mudarem para o condomínio horizontal, está associada à novidade que aquele estilo de moradia proporcionava. Abaixo segue relato da entrevistada sobre a convivência em edifícios:

“Então, quando nós estávamos reformando a casa que compramos, já entraram (pessoas entraram na construção), e a casa estava em reforma e furtaram alguns materiais de construção, como a gente não podia comprar uma casa num bairro melhor, eu comprei aquela casa localizada na periferia. Então, eu morava na Paulista (bairro) e a casa ficava no Jaraguá (bairro), hoje o Jaraguá não é mais um bairro de periferia porque a cidade cresceu, mas na época era um bairro de periferia. Então, os bairros de periferia na época, as condições de segurança eram piores do que nos bairros melhores, então tem toda essa questão, e também pensava assim comigo, eu estou indo de um bairro melhor que eu já estava acostumada para um bairro mais assim, eu não queria, eu queria um *up* também. Então, houve uma série de fatores que influenciaram, mas o que principalmente influenciou foi o fato do apartamento ser

⁹⁸ A partir desses relatos de Rita também é possível identificar o perfil de famílias residentes no Terras de Piracicaba, isto é, famílias com filhos que buscavam um local “mais seguro” que proporcionasse uma convivência maior com as demais crianças para além do espaço da residência.

mais fácil de conservar e também a questão da segurança. Teve a questão também do meu desejo, eu queria morar num apartamento, eu sempre morei numa casa grande, com quintal grande tudo grande, mas isso dá muito trabalho, antes éramos eu e minha mãe e tal, agora vou morar só eu, muita coisa eu vou ter que fazer, eu acho que o apartamento era mais aconchegante, mas seguro e mais fácil de cuidar”. (grifos meus)

Maria de Lurdes relatou um momento de sua vida vivenciado em meados da década de 1980, mais precisamente o ano de 1986 de acordo com a entrevistada, que além de revelar um período de mudanças na sua vida e na sua família, também revela algumas alterações que estavam sendo experimentadas pela população piracicabana, como por exemplo, a quantidade significativa de pessoas mudando-se da casa de bairro para os prédios residenciais que estavam sendo construídos na cidade, como visto no capítulo anterior. Ou seja, de certa forma, a novidade do estilo de vida vinculada à residência em condomínios verticais fechados também influenciava a população, além disso, é possível identificar uma alteração na própria relação dos moradores com sua residência, Maria de Lurdes, por exemplo, optou por residir num apartamento naquele momento, pois acreditava que a sua dedicação ao lar seria menor, afinal “uma casa grande dá mais trabalho”, neste sentido, a maneira como as pessoas estavam se relacionando com a casa também estava mudando, afinal de acordo com Maria de Lurdes ela não tinha muito tempo para se dedicar ao lar, pois também trabalhava; desta maneira o apartamento torna-se uma boa opção para aqueles que não dispunham de tempo para dedicar-se à casa. Além disso, a mudança para o apartamento também representou um progresso, um *up* para Maria de Lurdes, já que ela estava saindo de um bairro que considera inferior para um prédio de apartamentos cuja localização era melhor, neste sentido, a casa no bairro do Jaraguá era vista como retrocesso, pois este bairro era considerado pela entrevistada um bairro periférico e inferior na época, já a Paulista era o bairro onde ela sempre vivera e cuja localização era melhor. Portanto, a mobilidade residencial é um fator que marca a vida dessa entrevistada, pois o bairro onde se mora é reflexo das condições socioeconômicas dos indivíduos de acordo com Maria de Lurdes.

A entrevistada também reflete sobre o aspecto da segurança na casa do bairro Jaraguá, porém, a questão do estilo de vida que o condomínio vertical⁹⁹ proporciona, além da

⁹⁹ É importante evidenciar que a entrevistada informa que houve um crescimento significativo da quantidade de prédios construídos na década de 1980, segue o relato de Maria de Lurdes sobre essa questão: “Aí nos moramos em apartamento, e a gente gostou, e a questão da violência na época e a oferta na época de prédio

classificação de “inferioridade” do bairro Jaraguá em relação ao bairro da Paulista foram os principais fatores que marcaram a opção pelo condomínio vertical na década de 80.

Ângela, a última entrevistada dessa pesquisa, é piracicabana, tem 52 anos, é bancária, possui dois filhos, reside no Terras de Piracicaba II e é vizinha de Maria de Lurdes. Ângela relata que morou durante a infância, adolescência e parte da juventude numa casa no bairro São Judas Tadeu nas imediações da Esalq e depois que finalizou a graduação mudou-se para São Paulo em companhia do marido. Na capital paulista residiu durante 15 anos num apartamento nas imediações do centro de São Paulo¹⁰⁰ e em 1999 resolveu retornar à cidade de Piracicaba; obtive o seguinte relato da entrevista sobre os motivos que a fizeram voltar à sua cidade natal:

“Eu já queria voltar para cá (Piracicaba), e eu já tinha visto isso em estatísticas, que a violência estava muito grande em 1999 em São Paulo, e isso realmente me fez querer voltar para Piracicaba, porque aqui tinha menos violência mesmo, além disso, a proximidade com os parentes, o meu sogro tinha falecido há pouco tempo, isso me estimulou, porque eu pensava: quando que eu irei voltar para perto da minha família? Apesar de eu ter sido bem acolhida, de ter emprego em São Paulo, meu marido também sempre empregado lá, eu me sentia fora do meu lugar, e eu queria voltar para Piracicaba, eu achava que aqui eu ia ser feliz, que lá era difícil, tudo era difícil, apesar de que a gente administrou bem isso aí, mas eu achava que para as crianças eles seriam mais felizes aqui.” (grifos meus)

Ângela, embora piracicabana, faz parte das porcentagens que contabilizavam o aumento populacional nas cidades no interior paulista durante a década de 1990 – em 1996 as cidades do interior de São Paulo tiveram um crescimento de sua população em torno de 2,2%, 60% a mais do que média nacional (1,38%), segundo estudo do IBGE com base no levantamento populacional realizado em 1996¹⁰¹. Sendo assim, pode-se observar que um contingente considerável de pessoas estava saindo das grandes capitais e buscando uma vida mais tranquila em cidades pequenas e médias do interior; Ângela e sua família também decidiram retornar à Piracicaba buscando uma vida mais tranquila perto da família e que fosse melhor para o crescimento dos filhos.

aumentou, todo mundo queria morar em apartamento na época, então começaram a construir prédios para tudo quanto era lado”.

¹⁰⁰ A entrevistada não revelou o bairro em que residia em São Paulo, apenas, disse que era localizado nas imediações no centro da cidade.

¹⁰¹ Este estudo considerou tanto as taxas de natalidade quanto as de migração dos municípios do interior paulista. Fonte: http://veja.abril.com.br/110398/p_070.html. Visto em: 03/02/2014.

A entrevistada relatou a seguinte situação quando questionada sobre o local onde haviam residido assim que ela e a família retornaram à Piracicaba:

“Eu me inscrevi para o Banco do Brasil, mas assim eu vim antes que o meu marido, ele também queria voltar. Então eu vim com as crianças, e a gente tinha um apartamento aqui próximo ao Cena – Esalq na Av. Centenário, este apartamento nós havíamos comprado alguns anos antes como investimento, também era perto da casa dos meus pais o que facilitaria para mim. Mas ali era muito barulhento, então a gente resolveu que teríamos que comprar num outro local porque ali era muito barulhento. Mas o que aconteceu, o meu marido vinha de São Paulo e falava, mas vocês vão ficar sozinhos? Precisa de segurança, então optamos pelo condomínio, por isso.”

Vale ressaltar que a fala de Ângela é marcada pelo discurso do medo, embora ela tenha se mudado de São Paulo para Piracicaba, pois se sentia mais avontade na cidade do interior do que na capital, o medo da possível violência permeia a fala da entrevistada. Desta maneira, apesar de Ângela relatar que durante a sua infância, adolescência e juventude não tinha medo da possibilidade de violência, e ter saído de São Paulo em função da “brutalidade” da cidade e retornado à Piracicaba que é uma cidade menor e mais tranquila, a sensação de insegurança ainda existia e era bastante acentuada, afinal não bastava mudar-se para uma cidade menos violenta, era preciso também garantir a segurança da família através da residência em condomínios verticais (essa foi a opção inicial) e/ou horizontais e morar perto de familiares que pudessem auxiliá-la.

Embora Ângela enfatize em sua fala que a insegurança que ela sentia era pelo fato do marido não estar morando em Piracicaba naquele momento e ela precisava cuidar dos filhos pré-adolescentes, fica claro na fala da entrevistada que o medo da vida urbana que ela sentia era proveniente da violência anunciada pela mídia e praticada na cidade de São Paulo neste período, afinal a entrevistada não relatou que nenhum membro de sua família havia sofrido qualquer tipo de crime.

Essa parte do capítulo foi detecada à análise do relacionamento que os entrevistados estabelecem com o espaço, seja na rua, no condomínio horizontal ou vertical e como isso influenciou a opção pelos diversos tipos de moradias. Foi visto também que o discurso da segurança aparece de forma ora mais evidente, ora menos evidente dependendo do entrevistado. Desta maneira, a próxima parte desse capítulo de análise das entrevistas tem

o propósito de identificar como a questão da segurança e os discursos de violência aparecem nas falas dos moradores e futuros residentes de áreas residenciais privadas e horizontais e como esses elementos influenciaram as decisões sobre a opção de moradia e o “estilo de vida condomínios horizontais fechados”.

3.7 Segurança e violência – o discurso do medo em Piracicaba

De acordo com Teresa Caldeira (2001) uma das principais razões para o *boom* dos condomínios horizontais fechados em São Paulo durante as décadas de 1980 e 1990 fora o medo do crime violento. De acordo com a autora, os condomínios horizontais fechados são espaços privados de uso coletivo que conferem status aos residentes, e a sua construção reforça as diferenças sociais e cria meios para a afirmação da distância e desigualdades sociais.

Além de Caldeira, outros pesquisadores como Schapira (2001) associam o medo do crime violento e a perda da confiança no poder público como controlador dessa violência à disseminação dos modelos de enclausuramento em metrópoles da América Latina. Segundo Moura (2012), “o cercamento de grandes áreas urbanas e a contratação cada vez maior de serviços de segurança privado, apresentam tentativas por parte de segmentos restritos das populações urbanas de resolver diretamente o problema que os aflige, deixando o problema ‘urbano’ para os ‘outros’, fora dos muros e criando assim, novas concepções acerca dos espaços compartilhados” (MOURA, 2012, p. 38). Desta maneira, devido à associação entre proliferação dos condomínios horizontais fechados e a violência urbana recorrente na literatura sobre estudos urbanos apresentados. Esta parte do capítulo analisará como o discurso da violência e do medo está ou não está associado à escolha dos entrevistados pela moradia em condomínios fechados.

Todavia, é importante ressaltar que como visto anteriormente, os condomínios horizontais fechados construídos durante a primeira década dos anos 2000 na cidade de Piracicaba não são enclaves fortificados, pois são puramente residenciais¹⁰², porém como

¹⁰² Esse tipo de empreendimento começa a aparecer atualmente na cidade com a chegada do Alphaville Piracicaba, que possui além das residências um clube para os condôminos.

abordado em momentos anteriores dessa dissertação, essas áreas residenciais também são muradas, possuem um forte esquema de segurança privada e a maioria desses empreendimentos está localizada no perímetro urbano piracicabano.

Porém, antes de iniciar a análise das entrevistas é importante situar o leitor sobre os dados criminais da região de Campinas nos anos 2000, organizados no artigo *Análise espaciais da criminalidade urbana e das condições de vida na região administrativa de Campinas (SP) no ano de 2000*, de Patrícia Napoleão e José Flávio Castro. De acordo com os autores a região apresentou altos índices de criminalidade, aproximando-se das taxas do estado, enquanto os demais municípios do interior de São Paulo apresentavam taxas menores.

Tabela 2: Comparação entre os dados criminais de Piracicaba e Campinas 2000

Crimes contra o patrimônio (por 1000 habitantes)		
	Piracicaba	Campinas
Roubos	0,00352 a 0,005861	0,00821 a 0,06
Roubos e furtos de veículo	0,003321 a 0,005531	0,0077425 a 0,07
Tráfico de entorpecentes	0,0322 a 0,09	0,0322 a 0,09
Furtos	0,0015 a 0,00781	0,0015 a 0,00781
Crimes contra pessoa (por 1000 habitantes)		
Homicídios dolosos	0,03013 a 0,04001	0,4002 a 0,23
Homicídios culposos	0,040 a 0,6577	0,06578 a 0,15
Roubo seguido de morte	0,01443 a 0,03144	0,023245 a 0,03144
Extorsão mediante sequestro	0,00923 a 0,02877	0,04833 a 0,06786

Fonte: Fundação SEADE (2000), Fundação IBGE (2000), DAP – SSP-SP (2004), IBGE (Malha Municipal Digital do Brasil (1999)

A tabela acima apresenta uma comparação entre os dados criminais relativos à violência urbana em Piracicaba e à região metropolitana de Campinas na década de 2000 justamente no período em que os condomínios horizontais fechados começaram a crescer na cidade. No artigo em que esses números são apresentados há uma comparação entre as cidades da região administrativa de Campinas com relação aos crimes contra o patrimônio e pessoa, todavia é possível observar que os números relativos às cidades são diferentes, Campinas possui piores índices de criminalidade em comparação com Piracicaba¹⁰³. A

¹⁰³ Para maiores informações sobre os índices de criminalidade na região administrativa de Campinas ver *Análise espacial da criminalidade urbana e das condições de vida na região administrativa de Campinas (SP) no ano de 2000* NAPOLEÃO P R M, CASTRO J F M. In: Geografia: ações e reflexões GERARD L H O e CARVALHO P F (orgs) <http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2006/analise.pdf> (2006).

apresentação deste panorama é importante para verificar como os atuais moradores de condomínios horizontais fechados estavam sendo influenciados pelos indicadores de criminalidade e optando por uma moradia “mais enclausurada”. No entanto, apesar dos números relativos à violência de Piracicaba serem menores que os indicadores de Campinas, veremos, baseados nas entrevistas que a situação da segurança e criminalidade em Piracicaba, não é a principal razão que influencia as pessoas a mudarem-se para espaços residenciais murados e privados e alterarem a sua relação com a cidade.

Iniciaremos a análise das falas relativas à segurança e violência urbana com o relato de Maria de Lurdes, moradora do Terras de Piracicaba II desde 2000, sobre as opções de moradia que ela havia feito ao longo de sua vida:

“A gente alugou um apartamento e gostamos (meados da década de 1990), além do mais a questão da violência foi aumentando. Então, começou a se construir prédios para tudo quanto era lado, foi aí que a gente resolveu comprar um apartamento, e nós compramos um na planta. Era um apartamento mais amplo, quando eu me mudei para lá meu filho mais velho já tinha um ano de idade, e nós escolhemos um prédio com área de lazer. Como eu sou do bairro da Paulista e o Celso (esposo) também, o fato de você morar no mesmo bairro da sua mãe, perto da sogra que iam me ajudar a cuidar do menino, era uma vantagem, porque eu já trabalhava na época. Depois o Dedé nasceu e a família estava praticamente encerrada. Mas percebemos que o apartamento, até quando está só você e seu marido ele é gostoso, porque você fica o dia todo fora de casa, então não tem jeito de você ficar brigando com o vizinho, mas depois o convívio começou a ficar difícil no prédio. E como na época eu já viajava a trabalho, e eu tinha contato com pessoas do Brasil inteiro, eu comecei a ouvir falar sobre o Alphaville de São Paulo e outros condomínios fechados. As pessoas começaram a falar como era morar em condomínio, daí quando saiu aqui, de um jeito tímido, nós fomos ver, falamos com o corretor, começamos a conhecer o empreendimento e fomos amadurecer a ideia. Quando você houve as pessoas de outros locais que estavam mais adiantados falar bem, do conforto de morar numa casa com segurança, e você convive num prédio, com dois ‘moleques’ na época, um tinha 7 e outro 6 que brigam e o vizinho reclama, porque normalmente quando você tem criança nessa idade não é você quem reclama são os outros, e no prédio tinha uma série de questões com a quadra, então até eu me sentia meio perdida no que fazer naquele convívio e trabalhando fora, eu falava eu quero mais sossego. Quando viemos conhecer o empreendimento (Terras de Piracicaba II) eu pensei, ‘esse é o melhor dos mundos para nós’, a

gente vai morar num local com segurança , teremos a privacidade de uma casa, e espaço para receber os amigos e tudo mais”. (grifos meus)

Na fala de Maria de Lurdes, a questão da violência e do medo de morar em casa de bairro aparece, ela relata um aumento nos índices e aspectos da criminalidade na cidade. Porém, esta não é a motivação central para a escolha dos locais de moradia, pelo contrário a ideia de preservação da família nuclear, a possibilidade de proporcionar maior conforto para a família, a idealização de um melhor convívio com os vizinhos devido à individualização dos espaços da casa e a possibilidade de uma área de lazer privativa nas casas condominiais, além de seguir as “tendências” de moradia urbana que estavam crescendo nas metrópoles, são as questões mais citadas por Maria de Lurdes no que diz respeito às opções de moradia que ela havia feito ao longo dos últimos 20 anos. Em outro momento da entrevista Maria de Lurdes relata ter tido um problema na primeira casa que comprou no bairro do Jaraguá em meados dos anos 1980:

“A gente comprou e estávamos reformando a casa e já teve furto de material de construção, então eu decidi que não iria morar ali. Nos terminamos a reforma, alugamos a casa, e com o aluguel (dinheiro) compramos o apartamento. Além disso, a casa exige mais cuidados, pois suja mais porque tem quintal, o apartamento fica mais fácil, e como eu não ia ter empregada na época porque éramos só nós dois, então, tinha o fato do apartamento ser mais fácil de cuidar, e também tinha a segurança. Na época eu estava começando a viajar a trabalho, então você chega de carro e tem que abrir o portão, já no prédio é tudo automático, então dá um certo, conforto também”

Pode-se perceber através deste relato que além da questão do conforto, um aspecto que influenciou a opção de Maria de Lurdes pela casa, pelo apartamento e posteriormente pelo condomínio é a condição que ela teria para cuidar da casa. Ou seja, fica claro na fala da entrevistada que as opções de moradia feitas por ela e pela família estão relacionadas à facilidade e praticidade que as diversas residências proporcionaram, já que ela não pode dedicar-se integralmente ao lar, pois trabalha fora. Novamente, é interessante observar que a questão da segurança aparece, mas é colocada em segundo plano pela entrevistada.

Ainda sobre a questão da segurança Antônia (Terras de Piracicaba I) e Rita (Terras de Piracicaba II) possuem discursos parecidos sobre o medo da violência urbana e da segurança. Ambas as entrevistadas residiram no bairro Nova Piracicaba antes de se mudarem

para os condomínios horizontais fechados, e relataram ter receio da baixa movimentação do bairro na época, como visto anteriormente. Entretanto, Antônia é um pouco enfática nessa questão do medo da violência, todavia essa fala não está relacionada diretamente à opção de viver em condomínios fechados, essa foi uma observação feita pela entrevistada. Abaixo segue relato da moradora:

“A cidade estava muito violenta na época (final da década de 90), estavam acontecendo muitos assaltos nas ruas e casas, tinha tiroteios na Rua do Porto, eu tinha medo de sair de casa”.

Através dos dados de criminalidade expostos na tabela acima é possível observar que a sensação de insegurança sentida por Antônia corresponde aos índices de roubos e homicídios dolosos que estavam altos na época, porém os números relativos à quantidade de furtos estavam baixos. Neste sentido é possível observar uma correspondência entre os dados e a sensação da moradora sobre a cidade.

Já Rita, apesar de também expressar a apreensão relativa ao bairro Nova Piracicaba, ela não possui um discurso de medo do crime violento como Antônia. Abaixo segue o relato/observação feito por Rita sobre a questão da violência urbana:

“Não tinha tanta violência, era assim um ou outro caso, como acontece em qualquer bairro, não era nada muito forte. Na verdade, a gente não estava querendo mudar (do bairro Nova Piracicaba), tínhamos acabado de comprar uma casa novinha, era uma casa boa, só tinha uns anos de casa, e aí que surgiu (o condomínio Terras de Piracicaba) e a gente achou que era uma boa, e acabamos comprando”.

Desta maneira, por meio da fala de Rita observa-se que apesar do medo que ela sentia da baixa movimentação do antigo bairro, a violência e o medo do crime não eram questões que influenciaram a decisão pela escolha do condomínio. Apesar de Rita não expressar isso diretamente, creio que o principal motivo da escolha pelos lotes do condomínio Terras de Piracicaba II fora a possibilidade de realizar um bom negócio, já que como expressando pela entrevistada “nós compramos mais de um terreno, na época o terreno era muito barato”.

Para Antônia a questão da segurança também não fora o principal motivo para a escolha do condomínio, para esta entrevistada inclusive a saída do bairro de origem e a

mudança para um empreendimento novo e inovador para a cidade era algo que a assustava, como visto em depoimentos anteriores. Além disso, embora em outros momentos esta entrevistada relate que tinha certo receio do bairro Nova Piracicaba, este também não fora o principal motivo da mudança, Antônio e sua família gostariam de morar em uma casa maior, com uma área de lazer mais ampla e a construção na casa no condomínio contemplava esses desejos.

Além desses aspectos que de certa maneira diferenciam as opiniões das duas entrevistadas, Antônio e Rita relatam que um dos principais aspectos positivos do condomínio é a tranquilidade que ele proporciona no que diz respeito à segurança das suas famílias, ambas relatam que a portaria representa uma inibição para possíveis ações criminosas, a tranquilidade ao chegar de carro também é considerada um aspecto positivo, além da possibilidade de deixar a casa e os carros destrancados que também são elementos importantes para as entrevistadas.

Entretanto, cabe dizer que a sensação de insegurança expressa por Rita e Antônio sobre o possível sucesso do condomínio Terras de Piracicaba aconteceu devido às incertezas sobre o novo modelo de moradia privada que estava se estabelecendo na cidade, afinal as duas entrevistadas compraram os seus lotes no início das vendas quando a divulgação do empreendimento ainda era baixa e acontecia através do “boca a boca” de acordo com o relato das entrevistadas.

Já Ariane, atual moradora do Terras de Piracicaba IV e cuja mudança para o condomínio aconteceu em 2004 possui uma perspectiva diferente a respeito da confiabilidade nesse tipo de empreendimento, afinal quando a família de Ariane decidiu morar no Terras de Piracicaba IV este já era um empreendimento de sucesso, o condomínio onde ela reside é o quarto “bloco” de um empreendimento que teve um início incerto. Abaixo segue relato sobre a iniciativa para a mudança para o condomínio:

“Então, a minha família tava procurando uma casa um pouco maior, nós vimos em vários bairros inclusive aqui no São Dimas, e na época uns amigos do meu pai já tinham comprado lá no “Terras” bem no lançamento e começaram a comentar sobre a oportunidade da gente ir para lá, e como eu já estava no processo de tirar ‘carta’ (de motorista) de chegar tarde com o carro, e era perigoso ficar na rua, foi quando surgiu a oportunidade da gente mudar para lá. Optamos por construir lá do que adquirir uma casa na cidade, além da questão da segurança”

Desta maneira, é possível observar que para a família de Ariane, a ida para o condomínio fechado está associada ao incentivo de amigos, os quais foram “agentes de reafirmação” sobre a consolidação do empreendimento. Além disso, o fator “vigilância” abordado na fala da entrevistada, aparece no momento que Ariane relata a necessidade de mais aparatos de segurança privada devido a nova fase de sua vida. Esses dois aspectos foram importantes para a decisão de residir no Terras de Piracicaba IV, porém Ariane também mencionou uma forte ligação da família com o bairro do Castelinho o qual é relativamente próximo ao complexo “Terras de Piracicaba”. Abaixo segue relato sobre essa relação:

“Meu pai se identificou mais com Terras IV pela questão do terreno ser plano, nada porque era o IV. A gente gostou mais do “Terras” porque morávamos ali no Castelinho e não queríamos sair daquela região. Quando a gente começou a pesquisar outras casas no São Dimas e Jardim Elite, não nos visualizávamos morar nesses lugares. Acho que a gente acostuma com um lugar, com uma região, então como tudo acontecia ali do lado, era bem próximo, então tudo se encaixou.”

Desta maneira, é possível observar novamente que a questão da segurança é posta em segundo plano pela família de Ariane, os aspectos relativos à proximidade com o bairro de origem, o tamanho da residência, a influência de amigos, o sucesso dos empreendimentos “Terras” foram os aspectos mais evidenciados na escolha pela residência em condomínios fechados.

Ariane, que hoje está com 27 anos e irá casar-se em breve como mencionado anteriormente; em nenhum momento da entrevista a casa “da rua” foi considerada uma possibilidade de moradia para o casal. Abaixo segue o relato sobre a opção pelo condomínio Alphaville Piracicaba feita por Ariane e seu noivo:

“Eu e o meu noivo a gente nunca morou em apartamento, então não havia a possibilidade de morar em prédio, a gente até pensou vamos comprar um apartamento menor para nós no começo, mas a gente não se adapta e eu não me vejo morando em apartamento eu sempre morei em casa. E como o Regis (o noivo) viaja bastante durante a semana e eu ficaria muito sozinha, então resolvemos tentar um condomínio, na época estava lançando o Alphaville, e nós compramos por lá.”

Abaixo também segue um relato de Ariane sobre os aspectos positivos de se residir em condomínios fechados:

“Eu acho que as pessoas estão procurando mais isso, porque não ficam muito na casa, vão procurar algo mais seguro, hoje as crianças não brincam mais na rua, então coloca num condomínio e a criança tem um pouco mais de liberdade, se não só ficam dentro de casa”.

Novamente o condomínio fechado aparece como uma possibilidade de substituição da sociabilidade proporcionada pela rua. Esses relatos de Ariane são interessantes, pois evidenciam uma certa naturalização da residência privada e cercada, como se as únicas possibilidades de moradia numa cidade média fossem condomínios verticais ou horizontais fechados. O estilo de vida de Ariane no que diz respeito à moradia está vinculado à residência em locais privados e cercados, e a moradia na casa “da rua” não é cogitada por Ariane e seu noivo que estão iniciando a vida a dois, primeiramente, pois consideram perigoso, além disso, a casa “da rua” não é mais uma opção de moradia para os mais jovens, a residência em espaços cercados já está naturalizada por esta geração que não encontra sentido nem possibilidades de residir fora do espaço murado e vigiado.

Quando questionada sobre a violência na cidade de Piracicaba obtive o seguinte depoimento de Ariane:

“Eu não acho Piracicaba uma cidade violenta, acho que ainda não, não chega a ser Campinas e acho que nunca vai chegar a ser. Mas eu acho que, quem mora aqui adora, e quer uma qualidade de vida e o condomínio também proporciona isso, não é só a segurança. E também tem a questão de um pessoal com poder aquisitivo maior, então eles querem segurança por mais que não tenham passado por nada.”

Para Ariane os condomínios fechados em Piracicaba proporcionam uma espécie de qualidade de vida que as classes dominantes almejam e que não está associada somente ao fator segurança. Há também o aspecto relativo a um “estilo de vida condomínios horizontais fechados” que essas pessoas consideram ser o ideal, ou seja, liberdade com vigilância, convivência com medição e regras pré-estabelecidas, segregação sócioespacial, tendência de moradia urbana e distinção social. Ou seja, o cercamento, as vigilâncias privadas, a “liberdade” são considerados elementos de status que apenas as pessoas de uma determinada classe social podem vivenciar.

Paulo, outro futuro morador do Alphaville Piracicaba deu o seguinte relato quando refletiu sobre as motivações que o levaram a optar pela moradia condominial fechada:

“Eu sinceramente nunca me vi dentro de um condomínio, eu via as pessoas achava um absurdo ter que ficar pagando condomínio, e nós nunca tivemos problemas com segurança então não tinha muito o porquê. Mas agora a gente começou a pensar, pois tem uma namorada do Régis que mora no ‘Terras’ e a gente começou a ver, tem um sócio meu que também mora no ‘Terras’, e as coisas começaram a chegar mais próximas de nós. Depois, de uns 3, 4 anos começou a dar um *boom* de construção aqui em Piracicaba, então pensamos: não, vamos tentar, pelo menos vamos investir em alguma coisa e depois a gente verifica se vai ou não vai, aí veio o condomínio Alphaville, é lá que a gente vai morar, o Régis (o filho) foi quem mais nos incentivou.”

É interessante observar na fala de Paulo que além do incentivo que pessoas próximas a ele tiveram na sua decisão em adquirir um lote no Alphaville, pois ele não se via morando em condomínios fechados, Paulo percebeu que era no mínimo interessante investir num terreno em algum condomínio horizontal fechado já que este é o negócio na área imobiliária que parece ser mais vantajoso no momento, afinal houve uma grande quantidade de loteamentos fechados sendo construídos em Piracicaba nos últimos anos como visto no primeiro capítulo. Entretanto, há também na fala de Paulo uma questão que remete à tendência imobiliária do momento e esta dentro do circuito daqueles que vivem no que há de mais cosmopolita em termos de moradia urbana em Piracicaba, que para ele são os condomínios horizontais fechados.

Quando indagado, sobre o que ele espera da vida no Alphaville Piracicaba, obtive o seguinte relato de Paulo:

“Segurança, acho que é uma das coisas prioritárias. Imagino que vou ter, eu e minha esposa vamos às atividades do Clube (Clube Alphaville), tem academia, várias atividades, aula de tênis, tem aula na piscina, na parte do futebol tem condicionamento físico, na própria academia com os professores então tem muita coisa para fazer, eu espero que até, eu que sou um pouco mais moroso, mais acomodado, ali perto quem sabe né, faço um pouco mais (de atividade física), então é isso aí, a segurança e o clube.”

Esse relato de Paulo indica que não é apenas segurança que os piracicabanos estão procurando quando se mudam para um condomínio horizontal fechado, afinal como visto em outros relatos do entrevistado, ele não nutria um desejo consolidado pela moradia nesses locais. Porém, como o discurso de maior segurança, maior capacidade de vigilância e controle

de acesso estão inerentemente associados a esses locais através das propagandas e da própria estrutura física desses empreendimentos, os moradores também assumem e incorporam esse discurso, como se a procura por mais segurança fosse a justificativa mais plausível para o pagamento de altas taxas de condomínio e pela própria escolha em viver murado e cercado.

Já Renata, moradora do Terras de Piracicaba II, por outro lado possui uma opinião diferente da de Paulo sobre a questão da violência na cidade de Piracicaba. Abaixo, segue o relato dela sobre os condomínios horizontais fechados na cidade e a violência em Piracicaba:

“Para começar em 2004 todo mundo queria morar em condomínio. Em Piracicaba, já tinham os quatro ‘Terras’, depois começaram os pequenos condomínios. E todo mundo só falava na ‘questão da segurança, questão da segurança’. Piracicaba cresceu muito, e está violenta, a gente vê vários crimes na cidade, muitos roubos, muita invasão de residência. Eu acho que as pessoas foram se interessando pelos condomínios, e a possibilidade de viver dentro de um espaço onde as crianças podem retornar a vida de brincar na rua, de sair na calçada, de você poder andar num lugar onde você tem segurança. Eu acho que foi o que chamou a atenção das pessoas. Por isso que eu falo para você, o público que mora no condomínio é esse público. É o público da minha idade para frente. Ali onde eu morava (casa anterior ao condomínio) nunca tive problemas, nunca! Mas tinha essa coisa da segurança né, a criança crescia nesse período, meu sogro ia passear na casa da família, essas coisas me preocupavam”.

Todavia, Renata também faz críticas ao modelo de segurança dos condomínios como relatado abaixo:

“Eu acho que o processo de entrada no condomínio, o acesso é fácil. Eu acho que a segurança no condomínio deve ser mais elaborada. Eu tenho a impressão que a segurança que a gente tem aqui é mais emocional. Nós temos um vigia com uma moto andando pelo condomínio, acaba sendo mais seguro porque eu acho que a dificuldade de alguém entrar nesse condomínio é mais alta, porque as pessoas vão preferir investir em uma casa, porque numa rua é fácil de entrar. Mas, vamos dizer que alguém tem realmente um foco, de querer roubar alguém aqui dentro, ou sequestrar ou coisa do tipo. Eu acho que a pessoa não terá dificuldade em fazer. Acaba sendo um pouco mais seguro que uma casa normal, porém a sua segurança está na mão de uma equipe de segurança. Se você mora numa casa, você tem condição de se proteger, a segurança é você quem vai investir. No condomínio a gente tem um grupo de pessoas que acabam decidindo isso, mas eu acho que acaba sendo falha a segurança no

condomínio. Mas, eu acho bom viver aqui, a gente pode andar, as crianças podem circular. Acaba sendo mais difícil para entrar, mas minha casa no condomínio tem alarme, tem câmera na casa inteira por dentro e por fora, tem segurança 24 horas, minha casa é monitorada por uma empresa de segurança que eu contrato por fora. Se dispara meu alarme, vem um segurança para saber o que está acontecendo¹⁰⁴”.

Moura (2012) num estudo etnográfico sobre áreas residências muradas em Goiânia diz que os condomínios horizontais são gaiolas de ferro que os seus moradores tentam transformar num castelo de sonhos através da tentativa de combinar necessidade e prazer. No caso dos moradores dessas áreas em Piracicaba, essa interpretação também se aplica, afinal vários entrevistados destacam a possibilidade das crianças brincarem na rua e de deixarem as casas e carros destrancados, algo oposto ao o que aconteceria numa casa na “rua” de acordo com os próprios moradores, além da própria questão a circulação pelo ambiente do condomínio. Entretanto, a moradora Renata quando relata não confiar plenamente no esquema de segurança do condomínio e diz contratar uma empresa para realizar a vigilância de sua casa, ela possui a consciência de que o seu condomínio é uma “gaiola de ferro frágil” e sente a necessidade de se proteger dessas falhas pois não confia plenamente na segurança privada do condomínio. Desta maneira, ela trouxe um hábito das pessoas pertencentes a uma classe social privilegiada e que residem em casas na “rua”, a necessidade de possuírem o seu próprio esquema de segurança, e alega ser este um aspecto positivo de se viver fora do condomínio, isto é, ter o “controle” sobre a vigilância da sua residência. Portanto, ao contrário dos demais entrevistados, Renata ressaltou não confiar plenamente na segurança do condomínio que para ela é falha, segundo a entrevistada o esquema deveria ser melhor, pois ele apenas inibe o possível crime não “protegendo” totalmente.

Todavia, as opiniões de Renata sobre a segurança proporcionada pelo condomínio são posteriores à sua mudança. Em relação às razões que a motivaram a optar pelo Terras de Piracicaba II, obtive o seguinte relato:

“O terreno no condomínio era muito barato na época, porque ninguém acreditava que ia dar certo. E meu sogro comprou dois terrenos para cada filho no “Terras III”. Mas eu tinha uma certa insegurança. E também tinha a questão que eu não queria ir pro Terras III, como o meu sogro comprou dois terrenos para cada filho, eu não achava saudável para a minha família

¹⁰⁴ Renata é a única entrevistada que possui um esquema de segurança particular em sua residência no condomínio.

morar todo mundo junto. Eu achava legal a proximidade, mas morar tudo junto eu não achava legal. Foi quando surgiu a oportunidade de trocar os terrenos por um preço bom e a ideia se tornou um bom negócio. Depois, disso eu achei a ideia boa, porque eu já tinha uma cunhada que morava no III, eu achava bonito o lugar, e comecei a achar que a ideia não era tão ruim.”

Desta maneira, de acordo com o relato de Renata é possível observar que a decisão final pela opção de moradia em um condomínio fechado estava pautada na união de uma série de fatores e negociações que resultaram num “bom negócio” feito pelo marido de Renata. Entretanto, é preciso destacar que os empreendimentos em condomínios horizontais fechados em Piracicaba estavam “engatinhando” nessa época, daí a possibilidade de se realizar investimentos no local.

Já no relato de Ângela também moradora do Terras de Piracicaba II, não constam aspectos sobre uma boa negociação e investimento, as questões mais destacadas pela entrevistada são a segurança e a ausência de barulho. Essas duas características foram importantes para a sua decisão em residir num condomínio horizontal fechado.

“Eu atribuo a minha decisão em morar em condomínio em Piracicaba, porque eu havia vivido em São Paulo, então a gente acabou achando que mais cedo ou mais tarde fôssemos precisar também dessa segurança. Mas tinha os defeitos daqui também, o condomínio é longe. Aqui acaba sendo difícil a locomoção, principalmente no começo, a gente está aqui desde 2001 e veja você, é difícil a locomoção, isso para nós foi difícil, pois a autonomia que os meninos (filhos) tinham quando moravam no São Dimas acabou. Eles faziam as coisas de ônibus, os avós também moravam perto, elas faziam coisas de bicicleta, aí quando veio para cá, eu tive que alugar uma van, pois trabalhava fora e não tinha como levar os meninos na escola. Então, tudo mudou”.

Esse depoimento da Ângela revela que no momento da opção pela residência em condomínios horizontais fechados a tranquilidade proporcionada pela ausência de barulho e os aparatos de vigilância foram elementos que pesaram na decisão da família em mudar-se para o condomínio. Entretanto, Ângela diz ter plena consciência da nova logística de locomoção dos filhos quando mudou-se para o Terras de Piracicaba II e coloca isso como um aspecto negativo o qual dificultou a autonomia de circulação dos filhos pela cidade. Quando eles residiam no bairro do São Dimas, ela alega que os filhos andavam de bicicleta e utilizavam o transporte público, ou seja, usufruíam mais dos equipamentos urbanos, eram

mais integrados à urbes, quando se mudaram para o condomínio essa locomoção tornou-se mais difícil, pois o Terras era mais afastado, transformando também a relação deles com a própria cidade.

Através da análise de algumas falas dos entrevistados sobre os aspectos da segurança e vigilância existentes nos condomínios fechados onde moram, pude interpretar que a questão e dos aparatos de segurança particular e o próprio muro na maioria dos casos são elementos importantes, porém não são os principais motivadores para a escolha da moradia num prédio, num condomínio ou numa casa na “rua”; a segurança aparece, na verdade, como uma questão de status, um aspecto que poucos podem “usufrir”. Entretanto, como essa questão é muito recorrente nos relatos dos “nativos”, a sua abordagem e interpretação nessa pesquisa era essencial.

As páginas seguintes serão dedicadas à interpretação antropológica de uma outra temática bastante abordada pelos entrevistados, o sentimento de “comunidade” existente ou não nesses locais de moradia privadas e cercadas.

3.8 A “comunidade” dos condomínios horizontais fechados¹⁰⁵

“Eu convivo muito com pessoal, com os meus vizinhos, tenho algumas famílias amigas. Toda a semana a gente tem um encontro e fazemos na casa de uma, na casa da outra, ainda tem aquela coisa de sair à noite e de sentar na frente da casa, quando tá calor a gente senta para bater um papo. É muito gostoso esse convívio, às vezes fazemos um churrasquinho, eu acho que isso é bom, é qualidade de vida.” (Antônia, Terras de Piracicaba I).

Esse relato da moradora Antônia revela a existência de uma boa convivência entre os moradores vizinhos no condomínio Terras de Piracicaba I, característica esta considerada como uma experiência positiva e agregadora pela entrevistada. Abaixo segue depoimento sobre esse sentimento de “agregação” realizado pelos condomínios horizontais fechados, segundo a entrevistada:

¹⁰⁵ A convivência entre os moradores dos condomínios horizontais fechados já foi tema de outro subitem deste capítulo. Já esta parte é dedicada à investigação da convivência condominial no intuito de verificar a existência de uma “comunidade” ou não nesses locais.

“Eu acho que as pessoas se mudam, porque olham as pessoas que já moram em condomínios. Muitas amigas vêm à minha casa porque gostam do condomínio, principalmente o “Terras”. O pessoal fala muito, porque realmente foi isso aqui que deu início a tudo, como você pode ver isso tá em pleno vapor, e tão construindo condomínios de todos os tipos agora, em vários lugares da cidade, mas tudo partiu desse modelo do Terras. Mas, eu acho que agora essa questão da segurança, a cidade começou a crescer as pessoas ficam realmente preocupadas, e veem que no condomínio a gente fica mais despreocupada e a tendência é crescer mais. Então, eu penso assim também, e tenho muitas amigas que falam, se eu não for para um condomínio, vou para um apartamento, por causa da segurança. Eu tenho uma amiga que vem aqui e fala, nossa que legal essa convivência, e no bairro que ela mora já não tem, então o povo gosta de vir e acaba querendo.”

Neste depoimento, Antônia diz que um dos pilares do sucesso dos condomínios horizontais fechados é a possibilidade de uma convivência mais próxima com os vizinhos, e este elemento é uma fonte de desejo para as suas amigas não residentes. Neste sentido essas áreas residenciais privadas são símbolos de status social, pois além de serem áreas exclusivas, destinadas às pessoas de um determinado segmento social, elas possibilitam um convívio entre iguais o qual é interpretado por Antônia como qualidade de vida, embora a entrevistada pouco relate sobre os aspectos negativos existentes no condomínio onde ela mora.

Outro entrevistado que relata estar animado com a convivência proporcionada pelos condomínios horizontais fechados é Paulo:

“Nós fomos vendo no Alphaville essa parte do convívio entre os proprietários, fazendo novas amizades, já conhecemos as pessoas que vão morar lá através do clube, é legal essa parte é bastante legal.”

Paulo, como visto anteriormente, citou a questão do Clube do Alphaville como um aspecto positivo da vida condominial fechada. Neste sentido, tanto Antônia quanto Paulo associam os aspectos relativos à convivência entre os condôminos como um elemento que proporciona qualidade de vida e bem-estar.

Através do relato de Paulo, observa-se que viver em condomínios horizontais fechados faz parte do projeto de felicidade (VELHO, 2010) das pessoas que residem e daqueles que almejam morar nessas áreas, pois para essas pessoas residir nos empreendimentos “da moda” é um símbolo de distinção social, em que um complexo de

valores ligados à qualidade de vida, bem-estar e consumo são associados a um reconhecimento social.

Outro fator que fortalece a questão do reconhecimento social envolvida nos condomínios horizontais fechados, mais especificamente no caso dos empreendimentos “Terras de Piracicaba” é a existência de um jornal mensal de circulação interna chamado “Jornal do Terras”. Neste jornal interno há, apenas, dois cadernos destinados aos assuntos relativos aos condomínios “Terras”: o caderno, *Condomínio*, em que são encontradas notícias sobre moradores “ilustres” e novidades sobre os condomínios, e *Clicks*, o qual é uma coluna social dos condomínios “Terras”. Os demais cinco cadernos são dedicados aos seguintes temas: mulher, mix (cultura e gastronomia), arquitetura, motos (veículos), prime (carreira, marcas de luxo, direito). Ou seja, este jornal interno veicula temáticas que os editores acreditam ser de interesse dos moradores dos condomínios Terras e que refletem o estilo de vida, a visão de mundo¹⁰⁶ dos condôminos.

Em relação à circulação de informativos, jornais e revistas sobre os condomínios horizontais fechados, Moura (2012) destaca a existência de uma comunidade imaginada veiculada nesses periódicos. Embora, o jornal não traga muitas informações sobre o cotidiano dos condomínios e do próprio caderno *Clicks* não conter, apenas, fotos de eventos realizados nos “Terras”, mas de acontecimentos ocorridos em outros locais da cidade, a própria existência de um informativo desse porte com as temáticas que são abordadas, é um indicativo da tentativa de dotar esses condomínios de elementos identitários cujo objetivo é promover a existência de uma “comunidade” de moradores.

Entretanto, apesar de alguns entrevistados reconhecerem a existência dos símbolos de distinção proporcionados pela residência em condomínios horizontais fechados, como o Jornal do “Terras” por exemplo, nem todos os entrevistados acreditam na existência de uma “comunidade” e nem mesmo de uma convivência “informalizada” nos condomínios onde moram. Abaixo seguem os depoimentos das entrevistadas Rita e Renata sobre essa questão da convivência em seu condomínio:

¹⁰⁶ O Jornal do “Terras” possui distribuição gratuita nos cinco condomínios Terras de Piracicaba. A sua edição é feita pela editora de um morador do condomínio Terras de Piracicaba II e pode veicular notícias sobre assuntos de interesse e ao estilo de vida dos moradores, ou temas que “deveriam” refletir o estilo de vida dos moradores desses locais. É importante ressaltar que a Editora do Jornal do “Terras”, Luxor Editora, também é responsável pela edição de outros quatro jornais de condomínios horizontais fechados em Piracicaba: Jornal do Alphaville Piracicaba, Jornal do Engenho, Jornal Residenz e Jornal do Colinas.

“A convivência em si, ela tem pontos negativos, mas isso é só nos condomínios, tem sempre aquele vizinho que reclama que não gosta de barulho, aquele outro que implica com o cachorro, mas isso eu acho que não é mérito do condomínio.” (Rita, Terras de Piracicaba II)

“Eu acho negativo, porque a gente vem para um condomínio achando que vai fazer amizades, que vai botar a cadeira na rua de novo, igual à gente fazia e não é a realidade. Não nesse tipo de condomínio (com lotes grandes e uma grande quantidade de casas). Aqui você tem casas muito grandes e você continua entrando e saindo, sem muito contato com as pessoas, é como se você morasse num prédio. Essa é a minha experiência, pode ser que algumas pessoas tenha um convívio, mas aqui na minha casa não. Só tem o que eu te falei, alguns amigos que eu já conhecia antes de morar aqui.” (Renata, Terras de Piracicaba II)

Rita relata que pouco convive com outros moradores, ela vai pouco às confraternizações do condomínio e justifica esse comportamento devido ao trabalho que exige muito dela. Porém, através do relato da moradora Renata, observa-se que além dela não possuir muitas redes sociais que surgiram em função da moradia no condomínio, a mesma também destaca que o contato que ela possui com outros condôminos existe em função de uma convivência anterior à residência no condomínio; fato este que é muito comum entre os moradores dos condomínios piracicabanos. Além do relato acima, Renata também expressou a seguinte opinião quando questionada sobre o seu relacionamento no condomínio:

“Quando eu morava no outro condomínio, a sensação que eu tinha lá, como era um condomínio menor, era que as regras eram mais bem cumpridas, o que era regra, era regra para todo mundo, quando alguém fazia alguma coisa errada o pessoal do condomínio já chamava, tinham regras muito bem definidas. Quando a gente veio para cá, a gente começou a perceber que o condomínio é muito grande e tem uma administração falha”.

Embora Renata não tenha respondido diretamente ao questionamento, fica claro que para ela um bom convívio entre vizinhos está pautado no cumprimento das regras por todos. Desta maneira, a entrevistada relata que as regras não são cumpridas por todos e que o “controle” exercido pela administração do condomínio é falho, o que prejudica a sua relação com a maioria dos vizinhos. A moradora possui uma fala interessante sobre essa questão do cumprimento das regras:

“Então, a gente veio para cá e percebemos que nós mudamos de padrão. Nós estávamos num condomínio onde as casas eram iguais, então não tinha diferença entre uma casa e outra. Aqui

você tem muitas casas, de formas, de tamanhos diferentes e você vê que está num lugar de pessoas de poder aquisitivo maior. Aí você percebe que quando a gente tá num ambiente onde tem pessoas financeiramente bem, as leis acabam mudando pouco, fica mais difícil você colocar uma regra.”

Essa fala da Renata é importante, pois para ela, morar em um local onde as pessoas tem um poder aquisitivo maior, é residir em um lugar onde as regras não serão totalmente cumpridas, ou seja, os acordos coletivos quando elaborados não são cumpridos por todos. De certa maneira, os moradores desses locais não veem as ruas e espaços de lazer e convívio do condomínio como espaços coletivos, o simples fato de ser “fechado” para as pessoas que ali não moram, dota o lugar de outro significado em que os residentes veem a rua e os outros espaços de convívio como o “seu” espaço. Além disso, Renata relata que o tamanho das casas provoca um isolamento entre os vizinhos, o que contribui para a baixa convivência entre eles, fato este que não ocorria no antigo condomínio de casas iguais, ou seja, as dimensões das residências são um elemento de distinção¹⁰⁷ no mundo intramuros.

Sobre as dimensões das casas e como isso pode afetar o relacionamento entre os vizinhos, a moradora Ângela, também residente do Terras de Piracicaba II, possui o seguinte depoimento:

“Sabe, quando a gente veio morar aqui tinham algumas casas que já estavam prontas, feitas pela construtora e estavam para vender, então eu não construí a minha, quando eu comprei ela já estava pronta. E por ser uma casa menor, mais simples e que nós não construímos desde a fundação, eu acho que isso fez com que algumas pessoas, também moradores mais antigos, não quisessem se relacionar com a gente”.

Através deste relato de Ângela é possível perceber “regras” de distinção dentro do próprio condomínio Terras de Piracicaba II, ou seja, não basta residir no mesmo condomínio, é preciso comprar o lote, conhecer as pessoas e construir uma casa enorme. Além disso, essa fala mostra a heterogeneidade das pessoas que vivem nesses locais, e por mais que as propagandas desses empreendimentos valorizem e vendam um “estilo de vida condomínios horizontais fechados” baseados na maior homogeneidade possível entre os moradores, existe um quadro de heterogeneidade sociocultural constitutivo da própria vida social, que permite e produz leituras e interpretações variadas (VELHO, 2010) mesmo num espaço destinado à

¹⁰⁷ A categoria de distinção é utilizada de acordo com interpretação de Pierre Bourdieu (1976)

convivência de pessoas de classes sociais mais altas, ou seja, a homogeneidade social é impossível.

Entretanto, Ângela quando questionada sobre a sua convivência dentro do condomínio, fornece o seguinte depoimento:

“Hoje em dia, realmente a gente tem se tornado mais íntimo dos vizinhos, no começo também teve isso, quer dizer no início foi mais fácil. Então, todo mundo que estava aqui e eram poucas casas a gente fez amizade, mas não chegamos a ser próximos uns dos outros. Assim, alguns vizinhos eles conseguiram fazer um grupo que se frequenta, esse foi de pessoas que tem crianças da mesma idade, então eu entendi que foi isso que aglutinou esse pessoal. Então, eles fizeram amizades aqui no condomínio, mas, eu é assim um ou outro vizinho que eu tenho mais amizade. Mas, de uma maneira geral, eu frequentei casas de alguns vizinhos, assim eu fui num churrasco, e entrei na casa de um, de outro esporadicamente. Hoje em dia, com um ou outro vizinho, eu sinto que eu posso contar mais, posso dizer que são mais do que vizinhos só de cumprimentar, tem uns três ou quatro, mais do que isso não, e também é mais no quarteirão mesmo, ou se a gente já tem algum vínculo fora do condomínio, então, por exemplo, tem uma moça que é minha colega de banco, mas nada da família dela frequentar a minha casa”

Ângela relata que apesar de não possuir muitas redes de amizades no condomínio ela reconhece que existem pessoas que se “frequentam” e possuem um vínculo de amizade maior em função de morarem no mesmo condomínio. Entretanto, para ela essa rede de convivência está baseada na existência de crianças nas diversas famílias, e por isso possuem assuntos em comum em função dos filhos e da própria moradia no condomínio. Além disso, Ângela diz que não possui amizades no condomínio por ser mais introspectiva e não frequentar a casa dos vizinhos; a entrevistada também relata que existe certa diferenciação, isto é, uma baixa convivência entre aqueles que moram no condomínio desde o início e aqueles os quais chegaram mais recentemente, provocando assim uma diferença entre os “veteranos” e os “calouros” do condomínio, os moradores mais antigos “se valorizam” em relação aos “novatos”.

Andrade (2006) num estudo sobre os condomínios horizontais fechados de Nova Lima/ MG, revela a existência de uma rivalidade entre os moradores antigos e os novatos. Segundo a pesquisadora, os “veteranos” acusam os novatos de não participarem dos eventos

do condomínio, não promoverem encontros na casa dos vizinhos e não irem às reuniões da associação de moradores, o que atrai os novos moradores é simplesmente a infraestrutura do condomínio e não a convivência intramuros. Abaixo segue um pequeno trecho da relação entre os moradores mais antigos com os mais novos:

“O conceito de estilo de vida ou modos de vida aqui utilizado e já desenvolvido pelos cientistas sociais é uma forma de diferenciar o grupo (um estamento ou grupo de status) em relação a outro (WEBER, 1991, p.202), uma forma de expressão da individualidade (SIMMEL, 1998), da auto identidade (GIDDENS, 2002, p.80) e também das posições sociais (BORDIEU, 2001). Os estilos de vida, como a moda analisados por Simmel (1995), tem o poder de aproximar os iguais e afastar os diferentes, ou seja, de associação e dissociação. Os moradores mais antigos, ainda que por orientações diferentes, partilham uma afeição às qualidades naturais do lugar e às relações próximas entre si, que descrevem como constituindo uma espécie de comunidade, mas que não encontram correspondência nas atitudes e valores dos moradores mais novos. Estes (na representação dos antigos) procuram condomínios porque se tornaram moda e símbolos de status. (ANDRADE, 2006, p. 324).

Norbert Elias e Scotson (2000) em *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* também realizaram um estudo sobre a relação entre um grupo já estabelecido desde longa data e um grupo de residentes mais novos na pequena comunidade de Winston Parva, de acordo com os autores os conflitos entre os dois grupos acontecia devido à exclusão e estigmatização dos outsiders pelo grupo de “veteranos”. Esse cenário aconteceu em função do índice de coesão mais alto que o grupo de moradores mais velhos possui em detrimento dos novatos, além disso, os autores dizem ser este nível de coesão que contribui substancialmente para o seu excedente de poder. No caso dos condomínios Terras de Piracicaba, a questão entre os “veteranos” e os “novatos” está baseada numa coesão maior entre o grupo “veterano”, pois eles sentem que também fazem parte do sucesso e da valorização dos condomínios, já os novos moradores chegaram com tudo mais estruturado, com tudo de certa maneira “pronto”. Neste sentido, a exclusão não acontece devido ao estilo de vida diferenciado, ou por categorias de inferioridade humana (2000 p. 23) baseadas na questão racional, credo religioso ou pelo nível econômico inferior, por exemplo, a estigmatização acontece devido ao sentimento de virtude superior que os moradores “veteranos” atribuem a si. A fala abaixo, da moradora do Terras de Piracicaba II, Maria de Lurdes, reflete bem essa ideia:

“Então, teve uma valorização estrondosa (o condomínio), eu digo que foi o melhor negócio da minha vida (comprar os lotes), porque eu paguei um precinho muito pequeno. Olha para você ter uma ideia, me recordo na época de uma pessoa próxima à família do meu marido que tinha saído do emprego que ela trabalhava e tinha recebido um bom dinheiro, eu falei para ela porque você não compra lá (no Terras II)? E ela falou você é louca de ter comprado aquele terreno no meio do mato, e ela comprou aqui no castelinho que é um bairro mais próximo e tal, ela pagou mais caro que eu na época, e eu acho que ela se arrependeu e muito, porque aqui começou aquele *boom* aquela valorização e o dela não digo que estagnou, mas assim, é um negócio muito mais difícil que aqui.”

Esse relato evidencia que os condomínios Terras de Piracicaba I e II chegaram de uma forma tímida à cidade e conseguiram se consolidar graças às apostas dos compradores que acreditaram que aquele empreendimento poderia se concretizar e valorizar, ou seja, ele realmente foi um bom negócio¹⁰⁸. Além disso, os moradores mais antigos tinham a possibilidade de “trazer” o seu círculo de amizades e parentes para o condomínio, o que para os novatos é mais difícil de realizar dado o valor das casas e lotes. Abaixo segue relato de Maria de Lurdes sobre esse fato:

“Nós compramos um lote, e eu acabei convencendo o meu irmão a comprar do outro lado, ele comprou, eu comprei um e ele comprou outro, mas ele comprou meio que contra a vontade dele, porque surgiu outro condomínio perto do bairro onde ele morava, aí ele falou, ‘vou comprar lá porque estou acostumado com o bairro e tem os meus vizinhos que compraram’, e resolveu comprar lá. Então, em condomínio tem muito disso, você compra e acaba trazendo o seu círculo para aquele condomínio, isso eu observo bastante.”

É importante ressaltar que outros entrevistados também relatam essa situação; a entrevistada Renata, por exemplo, mora no mesmo condomínio que alguns amigos, além disso, o sogro havia comprado lotes para todos os filhos; Paulo, também foi convencido pelo filho a comprar um lote no Alphaville, condomínio este onde o filho e a nora, Ariane também estão construindo. Além disso, Paulo relata que um sócio seu também está construindo no Alphaville Piracicaba e outro sócio também já mora em outro condomínio horizontal fechado.

Sendo assim, como visto nas páginas anteriores, o mundo dos condomínios horizontais fechados não é homogêneo, pelo contrário, os moradores desses locais possuem

¹⁰⁸ Os entrevistados relatam que em 1998 e 1999 era possível comprar um lote nos Terras de Piracicaba I e II por cerca de R\$10.000, atualmente um terreno nesses condomínios custa cerca de R\$250.000.

suas particularidades, com pontos em comum, é claro. Desta maneira, através da análise das entrevistas em “profundidade” e dos discursos foi possível identificar os motivos que levaram essas pessoas a optarem pela residência em condomínios horizontais fechados. Além disso, através da leitura dos discursos dos moradores também foi possível identificar o estilo de vida e a visão de mundo dos entrevistados no que diz respeito à opção de moradia, que apesar de não configurar um grupo homogêneo, os discursos são de certa forma próximos, configurando assim uma afinidade entre as visões de mundo e estilos de vida dos entrevistados .

Essa interpretação possibilitou observar também que as transformações urbanas e a maneira como a cidade vai se construindo também influencia nas opções de residência dos indivíduos. Por fim, sem a intenção de adiantar as considerações finais dessa dissertação, também foi observado que os aspectos relativos à segurança proporcionados pelos condomínios horizontais fechados, aparecem como elementos secundários na decisão para mudança de residência.

Enfim, as próximas páginas dessa dissertação são dedicadas às considerações finais em que as conclusões sobre as motivações pela escolha de residência em áreas residenciais fechadas serão apresentadas, além da apresentação sobre a relação entre as motivações investigadas e as transformações urbanas ocorridas na cidade de Piracicaba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possui a perspectiva de compreender os processos históricos recentes referentes à urbanização piracicabana, a fim de entender a relação que os piracicabanos moradores de alguns condomínios horizontais fechados possuem com a cidade e com o próprio condomínio onde residem. As relações com a cidade e com local onde se vive são comumente desconsideradas por aqueles que estão inseridos na vida cotidiana do local, pois os arranjos espaciais são tidos como espontâneos ou invisíveis.

Desta maneira, sem a pretensão de esgotar as possibilidades de análise, busquei a partir do conteúdo histórico desta dissertação exposto nos capítulos 1 e 2 analisar os agentes de transformação do espaço urbano e como essas alterações estavam associadas ao estilo de vida e visão de mundo desses atores sociais, além disso, busquei tornar visíveis algumas das relações entre os modos de vida e os espaços sociais da cidade.

Neste sentido, esta pesquisa pôde mostrar que as elites piracicabanas moldam o espaço urbano através de sua visão de mundo e estilo de vida desde meados do século passado. Portanto, o *ethos* cosmopolita, a “metrópole interiorana” e o próprio “estilo de vida condomínios horizontais fechados” são categorias de análise “nativas” utilizadas para entender os processos de urbanização que ocorreram em Piracicaba. Desta maneira, o *ethos* cosmopolita da elite canavieira piracicabana “guiou” as reformas progressistas nos anos 50 e 60 ocorridas na cidade cujo objetivo era “moldar” a “metrópole interiorana”. O objetivo do capítulo 1 é mostrar que desde os anos 50 o padrão de urbanização piracicabano é moldado pela “aparência” de metrópole que as elites canavieiras querem imprimir à cidade, e que esta necessidade de semelhança não terminou com a queda do Edifício Luiz Queiroz, o qual representou o fim das reformas modernistas em Piracicaba. Vimos nos capítulos 1 e 2 que embora o padrão progressista de urbanização tenha sido superado na década de 70 e que algumas construções dessa época já possuíam um apelo global, as alterações urbanas “guiadas” pela semelhança com a metrópole continuaram e a própria construção avassaladora de condomínios horizontais fechados e prédios reflete esse padrão, mesmo que tardiamente.

Fora visto no início do capítulo 3 que a construção de condomínios horizontais é uma tendência mundial desde a década de 60, isto é, eles são tipos de moradia recentes e os

estudos urbanos já os possuem como objeto de análise desde o início de suas construções. Porém, no caso particular de Piracicaba, devido ao aspecto tardio da chegada desses empreendimentos à cidade, o qual pode ser relacionado à relação que as classes altas da cidade tinham com os prédios os quais tiveram o seu desenvolvimento comprometido devido à queda do “Luiz de Queiroz”, as classes altas da cidade simplesmente perceberam outro modo de moradia bastante comum na região metropolitana de São Paulo e na própria capital que já existia há anos e estava chegando à Piracicaba, além disso, desde o início da produção dos condomínios horizontais fechados eles são considerados um “bom negócio” os entrevistados. Ou seja, a recorrência aos elementos urbanos oriundos da metrópole é comum aos piracicabanos até os dias atuais.

Neste movimento, como observado através das entrevistas no capítulo 3, a casa “da rua” passa a ser um modelo de moradia ignorado e torna-se fonte de temores pela grande maioria dos entrevistados. Além disso, a chegada avassaladora dos condomínios horizontais fechados à Piracicaba muda a relação dos habitantes com o município, pois eles também influenciaram a imagem de medo que os entrevistados possuem da casa da rua. Como observamos através das entrevistas, a questão da segurança e o próprio medo do crime violento não são as principais razões que efetivaram a escolha dos entrevistados para os condomínios horizontais fechados, entretendo o “discurso” da segurança, da proteção e vigilância privada transformaram claramente a imagem que os informantes possuem da casa “da rua”; aquela morada a qual era comum a todos os entrevistados, afinal todos eles já haviam residido anteriormente em casas, a rua transformou-se no possível local da violência, em que o contato direto com a via pública pode expor os moradores à barbárie.

Vimos no capítulo 1 e 2 que através de notícias sobre a urbanização e “prosperidade” de Piracicaba, a elite da cidade queria se distinguir das cidades vizinhas do interior. Neste sentido, as reformas urbanas ocorridas e a maneira como a sociedade piracicabana queria ser “vista” são interpretados como elementos de distinção. Sendo assim, observamos ao longo dessa dissertação que o estilo de vida e visão de mundo são categorias que influenciaram a urbanização. Entretanto, não é possível dizer que todas as alterações urbanas ocorridas em Piracicaba da segunda metade do século XX até os dias atuais são frutos do modo de vida das elites piracicabanas, existem conjunturas econômicas e políticas que influenciam esses processos, como fora abordado nos dois primeiros capítulos dessa dissertação. Além disso, vimos que se num primeiro momento fora a elite canavieira quem

“ditou” as mudanças urbanas de acordo com o seu modo de vida e visão de mundo nas décadas de 50 a 70 do século passado, mais recentemente a elite emergente que tem tomado a frente nesse processo, ou seja, embora esse estudo não tenha a intenção de classificação das diversas “elites”, atualmente o grupo que influencia a urbanização piracicabana é a elite tida como “emergente” o que muda a configuração urbana.

Neste sentido os condomínios horizontais fechados tornaram-se a morada ideal para as pessoas do seguimento social elitizado, em que estão incluídos todos os entrevistados, afinal, seguindo os próprios informantes, esse tipo de moradia privada e “coletiva” possibilita o “condensamento” de atividades antes vinculadas ao clube, ao sítio e a casa “da rua” na residência do condomínio. Ou seja, esse é outro aspecto da mudança na relação com a cidade que eu atribuo aos condomínios horizontais fechados; através da fala dos entrevistados, foi possível interpretar que antes da mudança para os condomínios alguns entrevistados já possuíam o desejo de morar numa casa com uma área de lazer equipada e mesmo aqueles que não possuíam esse desejo deixaram de frequentar outros espaços, pois eles possuem uma área de lazer particular, portanto, outros espaços de sociabilidade que antes eram comuns passaram a ser ignorados, provocando uma nova relação com o próprio espaço urbano.

De acordo com Sahlins (1976), a necessidade ou desejo de habitar uma casa com área de lazer particular, por exemplo, seria uma determinação dos valores de uso, pois um “tipo específico de construção habitacional é feita para um tipo específico de lar, isso representa um processo contínuo de vida social na qual os homens reciprocamente definem os objetos em termos de si mesmos e definem-se em termos de objetos” (1976,p. 169). Ou seja, o sucesso dos condomínios horizontais fechados, não é baseado apenas na valorização imobiliária do espaço, mas também no “estilo de vida condomínios horizontais fechados” que através da construção das residências também contribui para a tipificação dos lares ali existentes.

Neste sentido, Sahlins nos mostra que a produção deriva de uma intensão cultural:

“A produção, portanto, é algo maior e diferente de uma prática lógica de eficiência material. É uma intenção cultural. O processo material de existência física é organizado como um processo significativo do ser social - o qual é para os homens, uma vez que eles são sempre definidos culturalmente de maneiras determinadas, o único modo de sua existência” (1976, p. 169).

Ou seja, a intensão para a produção avassaladora de condomínios horizontais fechados em Piracicaba não é uma questão puramente econômica, é de fato uma intensão cultural, nos termos de Sahlins. E como a urbanização é também um aspecto cultural, esta intensão também está associada aos fatos históricos que influenciaram a urbanização da cidade de Piracicaba. Ou seja, o sucesso dos condomínios horizontais fechados em Piracicaba não está pautado apenas nos aspectos econômicos que esse tipo de empreendimento pode gerar e no “estigma” do medo presente nas cidades grandes e médias brasileiras. No caso de Piracicaba, o sucesso inicial desses empreendimentos também aconteceu por ser um modelo de moradia já consolidado em grandes cidades brasileiras e que estava finalmente chegando à Piracicaba; como visto nos capítulos 1 e 2 as características da urbanização e o modo como às elites piracicabanas se relacionam com a casa é influenciado pelas tendências e práticas existentes nas metrópoles, esta é uma característica das elites piracicabanas. Por isso, o sucesso dos condomínios horizontais fechados na cidade é enorme, pois reflete aspectos culturais das classes mais altas piracicabanas desde meados do século XX, neste sentido o apelo econômico desses empreendimentos acontece devido aos aspectos culturais envolvidos no processo de urbanização, moradia e relação que os indivíduos possuem com a cidade.

Desta maneira, a ideia de metrópole interiorana ainda não foi superada pela população das classes mais altas piracicabanas e ela se reproduz no uso dos espaços atuais da cidade, isto é, a cidade muda e se transforma também de acordo com os “novos” usos que as pessoas fazem da casa, por exemplo, a diminuição da frequência de idas ao clube, o desejo de possuir novas casas com áreas de lazer bem equipadas, a própria saída de um bairro indesejado e a ideia de que a manutenção da casa é maior do que a de um apartamento são novas relações que surgem em funções das transformações urbanas, mas que também contribuem para a emergência de novas relações das pessoas com a sua moradia e consequentemente com a cidade.

Por fim, este estudo não possui a intensão de encerrar a discussão sobre formas de moradias urbanas e a relação com a cidade baseada na elite piracicabana, pelo contrário, esta pesquisa tem a intensão de evidenciar a importância dos estudos que dialoguem com a experiência do que é público e do que é privado para os indivíduos em diferentes cenários. Os condomínios horizontais fechados foram aqui escolhidos, pois os seus habitantes podem mostrar como se dá essa relação entre moradia particular e o uso do espaço público numa

cidade média, campo este que vem sendo mais bem pesquisado pelos estudos urbanos, dado a importância que as cidades médias vêm adquirindo nos cenários políticos e econômicos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Luciana Teixeira. “Estilos de vida nos condomínios horizontais fechados”. In: Frágulo Jr, Heitor & Andrade, Luciana Teixeira & Peixoto, Fernanda (orgs.). *“As cidades e seus agentes: práticas e representações”*. Belo Horizonte: Ed. PucMinas e Edusp, 2006, pp.305-329
- AUGÉ, Marc. *Não - lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BILAC, Maria Beatriz & GOLDSCHIMIDT, Marília & PADILHA Daniel Alvez & TERCI, Eliana T & VIEIRA JUNIOR, Adevaldo (Orgs.). *Desconcentração industrial: impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970-1990)* Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005.
- BILAC, Maria Beatriz. *Piracicaba – acervo de publicações especializadas e dossiê de informações regionais*: NPDR/ UNIMEP, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. “Gostos de classes e estilos de vida”, in: Ortiz, Renato (org). *Peirre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: ZOUK/Edusp, 2007.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed, Edusp, 2000.
- CAVALCANTI, Mariana “S/ morro, varandão salão 3 dormitórios: a construção social do valor em mercados imobiliários. In: Antropolítica (UFF), v.28, pp. 19-46, 2010.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1965.
- DURHAN, Eunice. “A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas”. In: Cardoso, Ruth (org). *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e terra. Antropologia, 2004, pp. 17-37.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GEERTZ, Gliffort. “Ethos, visão de mundo e análise dos símbolos sagrados”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008 (1989), pp. 93-106.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Monumentalidade e cotidiano. Os patrimônios culturais como gênero de discurso”. In: Luppi, Lúcia (org.). *Cidade, história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002, pp. 108- 123.

GUIMARÃES, Denise Adell de Freitas. *A decoração nas residências de elite: a produção material e simbólica dos espaços da casa*. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

INSTITUTO PÓLIS (Brasil). Revisão do Plano Diretor de Piracicaba. Piracicaba, 2003.

JACOBS, Jane. *Morte e vida nas grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (1961).

LANDIN, Paula da Cruz. *Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

LEFEBVRE, Henri *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 1991.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. *Sujeitos e objetos do sucesso: antropologia do Brasil emergente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

LOW, Setha. *The Edge and the center: Gated Communities and the discourse of urban fear*. In: *American Anthropologist*, vol. 103 nº1. Março, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Quando o campo é cidade: fazendo antropologia na metrópole”, in: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Luca (Orgs.). *Na metrópole – Textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. “Rua, símbolo e suporte da experiência urbana”. In: *Cadernos de história de São Paulo 2, jan/dez*. São Paulo: Museu Paulista – Usp.

MARTINS, Lília & GALLO, Zildo “A qualidade do crescimento econômico: uma reflexão sobre o caso de Piracicaba. In: Terzi, Eliana (org.). *O desenvolvimento de Piracicaba: história e perspectivas*. Piracicaba: Ed. Unimep, 2001, pp. 127-168.

MOURA, Cristina Patriota. *Condomínios fechados no Brasil Central. Expansão urbana e antropologia*. Brasília: Editora UNB, 2012.

NAPOLEÃO, Patrícia & CASTRO, Flávio. “Análise espacial da criminalidade urbana e das condições de vida na região administrativa de Campinas (SP) no ano de 2000” In: Gerard, L H O & Carvalho P F (orgs) *Geografia: ações e reflexões*. <http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2006/analise.pdf>, 2006.

O'Donnell, Julia. *A invenção de Copacabana. Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

OLIVEIRA, Marcelo “Avenida Paulista: a produção de paisagem de poder”. In: Arantes, Antonio (org) *O espaço da diferença*. Campinas: Ed. Papirus, 2000, pp. 206-255.

PERES, Maria Thereza Miguel “Piracicaba: Imagens da modernidade na década de 1950” In: Terci, Eliana Tadeu (Org.) *O desenvolvimento de Piracicaba: Histórias e Perspectivas* Piracicaba, Ed. UNIMEP, 2001, pp85-124.

PICCHIA, Pedro Del. *A batalha da Colina (a democracia chega à Piracicaba)*. Piracicaba: coleção MPGD, 1991..

PULICI, Carolina Martins *O charme (in) discreto do gosto burguês paulista: Estudo sociológico da distinção social em São Paulo*. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003 (1976).

TERCI Eliana Tadeu e PERES Maria Thereza “Ascensão da agroindústria canavieira paulista: o caso de Piracicaba no início do século XX”. *Organizações Rurais e Agroindustriais*, Lavras, v. 12, p-445-456, 2010.

TERCI Eliana Tadeu, BILAC Maria Beatriz, MAESTRELLO Ana Paula, PADILHA Danieli. *Piracicaba. A aventura desenvolvimentista (1950-1970)*. Piracicaba: Ed. Unimep, 2001.

TERCI Eliana Tadeu, BILAC Maria Beatriz, GOLDSCHIMIDT Marília, PADILHA Danieli, VIEIRA Jr Adevaldo . *Desconcentração Industrial. Impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970-1990)*. Piracicaba: Ed. Unimep, 2005.

VELHO, Gilberto *A utopia urbana. Um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. “Cultura subjetiva e projetos de felicidade”, in: Freire Filho, João (org). *Ser feliz hoje. Reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp.227-238.

_____. “Metrópole, cosmopolitismo e mediação”, in: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 16, n.33 jan/jun 2010, 2010 pp.15-23.

ZUKIN, Sharon. “Paisagens do século XXI: notas sobre mudança social no espaço urbano”, in: Arantes, Antonio (org) *O espaço da diferença*. Campinas: Ed. Papirus, 2000, pp. 104-115.

_____. “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder”, in: Arantes, Antonio (org) *O espaço da diferença*. Campinas: Ed. Papirus, 2000, pp. 80-103.

Outras referências:

<http://www.acervofolha.com.br>

<http://www.alphavillepiracicaba.com.br>

<http://www.coisasantigas.wordpress.com.br>

<http://www.fotospiracicaba.blogspot.com.br>

<http://www.ibge.gov.br>

<http://www.ipplap.com.br>

<http://www.saopauloantiga.com.br>

http://www.veja.abril.com.br/110398/p_070.html.